

# Desejar, Falar, Trabalhar

Ana Magnólia Mendes



Faço um convite aos leitores a ‘cair na real’ nesta experiência com o real do trabalho. Aviso de antemão que neste mar a navegação não é leve e tranquila, por demasiadas vezes, se apresentarão ondas em rebordosas, especialmente quando nos confrontamos com a narrativa sobre o poder do discurso capitalista colonial e suas práticas de gestão para a “morte” do sujeito. É desses livros cuja narrativa é seca e cortante, mas que nos invoca a prosseguir na imensidão dos seus meandros. Ousaria também dizer que é uma espécie de bússola (instrumento pouco usado atualmente como elemento de localização de ‘nortes’), mas que precisa ser revisitado como tal, já que a totalidade de sua precisão geográfica é uma aposta, um risco ou um ‘quase isso’, assim como desejar. Talvez seja este instrumento que o clínico necessite ter no bolso para guiá-lo neste mar de desamparo e do vazio que é o trabalhar. É um livro que nos lança, como a um barco, em travessia e deixo ele mesmo convocar os leitores à navegação: “Não tem como saber antes de se fazer na experiência com o real, é a improvisação do trabalho, é se lançar no trabalho vivo, é buscar a nota azul, é trabalhar.” Desejo bons ventos!

Julia Mendes Pinheiro

Se você está buscando fórmulas prontas ou um mestre que lhe diga que caminhos percorrer, devolva este livro para a prateleira. Esta obra não lhe oferecerá dicas, listas de ‘como fazer’ e tampouco protegerá você do sentimento de desamparo e castração que a vida impõe a quem por ela se aventura. Esta narrativa é um convite a pensar sobre a voz do Outro que habita em nós. O desafio de ler, compreender e interpretar uma carta cheia de segredos. Um conteúdo incômodo que exige ser revelado. Algo que pode ser causa de tormento e sofrimento, pois impossibilita o sujeito de reconhecer a sua falta e o seu desejo. Paradoxalmente, pode ser um relato libertador e abrir uma infinidade de novos caminhos e perspectivas. Na maioria das vezes, quem procura um mestre espera receber receitas prontas, fórmulas mágicas ou conhecer um caminho seguro. Contudo, as ‘soluções de prateleira’ limitam-se a adaptar o indivíduo e definir o caminho a ser percorrido. Os conflitos permanecem latentes à espera de uma nova eclosão. Essa atitude assume aspectos deletérios à saúde mental, pois impede o indivíduo de enfrentar o descontentamento dentro de si e criar meios de tratar suas limitações. Este livro desconstrói juízos e verdades totalizantes. Desafia códigos únicos e monolíticos. Propõe maneiras de entender as relações do sujeito com o mundo que o circunda. Pensa sobre o indivíduo dependente da natureza e da convivência social – refém das visões e interpretações próprias, dos preconceitos e olhares alheios. A autora lança a dúvida sobre o pensamento autônomo do sujeito, livre de enunciados estereotipados, como árvores que escondem no bosque a realidade do seu funcionamento e disfunções. Ousa duvidar de um discurso ilusionista com uma autoridade precária e fugaz, para apropriar-se da ética consigo. Direciona o olhar para o vazio da existência. Acredita que isso é desistir da pseudorealidade e tratar o real de uma forma diferente. Assim, oferece ao leitor meios para descobrir um modo autêntico de escrever a própria história, abandonando o lugar de objeto para tornar-se o sujeito de si. A ética do sujeito envolve se graduar e se diferenciar em seus diversos modos de manifestação, reconhecendo a incompletude para evitar desistir de si mesmo. Neste livro, Ana Magnólia Mendes provoca, desafia, contradiz e prepara um solo fértil para que cada leitor lance suas próprias sementes e possa tomar conta de seu singular jardim interior.

Luciane Kozicz Reis Araújo



 editora fi  
www.editorafi.org

**Desejar, Falar, Trabalhar**



*Série*  
**Transgressões:**  
*estudos sobre trabalho*

---

**Diretor da Série**

Prof. Dr. Emílio Peres Facas  
Universidade de Brasília (Brasil)

---

**Comitê Editorial Científico**

Profa. Dra. Ana Magnólia Mendes  
Universidade de Brasília (Brasil)

Profa. Dra. Andrea Pujol  
Universidad Nacional de Córdoba (Argentina)

Profa. Dra. Ana Teresa Martins Ferreira Oliveira  
Instituto Politécnico de Viana do Castelo (Portugal)

Prof. Dr. Caio Sgarbi Antunes  
Universidade Federal de Goiás (Brasil)

Prof. Dr. Jean-Michel Vives  
Université Côte d'Azur (França)

Prof. Dr. João Batista Ferreira  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)

Profa. Dra. Joana Alice Ribeiro de Freitas  
Universidade Federal de Goiás (Brasil)

Prof. Dr. João Areosa  
Universidade Nova de Lisboa (Portugal)

Prof. Dr. Éric Hamraoui  
Conservatoire National des Arts et Métiers (França)

# Desejar, Falar, Trabalhar

Ana Magnólia Mendes

*φ editora fi*

**Diagramação:** Marcelo A. S. Alves

**Capa:** Carole Kümmecke - <https://www.behance.net/CaroleKummecke>

**Arte de capa:** Fernanda Sousa Duarte. "Trabalho e tesão". Brasília, 2018.

**Tradução do prefácio e da nota introdutória:** Fernanda Sousa Duarte

**Revisão técnica da nota introdutória:** Bruno Albuquerque

**O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.**



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



<http://www.abecbrasil.org.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

MENDES, Ana Magnólia

Desejar, Falar, Trabalhar [recurso eletrônico] / Ana Magnólia Mendes -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

139 p.

ISBN - 978-85-5696-395-6

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Trabalho; 2. Fala; 3. Sujeito; 4. Tempo; I. Título II. Série.

CDD: 100

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100

*Para Mana,  
Atravessamos desertos...*



# Sumário

<b>Carta ao leitor .....</b>	<b>11</b>
Emílio Peres Facas	
<b>Prefácio .....</b>	<b>13</b>
Eric Hamraoui	
<b>Nota introdutória: Pulsão invocante e violência do supereu .....</b>	<b>17</b>
Jean-Michel Vivès	
<b>Nota da Autora.....</b>	<b>27</b>
Ana Magnólia Mendes	
<b>1. A (des)colonização do trabalho do sujeito .....</b>	<b>29</b>
<b>2. Ser chamado, Chamar, Se fazer chamar .....</b>	<b>37</b>
<b>3. O supereu vai dar trabalho ao sujeito.....</b>	<b>45</b>
<b>4. Insistir, Resistir, Desistir .....</b>	<b>51</b>
<b>5. “Trabalhe e Cale-se!” .....</b>	<b>55</b>
<b>6. O Silêncio Gritante .....</b>	<b>59</b>
<b>7. O Trabalho da Escuta.....</b>	<b>65</b>
<b>8. Experiência de si com o outro .....</b>	<b>73</b>
<b>9. De Invocado a Invocante .....</b>	<b>79</b>
<b>10. Trabalhar é desejar .....</b>	<b>131</b>
<b>Referências .....</b>	<b>137</b>



# Carta ao leitor

*Emílio Peres Facas*<sup>1</sup>

## **O Fim, o Início e o Meio**

A obra *Desejar, Falar, Trabalhar* é, inquestionavelmente, um marco da brilhante carreira de Ana Magnólia Mendes. Pautada por preocupações e discussões decorrentes dos estudos sobre psicopatologia, trabalho e escuta clínica, sua trajetória oferece contribuições valiosas aos que se propõem a estudar *Trabalho* enquanto categoria ontológica – em seus sentidos social, ético-político e prático. Seu diferencial, acima de tudo, reside no fato de que essas contribuições emergem justamente da dedicação incansável da autora à escuta dos trabalhadores. Desse modo, o livro apresenta resultados de um percurso guiado pela articulação entre teoria, método e a voz dos sujeitos.

Logo de início, a autora marca uma posição firme ao articular colonização, capitalismo e trabalho. Entender o *ser trabalhador* no Brasil exige dos pesquisadores e estudiosos um resgate de nossa história. Marcas históricas que nos ajudam a entender a colonização dos afetos e, fundamentalmente, do próprio trabalhador. Essa discussão, extremamente necessária, é realizada de maneira sensível na obra, contextualizando sociopoliticamente de qual sujeito está se falando. Oferece ao leitor, assim, terra firme para adentrar o que se apresenta a seguir: uma teoria do sujeito

---

<sup>1</sup> Psicologia Social e do Trabalho – Universidade de Brasília; Coordenador do Núcleo Trabalho, Psicanálise e Crítica Social.

fundada em pressupostos psicanalíticos, que articula concepções sobre *supereu*, desejo, gozo, falar-insistir, calar-resistir-desistir.

Partindo dessa complexa teia teórica e, principalmente, com base em sua experiência na escuta dos trabalhadores, a autora nos apresenta de maneira generosa sua proposta metodológica e um caso emblemático para as discussões realizadas no livro. Trata-se, então, de uma obra que traz contribuições sociais, políticas, clínicas e científicas.

Nos chama a refletir coletivamente sobre as armadilhas presentes no mundo do trabalho. Em suas próprias palavras: “*Uma possibilidade para confrontar as armadilhas do controle, servilismo, mudez e indiferença é a improvisação do trabalho. Viver na morte! Convide a criar, subverter, transgredir, pensar, agir*”. A obra é, em si, o convite a uma criação subversiva, transgressora e, acima de tudo, ético-política.

Mas não se tem aqui o fim. O fazer científico coloca em xeque os pontos finais e conclama o brado de Álvaro de Campos: “*Não me venham com conclusões! A única conclusão é morrer*”<sup>2</sup>. Esta obra apresenta possibilidades de novos percursos e novas construções. É, ao mesmo tempo, o fim, o início e o meio.

Na beleza inerente a todo caminhar, a autora faz seu percurso ao mesmo tempo em que se faz a partir dele. Que este livro possibilite a mesma experiência aos leitores, abrindo novos meios de caminhos, partidas e pontos de interrogação.

Brasília, junho de 2018.

---

<sup>2</sup> Lisbon Revisited (1923) – Álvaro de Campos [Fernando Pessoa].

## Prefácio

*Eric Hamraoui*<sup>3</sup>

Neste livro, Ana Magnólia recorre a um jogo de idas e vindas em direção a uma abordagem do trabalho convocando os recursos da psicopatologia e da psicanálise a um questionamento de natureza psicopolítica. Pode ser, em efeito, definido como tentativa de invenção de um novo modo (des)eurocêntrico de compreensão das profundas questões políticas, históricas e culturais relativas às grandes transformações em ação no universo contemporâneo do trabalho. Daí sua importância teórica e sua originalidade, que reside em integrar o fato da colonização no movimento de explicação da gênese dessas transformações, como souberam fazer poucos e raros pesquisadores. De acordo com Ana Magnólia, não somente os povos, mas também o trabalho é colonizado. Isso é, num certo sentido, um alargamento da dominação, que vem sendo reforçada pelo processo de colonização, segundo Tocqueville. Esse processo de colonização se distingue daquele da pura exploração do trabalho e da alienação no trabalho. Ataca, de fato, tudo aquilo que, no colonizado, é suposto resistente aos mecanismos de normalização, hostil ao princípio da razão, a saber, à própria vida. Este último torna-se, então, objeto de condicionamento através da concepção e implementação de artifícios institucionais específicos pelo poder colonial, que encena a ideia de uma incapacidade do colonizado de se tornar um sujeito político. Sua vida será mais facilmente considerada como uma fonte de exploração e suas

---

<sup>3</sup> Maître de conférences en philosophie; habilité à diriger les recherches au CNAM (Paris).

manifestações mais intempestivas (sonhos de emancipação) serão mais violentamente reprimidas. Mas o essencial reside aqui na redução do colonizado à presença de um corpo sem existência política possível, mantendo a ficção de sua participação na cidadania. No entanto, esse mesmo artifício tem servido de modelo de desenvolvimento da relação do indivíduo com a vida social hoje convocada pela Empresa: aquela de uma existência coletiva privada do tempo necessário a seu desenvolvimento, utilizando a ficção de sujeitos no ritmo da vida acelerada, contribuindo para essa vida. Isso também se refere à importação de uma técnica de poder antiga para o presente que Ana Magnólia usa para sustentar a tese de que a colonização atual do sujeito pelos modos de organização capitalista leva à conversão do trabalho vivo em trabalho morto ou abstrato – onde a ultraprescrição, o controle, a quantificação, a urgência e a excelência constituem as manifestações –, e, além, à supressão da contradição dinâmica existente entre um e o outro, constituinte da vida do trabalho ligada à possibilidade de estabelecer os laços entre os seres e as coisas. Contudo, é clara a ruína desta possibilidade pelo poder colonial e sua matriz capitalista ao mesmo tempo em que se dão a ver como meios da realização de um mundo comum entre colonos e colonizados, desconsiderando a persistência da desigualdade entre essas duas populações. Também, o mundo colonial – do qual não saímos! – é aquele em que os mestres afirmam deter a legitimidade de seu poder de um conhecimento e de uma verdade absolutos dos quais somente eles poderiam desfrutar. Contudo, uma tal pretensão condena imediatamente a realização do trabalho vivo do político, que exclui toda a clivagem e programa a redução do indivíduo ao estado de « unidade de valor ». Assim se explica o triunfo da lógica de quantificação, de medida e de avaliação do trabalho com o culto do ativismo e do produtivismo, como origem de formas inéditas de subalternidade que ativam os mecanismos de identificação projetiva do « colaborador colonizado » com o « gestor colonizador ». Daí a necessidade de se investigar os meios de

descolonizar a subjetividade no mundo atual do trabalho. Inevitavelmente difícil de se engajar, essa descolonização do sujeito pressupõe, segundo Ana Magnólia, o recurso prévio de uma ética dos laços sociais e do desejo – cuja articulação Marx soube definir – no contexto mundial de um desmantelamento desenfreado da política. A implementação de tal ética deverá, por essa razão, saber se apoiar no pensamento do « trabalho humano como espaço privilegiado de endereçamento do outro ao Outro ». No entanto, essa concepção, às vezes política e linguística do trabalho, desenvolvida por Ana Magnólia, se inscreve em uma perspectiva outra, freudiana, de uma entrada no princípio de realidade, ocasião da obtenção de uma gratificação ligada ao adiamento ou à transformação da pulsão com uma diminuição possível do prazer experimentado em si. O trabalho se torna assim, em Freud, a voz do supereu em que a mobilização patológica em busca de um eu ideal acentua o caráter tirânico, e que, como tal, pode ser convocada pelo discurso capitalista colonialista. Voz a qual se opõe, como afirma Ana Magnólia, a voz primordial, correspondente ao momento do nascimento do sujeito sob a égide da voz e do desejo do Outro, cujos registros são explorados por Jacques Lacan. Notamos que o sujeito nascente em questão não é outro que não o sujeito do trabalho, figura intimamente associada àquela do trabalho do sujeito implicado pelo processo de sublimação e que tem sua força emancipatória na insistência. Potência ética e política exercida como atividade onde existe o tempo necessário à improvisação – no sentido musical do termo – ela, a insistência, constitui o antídoto ao risco de confinamento nos limites do eterno presente da repetição, sem se exceder e se tornar previsível. Referindo-se à concepção lacaniana do supereu, que, como voz, não está lá em um sentido significativo, mas como sua pura exigente obediência e convicção, Ana Magnólia questiona os efeitos subjetivos dessa circularidade no contexto do trabalho atual, lugar de uma substituição da ideologia da perfeição, da excelência, da qualidade total, à prova da falta constitutiva do desejo. Em termos

psicanalíticos, isso significa a passagem do registro da invocação da pulsão àquele de uma busca obsessiva de sua satisfação. Daí o impossível destino sublimatório da pulsão, o impedimento do trabalho do sujeito e a desqualificação da concepção do trabalho como lugar de experiência na presença do outro, no regime capitalista, onde « a voz do supereu tirânico deixa o homem boquiaberto em seu silêncio gritante ». Este é o pano de fundo trágico da emergência dos sintomas sociais (servidão, aceleração e virilidade) – e não unicamente clínicos – articulados ao ideal do eu, cativo ao ideal do capital, na origem da maior parte das patologias ligadas ao culto da performance. Patologias que, de acordo com Ana Magnólia, são o efeito da conjunção de modos de gestão perversos da economia psíquica dos indivíduos e da concepção do mais-gozar como destinatário único da satisfação da pulsão. Todos esses elementos levam à instauração de uma visão do mundo (Weltanschauung) mobilizando uma nova ficção que associa a completude do eu e visa os objetivos da produção em detrimento do desenvolvimento de toda sensibilidade ao eu, aos outros e às coisas. Daí o nascimento da patologia da indiferença, « central, de acordo com Ana Magnólia, para manter o poder do capital fundado na radicalização de um supereu imperioso que empurra para a ultrapassagem de todo limite ». Isso, sob o risco do desenvolvimento da violência no trabalho e das patologias de sobrecarga, conduz à « mortificação do desejo, do trabalho vivo e da existência ética e política » no contexto do desenvolvimento global de políticas de inimizade. Inimizade com os outros em nome do princípio liberal da competição e consigo mesmo em virtude do princípio liberal da autoconcorrência. Seria a invenção de uma nova forma de escravidão?

## **Nota introdutória: Pulsão invocante e violência do supereu**

*Jean-Michel Vivès*<sup>4</sup>

Há encontros que são surpreendentes e traçam caminhos que não tínhamos sequer suspeitado. Foi o que aconteceu quando Ana Magnólia Mendes entrou em contato comigo. Quando recebi sua primeira mensagem eletrônica, apresentando-me seu projeto de pesquisa para um estágio de pós-doutorado sobre a pulsão invocante e o sofrimento no trabalho, devo admitir que fiquei um pouco surpreso: mesmo que já tivesse trabalhado bastante a questão da pulsão invocante, minhas reflexões nunca tinham se aventurado pelo terreno da psicologia do trabalho e eu não estava certo de que seria a pessoa certa para acompanhar essa reflexão. Além disso, será que poderíamos realmente usar esta noção complexa de pulsão invocante, elaborada no campo da psicopatologia e da metapsicologia psicanalítica lacaniana e cuja teorização ainda continuava amplamente inacabada, na esfera do trabalho?

Ana Magnólia construía a hipótese de que isso seria possível – seu projeto testemunhava isso de uma maneira já muito articulada – e me supunha a capacidade de acompanhá-la nessa pesquisa. Reconhecemos aqui uma das faces da transferência: ela me supunha um saber que eu não necessariamente tinha, mas sua proposta era suficientemente intrigante e a pesquisadora

---

<sup>4</sup> Universidade Nice – Sophia Antipolis – França; Psicanalista, membro do Corpo Freudiano, seção Rio de Janeiro e do movimento *Insistance* – Toulon

suficientemente estimulante para que eu tivesse o desejo de ocupar este lugar e fazer disso uma alavanca. “Aceitar ser tomado, sem ser preso...” é a fórmula que repito regularmente aos meus estudantes para iniciá-los na dinâmica da transferência. Convém ocupar o lugar ao qual o outro nos designa a fim de que ele possa efetuar o trabalho que tem a fazer sem, no entanto, se identificar com esse Outro convocado através de nós.

Traduzido em termos de pulsão invocante, isto se torna: aceitar *se fazer chamar* – de vez em quando pelos nomes menos simpáticos, afinal de contas, a transferência é sempre positiva – para que o emissor desse chamado, descobrindo-se invocante, possa articular alguma coisa de seu desejo. Essa dinâmica se encontra no próprio coração da direção do tratamento, assim como no coração de toda pesquisa: “É preciso tomar o desejo ao pé da letra”<sup>5</sup>, nos adverte Lacan, em 1958. Ou seja, tomá-lo em sua estrutura de linguagem, isolado dos seus significantes e decifrando sua metáfora e sua metonímia.

Ana Magnólia desejava, assim, a partir da dinâmica invocante, localizar os passes e impasses do desejo – e, portanto, do sujeito, já que o sujeito é o desejo – quando esses vêm a se manifestar no campo profissional. Para dizer de outra maneira: quais são os problemas profissionais que interditam o movimento do tornar-se sujeito e o que podemos fazer para permitir seu reaparecimento?

O pós-doutorado aconteceu e esta obra é a testemunha desses encontros onde momentos de elaborações, de achados teóricos e de análises de situações clínicas se sucederam em um clima alegre e sempre estimulante.

Durante nossos encontros, Ana Magnólia me falava de clínica e das suas hipóteses. Pouco a pouco o modelo se definia e ganhava coerência. Fórmulas incisivas como “Trabalhe e Cale-se!” fizeram

---

<sup>5</sup> Lacan, J. (1958) “La direction de la cure et les principes de son pouvoir”, *Écrits*. Paris, Seuil, 1966, p. 620.

suas aparições, impressionando-nos por sua violência, mas também por sua precisão clínica. Essa fórmula permite articular questões deixadas, em um primeiro tempo, sem resposta, e mais particularmente esta: como compreender que o trabalhador assediado se encontre frequentemente indefeso face ao assediador? Uma primeira resposta poderia ser a seguinte: na maior parte do tempo, o trabalhador assediado está em posição de subalterno e esta posição o interdita de poder reagir eficazmente. Uma segunda, mais próxima da nossa abordagem psicanalítica, diz respeito à questão da vergonha que o isola e não o autoriza a confiar em si, de tanto que esse sentimento pode ser doloroso. Nesse estágio, o assediador já ganhou...

Se não falta pertinência a essas duas respostas, o modelo proposto por Ana Magnólia permite trazer um esclarecimento suplementar: introduzindo a questão do supereu na dinâmica do assédio, Ana Magnólia ao mesmo tempo a complexifica e ilumina com uma luz nova.

O que é o supereu? O supereu é essa instância intrapsíquica introduzida por Freud, em 1923<sup>6</sup>, que definimos frequentemente como “o herdeiro do complexo de Édipo”, mas da qual o inventor da psicanálise logo pressentiu a existência e a dimensão perseguidora. De fato, a dimensão perseguidora do que se tornará o supereu já está localizada desde 1915, por Freud, em *Para introduzir o narcisismo*, onde este nos diz que o sintoma dos delírios paranoides e aquele das neuroses de transferência têm um ponto comum:

uma instância psíquica que observa sem cessar o eu atual e o compara ao ideal [...]. Os doentes se queixam então de que se conhece todos os seus pensamentos, que se observa e monitora suas ações; eles estão advertidos do funcionamento soberano desta instância pelas vozes que lhes falam, de maneira

---

<sup>6</sup> Freud, S. (1923) “Le Moi et le Ça”, *Œuvres complètes*, trad. fr. Paris, P.U.F., 2003, t. XVI, p. 255-301.

característica, em terceira pessoa. (“Agora ela continua pensando nisso; agora ele vai embora”)<sup>7</sup>.

Dito de outra forma, o funcionamento dessa instância não estaria sem relação com aquele da alucinação. Em 1923, Freud nomeará essa instância como supereu. Super que, longe de ser somente o herdeiro do complexo de Édipo, se revela também tirânico, amoral e cruel. Assim, Freud nos adverte: “Enquanto o eu é essencialmente representante do mundo exterior, da realidade, o supereu se coloca frente a ele como advogado do mundo interior do isso”. Depois, mais adiante:

O que reina desde então no supereu é, por assim dizer, uma pura cultura da pulsão de morte, e efetivamente esta muito frequentemente consegue empurrar o eu para a morte [...]. Do ponto de vista da restrição pulsional, da moralidade, o isso é totalmente amoral, o eu se esforça para ser moral, o supereu pode se tornar hipermoral e, assim, tão cruel quanto só o isso pode ser<sup>8</sup>.

O supereu julga, critica e rebaixa e, aqui, já compreendemos que ele pode se revelar um temível “aliado” do assediador...

Um dos elementos essenciais do supereu é a articulação entre a natureza do julgamento silencioso que porta o olhar superegóico e o fato de que esse julgamento também está associado à dimensão da voz, o que Alain Didier-Weill exprime da seguinte maneira:

O paradoxo do supereu está em encarnar o fato de que “o olho escuta” e de que “o olho fala”, exceto que ele não ouve de modo algum como o faz o ouvido, e não fala de modo algum como o faz

---

<sup>7</sup> Freud, S. (1914) “Pour introduire le narcissisme”, *Œuvres complètes*, trad. fr. Paris, P.U.F., 2005, t. XII, p. 238.

<sup>8</sup> Freud, S. (1923) “Le Moi et le Ça”, *Œuvres complètes, Tome XVI*, trad. fr. Paris, P.U.F., 1991, p. 279-280.

a boca: se ele ouve, é sob o modo da adivinhação do pensamento, e se ele fala, não é supondo o sujeito, mas des-supondo-o<sup>9</sup>.

Essa (des)suposição superegóica pode tomar dois aspectos, conforme o olhar ou a voz seja nela preponderante. O primeiro aspecto seria ilustrado pela figura do mestre e privilegiaria a voz, o segundo seria ilustrado pela do inquisidor, em que o olhar seria realçado. Se essas duas figuras, mestre e inquisidor, têm como ponto comum o fato de serem manifestações do supereu, intervêm de acordo com duas modalidades bem diferentes.

O mestre sabe antecipadamente a verdade sobre o ser do sujeito e comunica esse saber impondo-o – violentamente, se for preciso. Freud, em vários momentos de sua obra, denunciou esse erro. Assim, em sua história do tratamento do pequeno Hans, nota como o tratamento do menino fica estagnado a partir do momento em que o pai de Hans se obstina em não querer ouvir seu filho e se apegava a encontrar nos ditos do menino o que Freud já teorizara.

O pai faz muitas perguntas e conduz suas pesquisas em função de seus próprios projetos, ao invés de deixar o pequeno se exprimir. Por isso, a análise se torna opaca e incerta. Hans continua seu próprio caminho e não produz nada quando se quer afastá-lo para longe deste<sup>10</sup>.

Se o mestre está na suposição, não se trata daquela de um sujeito potencial, nem mesmo de um saber suposto, mas da suposição de um saber que convém impor e que implica a submissão. A manifestação superegóica corresponde a um: “Você deve!”, “Obedeça!”, “Deixe-se conduzir...”. Um “Você deve!” que não vem completar nenhuma proposição; pura injunção à qual o sujeito não saberia responder, porque é incompreensível. Um “Obedeça!” e um “Deixe-se conduzir...” que levam o sujeito a se

---

<sup>9</sup> Didier-Weill. A. (1995) *Les trois temps de la loi*. Paris, Seuil, p. 83.

<sup>10</sup> Freud. S. (1909) “Analyse de la phobie d’un garçon de cinq ans”, trad. fr., *Œuvres Complètes*, tome IX, Paris, P.U.F, 1998, p. 56-57.

submeter. É a dimensão vocal que está aqui preferencialmente posta em jogo e Lacan não deixou de notar o lugar central que o objeto voz ocupa tanto no masoquismo quanto no sadismo<sup>11</sup>. O masoquista completaria o Outro com sua voz, no gemido ou no grito que lhe arranca seu parceiro. O sádico também, mas de maneira inversa, tentaria completar o Outro impondo-lhe sua voz no insulto ou na ordem. Aqui, novamente, se decifra a dinâmica assediado/assediador em sua cifragem superegógica.

A outra posição, a do inquisidor, supõe menos um saber que seria conveniente impor ao sujeito, como o supõe o mestre, do que um saber não sabido ou dissimulado, que conviria arrancar do sujeito para que ele aceda, enfim, à verdade. O inquisidor, para o bem do sujeito, devemos nos lembrar, suspeita que este seja um dissimulador, mesmo que a contragosto... A manifestação superegógica é, portanto, um olhar que qualificaremos facilmente como inquisidor, que escrutina e busca a intimidade do sujeito em quem nada poderia ser escondido. Esse olhar silencioso faz ouvir: “Eu vejo tudo de você, eu sei tudo de você”, excluindo toda possibilidade para o sujeito assim olhado constituir um espaço íntimo em que poderia escapar desse olhar perseguidor, mas também excluindo toda possibilidade para ele tomar a palavra. Assim, o funcionamento superegógico poderia ser compreendido a partir dessa dialética entre um olhar perseguidor e uma voz imperativa.

Os clínicos habituados ao acompanhamento de pessoas que passam por um assédio sabem bem o quanto o assediador é hábil em se posicionar nesse lugar de mestre ou de inquisidor, encontrando, assim, na instância superegógica uma caixa de ressonância, certamente um porta-voz.

O ponto comum entre o assediador e certa face do supereu é uma voz silenciosa ou gritante que se opõe ao comando simbólico

---

<sup>11</sup> Lacan, J. (1968-1969) *Le Séminaire Livre XVI, D'un Autre à l'autre*. Paris, Seuil, 2006, p. 257-259.

endereçado a todo humano: “Torne-se fala”, significando: “Não aceda à fala”.

A experiência clínica nos ensina que se o homem não é homem como um gato é um gato, que ele ex-siste, em suma, ele também pode renunciar à significação do que presentifica o prefixo “ex”, que não remete somente à exterioridade, mas também à transcendência. A prática clínica nos lembra que à prescrição freudiana “Wo Es war, soll Ich werden” (Onde isso era, devo eu advir)<sup>12</sup> é possível responder “Não me tornarei!”. O trabalho analítico proposto pelo dispositivo elaborado por Ana Magnólia consiste, então, em supor no outro a existência de um sujeito em possibilidade de responder ao “Você é apenas isso” da censura superegóica ativada pelo assediador, um “Eu não sou apenas isso”, de essência eminentemente simbólica.

A dificuldade dessa posição é que, se levamos o sujeito a localizar o que ele não é, não temos qualquer meio de lhe dizer o que ele é. O comando simbólico implicado pelo “soll” do aforismo freudiano e explicitado pelo “Você é apenas isso” recorda que sou efetivamente outra coisa além de “isso”, mas também outra coisa do que “eu”. “Eu é um outro”, como podia dizê-lo Rimbaud desde 1871. Um outro do qual não tenho qualquer conhecimento possível, mas cujo reconhecimento me é concedido pelo fato de que pode ser suposto. É aqui que podemos notar a desigualdade do combate entre a maldição (mal-dizer) do assediador e a palavra simbólica ou ética do bem dizer (bem-dizer<sup>13</sup>) portada pelo clínico. De fato, enquanto o assediador encontra sua força e, se ousar dizer, sua “eficácia” na localização significativa de um ponto que escapa à fala, a fala só pode tentar manter à distância esse ponto incriado, supondo a existência possível do sujeito.

---

<sup>12</sup> Freud, S. (1933) “Nouvelle suite des leçons d’introduction à la psychanalyse”, trad. Fr, *Œuvres Complètes, Tome XIX*. Paris, P.U.F., p. 83-268.

<sup>13</sup> N. do R.: Em francês, *béné-diction*, homófono a “benção” (*bénédiction*).

O sujeito, uma vez desidentificado daquilo a que o assediador tentava reduzi-lo (um merda, um fracassado, um nada...), deve poder ser reconhecido não em um significante, o que mais uma vez o alienaria, mas no próprio processo da significação. O acompanhamento clínico proposto por Ana Magnólia ao trabalhador assediado frustra o destino, des-sidera<sup>14</sup> e, portanto, introduz na questão do desejo, no sentido de que, lá onde pesava o destino de uma significação fixada no insulto proferido pelo assediador, pode emergir, pelo jogo da linguagem, o equívoco da metáfora.

Vemos aqui que o posicionamento proposto por Ana Magnólia é claramente psicanalítico: o sujeito não é culpado pelo que lhe acontece – embora ele possa com muita frequência experimentar e exprimir culpabilidade – mas é responsável pelo que faz com isso. Essa culpabilidade, comumente experimentada pela pessoa assediada, pode ser compreendida pelo fato de que o paciente percebe obscuramente que, ao ceder à injunção do assediador, ele se recusa a assumir o mandamento simbólico que o fez humano: “Torne-se humano acedendo à fala”, o que Lacan formulou da seguinte maneira: “Proponho que a única coisa da qual se pode ser culpado, ao menos na perspectiva analítica, é de ter cedido de seu desejo”<sup>15</sup>.

Percebemos, então, toda a pertinência da proposta de Ana Magnólia: o assediador, ao ocupar habilmente o lugar do supereu, consegue interromper o circuito da pulsão invocante e, portanto, o próprio processo do tornar-se humano<sup>16</sup>. Compreendemos, então,

---

<sup>14</sup> Sobre essa passagem da sideração à des-sideração, pode-se ler as páginas muito esclarecedoras de Alain Didier-Weill (1995), *Les trois temps de la loi*, Paris, Seuil, p. 279-354, bem como os luminosos desenvolvimentos que a ela consagrou Marc-Alain Ouaknin (1998), *C'est pour cela qu'on aime les libellules*, Paris Calmann-Lévy, p. 150-169.

<sup>15</sup> Lacan, J. (1959-1960) *Le Séminaire Livre VII, L'Éthique de la psychanalyse*. Paris, Seuil, 1986. p. 368.

<sup>16</sup> O filósofo Michel Serres fala do processo de hominescência. Diferente da hominização, que caracteriza a bipedia e a descoberta do fogo e das primeiras ferramentas, o neologismo “hominescência” qualifica o movimento que caracteriza o tornar-se homem, como a adolescência define a passagem da infância à idade adulta, ou a luminescência, o momento em que um corpo escuro se torna luminoso. Serres, M. (2003) *L'hominescence*. Paris.

a tensão que se inscreve no trabalhador assediado nessa interrupção da dinâmica invocante entre a culpabilidade de ter cedido de seu tornar-se sujeito e a responsabilidade de se fazer sujeito de novo lá onde o assediador o terá transformado em dejetos descartados. Convém, então, tal como o dispositivo proposto por Ana Magnólia sutilmente promove, dar a palavra àqueles em quem ela foi confiscada, a fim de que, de sujeito de renúncia possam novamente se tornar sujeitos desejantes<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> No francês o autor propõe um trocadilho intraduzível entre “sujet en déshérence” (literalmente, sujeito em errância) e “sujet en désirance” (literalmente, sujeito se tornando desejante). Esta dimensão essencial de um movimento orientado se perde na tradução.



## Nota da Autora

*Ana Magnólia Mendes*<sup>18</sup>

Este livro é o início de um caminho, um ponto de partida para proposição da Psicopatologia Clínica do Trabalho. A proposta é referenciada na experiência de supervisão com a escuta clínica de trabalhadores em sofrimento e adoecimento atendidos, desde 2015, por estagiários de psicologia, no Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos (CAEP), clínica-escola da Universidade de Brasília.

Está também fundamentado nos estudos de Marx, Freud e Lacan, predominantemente, através de dois autores, colegas com que venho trabalhando desde 2015: Jean-Michel Vivès, com seus estudos em psicanálise e Eric Hamraoui, em filosofia do trabalho. Apoia-se, ainda, em minhas publicações nos últimos anos.

As proposições serão discutidas e aprofundadas em seções que se articulam sem fronteiras muito bem definidas, fluindo de acordo com a lógica própria da experiência do trabalhar. O leitor, ao final, terá as ideias centrais que subjazem à proposta.

Iniciamos pela discussão sobre a (des)colonização do trabalho do sujeito. Com base em Marx e na filosofia política, trata-se da tirania dos modos de gestão e das formas de colonização do sujeito que trabalha bem como o discurso do absoluto e da plenitude como inibição da ação política nos espaços de trabalho. Defende-se a ideia de que o mundo do trabalho vem sendo dominado pelo discurso capitalista colonial.

---

<sup>18</sup> Psicologia Social e do Trabalho – Universidade de Brasília; Coordenadora do Núcleo Trabalho, Psicanálise e Crítica Social.

Em seguida, é apresentada a dinâmica do circuito da pulsão invocante *ser chamado, chamar, se fazer chamar*, inspirada nos estudos de Lacan e Vivès. Propomos dois tempos para o circuito da invocação da pulsão no trabalho: o Insistir e o Resistir-Desistir. No tempo Resistir-Desistir, a pulsão atende ao comando tirânico do supereu: “Goze!”, traduzido em “satisfaça sua pulsão a qualquer custo”. O sujeito se constitui pela demanda, sedução das promessas do capital de ter mais e com isso ser mais, caindo na armadilha do “canto da sereia”. São discutidos os sintomas sociais e a patologia da indiferença resultantes desse tempo. No tempo Insistir, a pulsão invocante tem como destino a sublimação, o sujeito se constitui pelo desejo e pela fala.

Por último, discute-se o trabalho da escuta clínica. Para relançar o sujeito no circuito da pulsão, a escuta sem voz e o sem lugar do clínico é um caminho, como apresentado no relato do caso de Diana, que também exemplifica o trabalho da escuta clínica, do clínico e da supervisão. Trabalhos de invocação que buscam silenciar as vozes do supereu para fazer nascer o desejar, o falar e o trabalhar – o trabalho do sujeito.

Concluimos esta apresentação com o registro dos meus agradecimentos a todos que me têm acompanhado nessa caminhada, mesmo à distância... Minha gratidão aos participantes do projeto *Escuta Clínica do Trabalho*; aos queridos estagiários, por apostarem no trabalho vivo – meu e deles; e, de forma muito especial, aos nossos pacientes. Sou grata também aos meus queridos colegas e amigos Jean-Michel e Eric; à Laene, pelo companheirismo e a força para realização de um desejo; à Amanda, pela escuta e escrita preciosa do caso e aos admiráveis “pioneiros pernambucanos”, pelas inspirações que me fazem continuar insistindo. Agradeço, ainda, a amiga Luciane, ao Emílio e à Júlia, pelos textos, e à Fernanda, pela arte da capa. Por fim, sou muito grata pelo afeto, lealdade e paciência do grupo “*vocês sabem mais do que eu*”, e pela presença das minhas duas princesas em todos os momentos da minha vida – com vocês existo.

## A (des)colonização do trabalho do sujeito

Expandir, conquistar e subjugar! A colonização continua. Embora os países da África e da América do Sul e Central, em especial o Brasil, estejam organizados politicamente em Estados independentes, não europeus, o povo ainda está vivendo sob a cruel exploração europeia/euro-americana. Situação esta fruto da relação capital-trabalho, marcada pela divisão internacional do trabalho, acumulação, divisão de classe social e pobreza.

A colonização hoje se perpetua como um *big* sistema que estrutura as relações de território no planeta Terra. Apesar de muito discutido, é bem difícil o processo de descolonização, pois implica pensar em mudanças não apenas nas formas de acesso a e competição por recursos materiais, simbólicos e redefinição das relações de dominação e poder centro-periferia, mas, sobretudo, nas profundas desigualdades que o modelo colonial vem produzindo. Muitos modelos políticos e de Estados ainda estão consolidados nas bases da história da colonização, como, por exemplo, a crença na inferioridade do outro, ou seja, não somos todos da mesma espécie e raça humana; na criação de redes de submissão pelos mais variados meios, sendo a mídia um forte contribuinte; e pelos artifícios usados para destruir os laços sociais, como o discurso meritocrático, a aristocracia financeira e os diversos eufemismos da igualdade como princípio tomado completamente por um “desde que”.

No Brasil, as feições da colonização são marcadas por questões históricas e políticas bem particulares, como a dependência de Portugal da Inglaterra. Esse fato coloca, a nosso ver, Portugal, à época, como um “gestor” para mediar os interesses entre o centro e a periferia. Aliás, significativo legitimado na proposital estratificação e segregação social no Brasil, usado para definir, de modo preconceituoso e injusto, o lugar dos “cidadãos” brasileiros: os do centro e os da periferia. Situação semelhante àquela de muitas empresas públicas e privadas, onde, por exemplo, há distinção de elevadores e garagens, expressando e acentuando a divisão de classe social.

Muitas são as consequências desta relação subalterna de Portugal. Possivelmente, explica muitos comportamentos da relação colonizador/colonizado provocando uma despolarização e despolitização nos jogos de autoridade, nos modos de reciprocidade e de desigualdade/horizontalidade entre estes. Ou seja, a convivência pacífica e passiva entre colonizador e colonizado como aconteceu e penso que ainda acontece no Brasil.

Essa subalternidade também nos mostra a força da resistência dos que lutaram pela liberdade nesse momento e em outros da nossa história. Dominação e resistência compõem um par, constituem-se na dialética, mesmo que, na maior parte das vezes, a força da dominação, por afastar esta contradição e seduzir o sujeito pelos artifícios do poder, possa nos arrastar para naturalizar a subalternidade.

São as reflexões sobre essa subalternidade o que mais nos interessa como elemento central para problematizar a descolonização, uma vez que funciona como uma peste nos espaços de trabalho, destruindo o trabalho vivo e, com ele, o sujeito. Assim, defende-se que a subalternidade não somente rege as condutas humanas em muitas sociedades atuais, mas são, sobretudo, a base de sustentação dos modelos de gestão produtivistas e consumistas empregados pelas organizações privadas e públicas.

Como é essa destruição? Em muitas passagens de seus estudos, Marx define e discute o trabalho vivo, conceito por ele criado. Entende-se que trabalho vivo inseparável do trabalho morto constitui-se numa dialética importante para compreensão do trabalho humano. Como nos *Manuscritos filosóficos-econômicos de 1864-1868*, trabalho vivo é uma força, um poder de um sujeito, um ato, uma práxis que possibilita a transformação da natureza, o dar formas à matéria para que seja útil à vida. É subjetividade, a metamorfose do próprio homem pelo fazer, que transforma a matéria.

Nos estudos de Eric Hamraoui (2013, 2014, 2014a, 2016) sobre Filosofia do Trabalho, sustentamos a discussão sobre o trabalho vivo. É um conceito que se articula de modo inexorável ao corpo vivo, sujeito vivo, trabalho real, força de trabalho e, por fim, trabalhador. Assim, o trabalho vivo é o fazer de um sujeito que trabalha, um trabalhador. O trabalho é o homem tornando-se si mesmo dentro da própria alienação, ou como alienado. É um modo de existir do sujeito na própria negação.

A noção de trabalho em Marx está longe de ser esgotada. Existe uma verdadeira teia conceitual a ser percorrida para a compreensão do trabalho vivo. Ou seja, envolve o trabalho como uma atividade de metabolismo entre o homem e a natureza, como estranhamento relacionado aos modos e condições de vida dos que trabalham e como liberdade que cria possibilidades de emancipação.

Nessa direção, o trabalho, categoria ontológica do ser, é parte da condição humana. Entretanto, são os modos de trabalho capitalista que negam essa condição, sendo indispensável para a compreensão da noção de trabalho a dialética capital-trabalho. O capital forjou um discurso onde não há espaço para as contradições. Assim, há uma produção de trabalho morto e alienado e, mesmo que o sujeito sempre exista, essas contradições são tão massacradas que o fazem sucumbir aos imperativos da

subalternidade, mantendo o ciclo de negação da contradição capital-trabalho.

Partindo desse princípio, pensamos existir artifícios do poder colonial no discurso capitalista para proceder à colonização do sujeito através da apropriação do trabalho vivo pelo trabalho morto. Para afastar a contradição, o capital produz artifícios colonizantes os quais organizações onde a atividade produtiva é realizada legitimam e aprimoram por meio das estratégias veiculadas pelos modelos de gestão, transformando o trabalho morto em trabalho vivo. Esse deslocamento do lugar de vivo para morto está na base das patologias do trabalho.

A racionalidade econômica e os modelos de organização e processos de trabalho apregoados pelos mais diversos estudiosos e profissionais da “mortificação do trabalho”, do negócio e da gestão (*business* e *management*), de modo paradoxal, vendem como trabalho vivo a ultra prescrição, o controle, a quantificação, a urgência e a excelência, entre outros. Assim, encontram-se abraçados os artifícios do poder colonial e o capitalismo, instituindo modos de subjetivação no e pelo trabalho.

É nossa hipótese que esse processo de perpetuação do poder colonial na sociedade, particularmente nos contextos de trabalho, se dá primordialmente pelo discurso como modo de construção dos laços sociais. Para discutir essa ideia nos aproximamos dos escritos de Lacan no *Seminário 17: Averso da Psicanálise* no qual ele introduz o discurso capitalista. Estabelece articulações com a mais-valia de Marx e a dialética do senhor-escravo de Hegel para discutir o trabalho do gozo, particularmente, o mais-de-gozar vinculado ao discurso do senhor, que é uma forma de atualizar o discurso do mestre. Este discurso do senhor é vinculado não apenas ao saber, mas ao saber absoluto, à verdade, não havendo espaço para um advir.

O trabalho vivo não existe quando o saber absoluto é o imperativo. O saber criativo não coaduna com o saber absoluto. A

lógica do saber absoluto é uma ameaça a que o trabalhador seja transformado em apenas uma unidade de valor.

O gozo é sempre da ordem do excesso, não há limite para o gozo. Até é possível um gozo mais de acordo com o desejo, o gozo fálico, mas para isso é preciso perder um pouco de gozo, o excesso. Este modo de gozo está na interseção entre o real e o simbólico. O outro modo é o gozo do Outro, que se encontra na interseção do real com o imaginário. Esse gozo do Outro é o que está fora do simbólico, mas não fora do corpo, é o mais-de-gozar, gozo plus, mais gozo. É um modo de gozo como uma tentativa de satisfação da pulsão, da ordem do impossível pelo endereçamento do desejo ao Outro e *do* Outro.

A lógica do consumo produz o mais-de-gozar que qualifica o “humano”, é a forja do desejo. Discurso que leva ao fracasso do laço social, humaniza-se o que é industrial, objeto mais-de-gozar, afastando o sujeito de sua marca singular: o desejo. O sujeito acredita-se agente, mas cedeu seu lugar à promessa da plenitude, impedindo seu retorno ao desamparo.

Esse consumismo do trabalhar – como lugar de produção de saber absoluto – desacata o desamparo como constituinte do processo de criação, do lugar vazio do trabalho, lugar do humano.

É um discurso característico dos apelos à ideia de existência de um saber absoluto. São enunciados, eufemismos, artifícios que expressam um discurso paradoxal, ambivalente e distante das práticas. Forja laços sociais ao lançar promessas de sucesso, segurança e proteção.

Central para sustentar esses discursos é o excesso, seja de controle, de normatização, de disciplina ou de outros elementos que permitam a “eficácia” da gestão. Há um apelo ao culto do individualismo-normativo, com altos e sofisticados dispositivos de controle, tecnicismo na condução dos processos de trabalho e pessoas, estabelecimento de metas desconectadas das condições de trabalho, com prescrições idealizadas de excelência. Legítima uma lógica que se caracteriza pela demanda de quantificação, medição e

avaliação de tudo que diz respeito ao trabalho. Pauta-se na fragmentação das tarefas e padronização dos processos e foca no resultado quantificado do trabalho – e não em sua qualidade.

O trabalho morto assume uma centralidade como valor psíquico e social no lugar do trabalho vivo. O discurso proferido pela gestão promete ao sujeito o lugar inexistente da plenitude. O sujeito se engaja na promessa do sucesso, pronto a atender de forma contínua a voz do trabalho que se instaura como demanda incessante.

O Eu no discurso do senhor é capturado pelos discursos totalitários que sustentam as ilusões e negam a castração. Os sujeitos são excluídos de um saber com o real pela mortificação do trabalho vivo. O trabalho como espaço de produção de saberes se transforma em espaço da repetição para não mais evocar o vazio do real que remete ao desamparo, dessa forma criando uma espécie de “taylorização da subjetividade”, um culto ao ativismo e produtivismo, ideia que transforma em ideologia uma doutrina que identifica trabalho a labor. Assim, a gestão é difundida, legitimada e consolidada pelos princípios neoliberais, criando artifícios de poder para captura mais rápida e eficaz do sujeito. Nesse jogo, é onde operam as tensões do “pensamento colonizante”. Os mecanismos de condicionamento dos modos de pensar e da ação política usados pela gestão são representados na relação na qual “eu retiro o que te dou”. O gestor “colonizador” acredita que fez o melhor para aquele “incivilizado” e o “colaborador” “colonizado” acredita que receberá qualquer coisa, que, no fundo, é da ordem do impossível, uma vez que o prometido é inatingível dada a inexorável contradição da relação capital e trabalho. É um laço que mobiliza a identificação-projetiva no qual o par colonizador-colonizado é inseparável e produz como resultado a subalternidade. Há uma naturalização do trabalho de deliberação por meio do uso de mecanismos de normalização condicionantes da subjetividade. Nesse jogo, subjetividades podem ser colonizadas

independentemente de quem esteja na posição de colonizador ou colonizado.

A descolonização é difícil e exige muitas lutas, passa pela ética dos laços sociais e pela ética do desejo. Isso implica um trabalho do sujeito frente à condição, muitas vezes inexorável, de submissão aos ditames do capital, que busca desenfreadamente fabricar sujeitos do trabalho.

Significa que o poder do capital forja formas de vida. O processo de devoração do sujeito; a captura; a vampirização do corpo, da mente e da alma do trabalhador, tão comentada pelos estudiosos do marxismo, ganham força nos modelos de gestão que vendem, de modo sofisticado e sutil, a expulsão do sujeito da cena do trabalho. São discursos sobre a falácia do trabalho humano e a supervalorização da máquina. Gera naturalização de condutas inumanas como a valorização do “super” – o superior a tudo e a todos. É uma tentativa de capturar a vida ela mesma com a intenção primordial de desarticular a vida política. Político como dimensão da criação coletiva da vida social, que é afastado quando as relações sociohistóricas são naturalizadas e impera o apelo ao desejo, extrapolando os objetivos dos meios de produção capitalista pautados na criação de necessidade.

E como escapar de tantas e bem montadas armadilhas? Não há um único caminho. Uma das possibilidades para confrontar as armadilha do controle, servilismo, mudez e indiferença é a improvisação do trabalho. Viver na morte! Convite a criar, subverter, transgredir, pensar, agir. Para tal, é essencial a confiança, a parceria, a compaixão, o espaço de fala, enfim, a ação política a ser construída nos espaços de trabalho.

Sair do lugar, falar, reconstruir a narrativa histórica do trabalho seu e do outro e, assim, (com)viver e se (re)conhecer como classe trabalhadora; retomar o político em Marx, que articula a ética do desejo com a ética do viver junto, que de certo modo pode se desdobrar na insistência de existir, uma luta constante na irreparável contradição do capitalismo. Um silenciamento coletivo

da voz tirânica do discurso capitalista colonial. Improvisar no previsto, como na música, criar e trabalhar.

## Ser chamado, Chamar, Se fazer chamar

É nossa proposição pensar o trabalho humano como espaço privilegiado de endereçamentos do Outro ao outro, mediados pelas diversas possibilidades do grito, da voz e da fala. As pulsões investidas durante a infância e no processo de socialização da criança têm papel fundamental no prosseguimento da vida adulta no mundo do trabalho, sendo este um lugar de investimentos pulsionais.

Ideia sustentada em Freud no *Mal estar na civilização*, de 1930, que pensa o trabalho como um dos caminhos capazes de gratificar e frustrar os investimentos pulsionais, deixando a cargo da sublimação a mediação entre as pulsões e o trabalho. A cultura é um dos caminhos para saída da ilusão e entrada no princípio de realidade, que abre possibilidades para gratificação pelo adiamento ou transformação da pulsão. A restrição e o adiamento da gratificação pulsional são o preço para amar e trabalhar na sociedade civilizada.

O autor sugere que a cultura não pode ser desenvolvida como uma sobra do paraíso, mas como resultante da restrição e do adiamento da gratificação pulsional. Assim sendo, a liberdade está associada ao adiamento dessa gratificação. O adulto deixa tal paraíso para apropriar-se de um paraíso construído, o qual tem no trabalho uma porta de entrada na direção da gratificação. Em 1926, em *Além do princípio do prazer*, Freud considera que são as condições externas impostas pelo trabalho que podem levar a uma

inibição da gratificação pulsional, implicando decréscimo do prazer no trabalho, ou menor capacidade de fazer bem seu trabalho ou, ainda, um desencadear de certas reações como fadiga, vertigens e outros tipos de doença.

Nesse sentido, o trabalho humano é lugar da voz como objeto da pulsão por remeter à idealização e à busca do mais-degozar pelo que ele pode oferecer em relação à gratificação. Essa relação trabalho e pulsão constitui o sujeito que ora é o sujeito do trabalho ora é o sujeito que trabalha.

O circuito da invocação da pulsão lança e relança o sujeito pelas vozes que escuta do e no trabalho. Vozes que nem sempre são traduzidas em palavras, podem se manifestar em outras formas de comunicação, como os silêncios, os não ditos, os gestos, o toque e outras diversas condutas não verbais. Significa que a voz é algo para além do som, embora haja uma sonoridade na invocação, ou seja, no modo como o desejo de um é endereçado ao outro – o suposto sujeito. Sujeito que é um *a de vir* infinito, inesgotável e intratável, é movimento, é desejo, é sem lugar.

O trabalho mobiliza a invocação da pulsão pelos endereçamentos proferidos no discurso e narrativas, manifestos e velados, próprios dos modelos de gestão. É estabelecido um jogo entre demanda e desejo, sendo os espaços do trabalho humano a (re)produção da cena vivida nos endereçamentos feitos ao sujeito, que é agora um trabalhador. Uma das possibilidades de manifestações desta voz do trabalho sendo a voz do supereu, aquele sustentado pelo discurso capitalista colonial.

Como essa voz faz nascer o sujeito do trabalho e o trabalho do sujeito? Para responder essa questão, nos inspiramos nos estudos de Jean-Michel Vivès sobre o circuito da invocação da pulsão e suas articulações com a constituição do sujeito e a clínica psicanalítica.

O eixo central da discussão está referenciado nas publicações de Vivès (2009, 2009a, 2012, 2012a, 2013, 2016), nas suas conferências de 2016-2018 e nos nossos encontros de supervisão.

Os estudos têm como ponto de partida a noção de Lacan de pulsão invocante, desenvolvida no *Seminário 10: A angústia*, que considera o olhar e a voz como objetos da pulsão, além daqueles já apontados por Freud nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905: oral, anal e fálico. Os objetos oral e anal articulam-se à demanda *ao* Outro e à demanda *do* Outro respectivamente, enquanto o olhar e a voz se articulam ao desejo *pelo* Outro no olhar e *do* Outro pela voz.

O circuito da pulsão invocante envolve três tempos: ser chamado, chamar, se fazer chamar. Invocante (invocare, em Latim, remete a chamamento) ou vociferante, como denominado por Lacan, é a primeira pulsão a ser destacada e isolada enquanto pulsão. Para o autor, o sujeito se inscreve na dinâmica da invocação para se inscrever no desejo. O sujeito nasce com a voz do outro, necessitando para se constituir psiquicamente de um ponto surdo. Para chamar, é preciso que o sujeito tenha recebido a voz do Outro, que terá respondido ao grito interpretado como uma demanda e, depois, se esquecer desse chamado para ter sua própria voz, sem estar saturado da voz do outro. Para o sujeito existir, é preciso que o Outro o invoque e sua primeira manifestação se dá pelo ritmo musical de sua voz, sendo ela uma das formas fundamentais de o Outro se tornar presente e o convocar por meio da fala de um desejo de que ele seja sujeito próprio.

Para invocar deve existir um outro susceptível a escutá-lo. Um tempo é interpolado para este chamado, sem o qual não é possível a movimentação do circuito da invocação da pulsão, ou seja, o endereçamento pela manifestação do desejo do outro pela criança. Este tempo está relacionado à mãe suficientemente boa que se adapta para responder às necessidades da criança, ocorrendo um desabamento psíquico quando esse tempo é desencontrado. Isso significa que proferir o chamado requer a hipótese de que o outro vai responder, caso contrário não vai chamar.

Vivês diferencia duas posições maternas que exercem influência nessa dinâmica de invocação: 1. Sereia, que enuncia um gozo mortífero, é uma chamada para o sujeito não ser constituído pelo desejo. O desejo inconsciente da mãe é da ordem de não perder o objeto-criança, de possuí-la. A tendência da criança é de se afastar e a estratégia da mãe é de fazê-la voltar para uma demanda que é absoluta e implica na dissolução do outro. 2. Poetisa, um canto pacificador, a mãe supõe que a criança é um sujeito, ela sente prazer em colocar limite no gozo.

As sereias não cantam, gritam, seriam como vozes do supereu tirânico, fazem chamado pelo mais gozo, não é o gozo fálico. Nesse caso, ao não resistir a este apelo, ou seja, não se silenciar, a voz e os modos de endereçamento não serão capturados pelo simbólico, como ocorre no caso da psicose – quando o sujeito não simboliza o real e não resiste ao apelo do gozo do Outro –, diferentemente da neurose – quando há simbolização, por ter sido embalado no desejo do Outro endereçado a ele, como no canto da poetisa.

O choro do recém-nascido não pode ser inicialmente considerado como uma chamada. É uma primeira tentativa de se expressar para se livrar do estado de insatisfação. Esse grito é simbolizado a partir da resposta da voz do Outro que registra o seu desejo quando dá uma resposta ao apelo do bebê. O circuito da invocação, nesse tempo, consiste em ter na voz um meio de fazer contato com o outro na expectativa de obter deste Outro uma voz-resposta.

Lacan, no *Seminário 10: A angústia*, propõe que o olhar está associado *com o desejo* do Outro e a voz, *ao desejo* do Outro. A voz é, assim, a expressão da pulsão no registro sonoro por onde passa a linguagem e a fala. Para tal, faz-se necessário retornar ao momento mítico do nascimento do sujeito sob a égide da voz do Outro. Acrescentamos a essa voz primordial outros modos de endereçamento, como o silêncio e a comunicação não verbal, que remetem o sujeito ao significante da voz primordial.

Esse momento é marcado pela união do bebê com o Outro no fluxo do objeto voz. De um lado, há um transmissor que ainda não é conhecido como tal (o bebê) e, do outro, um receptor (um outro) já posicionado como tal. O receptor, ao interpretar o chamado, se transforma em transmissor. Interpreta o grito como uma palavra suposta do bebê, que desde seu nascimento está na posição de suposto-sujeito-fala, ou seja, o choro assume o lugar “ele quer dizer algo”, então, nasce um significante que representa o sujeito para um outro significante. O choro do bebê não representa o bebê para o meio ambiente que o acolhe e sim representa o sujeito para todos os significantes futuros.

O grito é algo que se deixa de lado para se constituir como sujeito. O dispositivo cultural, por exemplo, cantar, permite contatar o real e não chegar a ele. Ou seja, o grito é uma resposta ao real, o timbre puro é o momento mítico, é o momento que o bebê grita pela primeira vez, não é endereçado, interpretado, é pura expressão sonora. Quando o grito é interpretado, a voz passa para o segundo plano. É a voz que permite sairmos de nós mesmos e nos endereçarmos ao outro. É o relançamento do bebê no circuito que permite o outro (materno) ser chamado. Se não há chamado do bebê em direção ao outro, o circuito deixa de existir. É a única pulsão de que as duas partes precisam participar.

Segundo Vivès, a mãe deve ser capaz de interpretar o choro do bebê e "improvisar", no sentido musical, uma resposta. Para a mãe interpretar e dar uma resposta de modo suficientemente bom aos sons enigmáticos do bebê, ela precisa estar envolvida no laço linguagem e Lei. Improvisar significa encontrar a nota azul que expressa o dom da fala que introduz o bebê na ordem simbólica, na Lei da linguagem, gerando nela satisfação por conseguir ter sido interpretada.

Para o autor, esta relação mãe-bebê é como uma sonata. A mãe dá conta do solo do bebê. É esperado que o bebê se abra ao timbre maternal, à sua voz, ao seu chamado, endereçamento. Sua chamada, sua voz, é uma isca que o bebê morde como um gancho

para a linguagem. Essa improvisação é como um duo na música: partes diferentes, mas interagindo, um sistema vídeo-sonoro. Por exemplo, quando o bebê está em estresse e a mãe interpreta com “má vontade”, com “gosto ruim”, ocorre uma disritmia, um mau funcionamento do duo. Três tempos são observados na improvisação: a *suposição da mãe*, confiança e crença que será capaz de perceber as intenções do bebê; *o duo*: a sonoridade que embala o apelo e a resposta; e *o endereçamento*, que significa como passa para o bebê o prazer de fazer esta interação e o seu desejo de que ali tem um sujeito a se tornar.

Ao chamar, o bebê sustenta a hipótese de que outro pode ser capaz de atender ao chamado. A mudança do lugar do sujeito no circuito da invocação é característica da dinâmica da pulsão invocante. Em outras palavras, o sujeito até então submetido ao apelo do Outro, falhado a esse apelo, se descobre igualmente falante e conseqüentemente desejante.

Enuncia-se aqui a diferenciação entre demanda e invocação, que Vivès enfatiza em seus escritos. Na demanda, o sujeito se encontra em posição de dependência absoluta em relação ao Outro, pois ele lhe empresta o poder de atendê-lo ou não. Na invocação, o sujeito escapa dessa dependência por não se tratar mais de uma demanda dirigida a um outro que estaria lá, mas sim de uma invocação que supõe uma alteridade que possa advir de onde o sujeito – como possibilidade – seria chamado a vir a ser.

Como diz Vivès, o sujeito que era invocado pelo som originário vai se tornando invocante pela fala. Nesse movimento, ele vai conquistar sua própria voz. Assim, invocar supõe que há um não surdo para ouvi-lo. Para se tornar falante, o sujeito se constitui como um esquecido da voz do outro, ponto surdo, onde a pulsão invocante opera na subjetivação da criança. O autor acrescenta que o investimento em permanecer surdo ao apelo da voz do outro é um excesso que é reinvestido na fala, ou seja, o sujeito quer se manter falante a despeito dos inconvenientes que esta traz, como os mal-entendidos e a maldição.

Isso porque a voz veicula a promessa de gozo, remete o sujeito a um tempo anterior à Lei. Como esta é essencial para o percurso do desejo, o sujeito não se perde na ilusão do gozo do Outro, mas tampouco permanece na renúncia, sendo tentado pela voz do gozo que o leva ao tempo mítico da simbiose com a mãe. Para Lacan, esse imperativo do gozo é o supereu, que encurrala o Eu pela pressão vocal superegóica. Significa que a voz sempre é um endereçamento que vem do outro, é a manifestação do seu desejo.

Esta voz que o sujeito não pode fazer calar não fala, funciona como gritos inarticulados, que seriam a voz do gozo. A partir da sonoridade dos endereçamentos, o sujeito sem lugar ocupa um lugar, renunciando à sua condição de desejante. Assim, de um lado, o Trabalho do sujeito o coloca em movimento, ou seja, sujeito sem lugar, sujeito invocante. Do outro, o sujeito com lugar fixo, enraizado, o trabalho é que é capturado, encantado com a voz e mortificado pelos modos de gestão, ocupando o lugar de invocado.



## O supereu vai dar trabalho ao sujeito

O supereu é um dos principais protagonistas que provocam a desestabilização desse circuito. É aquele que se opõe ao mandato ético: *torne-se*. Orienta as escolhas do sujeito intrinsecamente articuladas ao “resto” que escapa ao sentido e ao real, que não é simbolizável. Este resto é o que o sujeito se torna. Nesse sentido, assume a posição de sujeito invocado. O imperativo *Goze!* é um modo de o supereu exercer seu poder sobre nós, o que produz culpa por nos submetemos à sua injunção e renunciarmos o tornar-se.

Freud escreve de modo mais explícito sobre o supereu em *O id e o ego*, de 1923, retomando esse conceito depois no texto *Para além do princípio de prazer*, de 1926. A sua concepção de supereu carrega um duplo paradoxo: é herdeiro do id (isso) e do complexo de Édipo.

Em relação ao complexo de Édipo, o supereu é o regulador dos excessos pulsionais, impõe limites; é proibidor, vigia e pune as ações do sujeito, assume a função parental de autoridade. É formado após a dissolução do complexo de Édipo, quando a criança se identifica com o pai visto como ideal uma vez que este pai é o que possui a mãe, objeto de desejo da criança. Assim, o supereu é um conceito muito próximo àquele de ideal do eu, ideal este que as figuras parentais buscam propagar para a criança que procura corresponder para ser reconhecido.

O superego é para nós o representante de todas as restrições morais, o advogado de um esforço tendente à perfeição – é, em resumo, tudo o que pudemos captar psicologicamente daquilo que é catalogado como o aspecto mais elevado da vida do homem. Como remonta à influência dos pais, educadores, etc., aprendemos mais sobre seu significado se nos voltamos para aqueles que são sua origem (Freud, 1933[1932]/1996, p. 72).

Em relação ao isso, o superego articula-se às dimensões obscuras do Inconsciente, onde estão as pulsões. O isso é um depositário de catexias instituais que buscam se descarregar, ou seja, é um espaço puramente pulsional, presente no psiquismo desde a sua constituição. Esta ligação com o isso torna o superego entrelaçado à pulsão, especialmente à pulsão de morte, explicando a severidade no julgamento do sujeito. Estas duas origens dão base para definir um superego pré-edípiano mais tirânico e um superego pós-edípiano mais pacificador. Nessa direção, o superego tem dupla função de exigir e regular a satisfação pulsional.

Com os estudos de Lacan, o superego vai assumindo novas feições, sem perder suas ligações com as pulsões, aliás, articulado a elas de modo indissociável. Desde seus primeiros escritos, *Seminário 1: Os Escritos Técnicos de Freud*, Lacan se distancia da ideia de um superego como herdeiro do complexo de Édipo, separando o superego do ideal do eu. O superego é, para ele, gozador e voraz, definido como o “superego goza-dor”, e se dá somente pela exigência da satisfação da pulsão como um imperativo de gozo, objeto de puro gozo, incorporado pelo sujeito como som. Considera o superego como voz, uma das cinco formas de *objeto a*, que aparece em um tempo primitivo da constituição do sujeito.

A voz do superego formalizada por Lacan enquanto *objeto a* é um “eco no real”. É uma voz diferente da voz significante, encadeada na e pela linguagem, a partir de dentro de uma sonoridade que a modula, é puro som desvinculado das modalidades fonéticas. É uma voz que funciona como imperativo, exige obediência ou convicção. Trata-se do objeto voz enquanto

supereu, incorporado ao invés de assimilado, que se volta contra o sujeito de forma mortífera. Esse objeto *a* é causa de tormentos, não de desejos. Assim, a matriz do supereu já está posta desde a existência da voz do Outro primordial.

Outra formulação importante é o supereu gozador, como uma instância negativa que não serve para nada, um gozo sem serventia que exige, de maneira exclusiva e insaciável, ao psiquismo: “Goze!” Assim, Lacan desvincula o supereu da proposta freudiana de herdeiro do complexo de Édipo, passando a situá-lo não mais como moral, mas como amoral, um mandante da pulsão de morte que impõe somente uma ordem: “Goze!” Por isso, tanto faz para o supereu se o sujeito goza obedecendo ou transgredindo a Lei. É também um imperativo que nunca será cumprido, uma vez que, pela lógica superegóica, é possível exigir um pouco mais de empenho; portanto, é uma gula pulsional insaciável e amoral.

Nessa direção, quando se institui um *apelo de*, posiciona-se o sujeito invocado preso nas armadilhas do supereu, parte maldita do sujeito referente a um real que é impossível de ingressar no simbólico; e o *apelo a*, é o sujeito invocante, fruto do desejo do Outro de que ali existe um suposto sujeito. Na clínica das histéricas esta posição de sujeito invocante foi bem retratada pelas pacientes de Freud, que expressaram um “cale-se e escute-me”, que pode ser traduzido em “não me dê o que eu te peço, porque não é o que desejo”. O sujeito invocado pelo som originário é capturado pela linguagem e torna-se sujeito invocante, ingressando no tempo do se fazer chamar.

Nos tempos do circuito, quando a voz é traduzida como apelo impossível de ser respondido, o sujeito é confrontado com o real. Nessa encruzilhada, se apresentam dois caminhos para o sujeito: o sujeito boquiaberto, aderido ao imaginário, e o desboquiaberto, que ingressa no simbólico. Abrir ou fechar a garganta é um movimento que depende da voz que é interpretada como a voz do Outro.

Outros protagonistas também atuam nesta cena, como a angústia do abandono e a angústia da castração. Sendo o real – a coisa – aquilo que é impossível de ser nomeado, significado, simbolizado: é a origem, sobre a qual o sujeito *ex-siste*, é o motor propulsor para o lançamento e relançamento do sujeito no circuito. Sujeito invocante se desembaraçando do supereu e sendo relançando no circuito do endereçamento do desejo.

O supereu dá trabalho ao sujeito quando, no trabalho, o sujeito trabalha sob a ordem de outro, caracterizando, assim, o trabalho do supereu no outro, ou seja, transformar o sujeito que trabalha no sujeito do trabalho. Quem chama nos contextos de trabalho assalariado são os chefes, os colegas e os clientes. Este chamamento tem relação direta com o *chamado de*, sujeito do trabalho, sujeito invocado, e o *chamado a*, trabalho do sujeito, sujeito invocante.

Como explicita Vivès em seus estudos, a emergência do sujeito e sua inscrição como humano está intrinsecamente atrelada ao concerto de vozes que o circundam. A voz é um suporte corporal do qual o sujeito precisa se separar para se constituir. É assim que a voz é apreendida como um enunciado pulsional, independentemente da modalidade sensorial utilizada. Segundo seus escritos, a voz se manifesta por toda parte e de maneiras diferentes em cada enunciado, manifestados na música, na dança, no silêncio, no barulho. A voz é parte do corpo, é tomada pelo sentido. A fala vela a voz e ao mesmo tempo a denuncia quando algo altera o significante do enunciado.

Como é possível esse circuito se movimentar nos contextos de trabalho?

Se pensarmos o trabalho como um lugar da experiência de si na presença do outro, um lugar vazio, do inesperado do real, no limite como o trabalho do inconsciente, significa que o trabalho pode assumir um lugar para a invocação dos sujeitos que precisam se silenciar da *voz do trabalho* para continuarem na cadeia de

significantes, existindo a voz, mas de modo inaudível, permitindo, assim, a fala.

No trabalho, é possível, a cada encontro com o fazer, o sujeito se deparar com o inesperado e a experimentação de si – dimensões do real que constituem um dos caminhos para o circuito da invocação fluir. Para ser falante, o trabalhador precisa silenciar a voz do Trabalho (Outro), ponto surdo, onde a pulsão invocante opera na subjetivação.

Pensamos, então, que a fala é, paradoxalmente, uma condição dependente da voz. A palavra faz calar a voz sem que ela perca seu status de invocante. Isso implica que o sujeito concede perder a voz para falar, sendo esse um preço a ser pago para libertar-se da condição de invocado pelo trabalho e passar para a condição de trabalhar, o que significa deixar a condição de sujeito do trabalho e se inscrever no trabalho do sujeito.

Esse preço vincula-se à aceitação da condição da castração. Uma questão a ser discutida para articular as razões pelas quais o sujeito se submete a obedecer às regras do trabalho em contexto de extrema adversidade, marcado pela dominação, opressão e violência, renunciando a sua liberdade.

O sujeito invocado tem um gozo plus (mais-de-gozar) imperativo do discurso do capitalista. A falta constituinte do desejo é substituída pela ideologia da perfeição, da excelência, da qualidade total. O modo consumista de trabalho é um “canto da sereia”, exerce um fascínio e encantamento pela voz, não permitindo o silenciamento inexorável ao desejo e à possibilidade de deslizamento do sujeito para a posição de invocante. Aqui nasce o sujeito do trabalho e morre o trabalho do sujeito.

O trabalho é transformado pela dimensão cantante. Retomar a improvisação como transgressão do previsto é a nota azul do trabalho. Como diz Marx, ser o si mesmo na alienação, e Freud, subverter o gozo para a ética. Então, o desejo trabalha.



## Insistir, Resistir, Desistir

A tensão entre a demanda e o desejo movimenta o circuito da invocação da pulsão no trabalho, que constitui o trabalho do sujeito e o sujeito do trabalho. O movimento depende do silenciamento da voz, do chamado, do apelo a ele feito pelo discurso proferido pelo, no e do trabalho. Esse silenciamento se dá pela insistência do desejo, que se contrapõe à resistência-desistência que atende à demanda. Nesse caso, a voz permanece audível, mesmo que em baixa sonoridade, pela negação e justificação. Esse silenciamento e voicificação são os caminhos que a pulsão percorre até chegar ao seu destino: o gozo e a sublimação.

Nessa direção, propomos dois tempos para o circuito da invocação da pulsão no trabalho: *o Insistir e o Resistir-Desistir*. Para compreensão desses tempos, é fundamental retomar a questão do discurso. Os apelos são proferidos pelo discurso que estamos denominando de capitalista colonial, já tratado anteriormente, e pelo discurso da produção de saber. Esta proposta tem inspiração nos discursos estudados por Lacan no *Seminário 17: O avesso da psicanálise*, no qual ele interpreta os três modos de relacionamento apontados por Freud, em *Análise terminável e interminável*, de 1937: governar, educar e analisar, aos quais acrescenta o fazer desejar. Assim, propõe quatro discursos: do Mestre, da Histórica, do Analista e do Universitário.

O discurso capitalista colonial articula-se ao discurso do senhor como uma variante do discurso do mestre enquanto o

discurso da produção do saber articula-se ao discurso da histórica e do analista – é uma produção do inconsciente fundada no reconhecimento da falta.

Lacan argumenta que o discurso do mestre (do senhor, do capitalista) é o avesso da psicanálise. O contraponto do discurso do mestre é o discurso do analista. Assim, o chamado *a* lança o sujeito na invocação do desejo por um discurso que supõe ali um sujeito que trabalha; e o chamado *de*, proferido pelo discurso capitalista colonial, lança o sujeito no gozo, na repetição e na demanda do Outro.

No tempo *Resistir-Desistir*, o destino da pulsão é o gozo nas três modalidades: do Outro, fálico e gozo plus. A pulsão atende ao comando tirânico do supereu: “*Goze!*”, traduzido em “satisfaça sua pulsão a qualquer custo”. O sujeito se constitui pela demanda (“desejo” encantado), sedução das promessas do capital de ter mais e com isso ser mais, caindo na armadilha do “canto da sereia”. É atraído pela sonoridade da promessa que remete à ideia de satisfação plena e absoluta da pulsão. Esse encanto é da ordem do registro do imaginário, é um lugar ocupado pelas ilusões e desilusões frente ao real. Aí se constitui o sujeito do trabalho, invocado pela subalternidade do seu desejo ao desejo do Outro e pela subalternidade sociohistórica, um encontro entre o psíquico e o social, entre o sujeito e o trabalho.

De modo específico, nesse tempo há um excesso da presença do Outro e uma luta é travada para não atender ao seu desejo. A demanda é a voz do desejo do Outro que traz a satisfação pulsional ao ser atendido o imperativo: “*Goze e cale-se*”, ou seja, o sujeito se satisfaz ao existir para este Outro, cedendo a ele o seu desejo, se constituindo como um sujeito invocado. Aí a demanda trabalha pelo sujeito, quer dizer, resistir e desistir é abrir mão do trabalho do sujeito, do seu desejo. Nesse tempo, o trabalho vivo sucumbe ao trabalho morto produzido pelo capital.

No tempo *Insistir* a pulsão invocante tem como destino a sublimação. É a possibilidade de resgatar o trabalho do sujeito do

sujeito do trabalho, boquiaberto frente às ilusões e desilusões do real do trabalho. A insistência remete à ética do desejo pensada por Lacan no *Seminário 7: A ética da Psicanálise*. Pensamos ser a ética no trabalho do sujeito a força motriz questionadora do querer, poder e dever do sujeito frente ao real, que é sempre da ordem do inesperado. De algum modo, significa viver a falta implicada no desejo e o vazio da impossibilidade de dar conta do real. É uma ética que não cede ao gozo, especialmente ao mais-de-gozar demandado no discurso do senhor como saída para a angústia de castração.

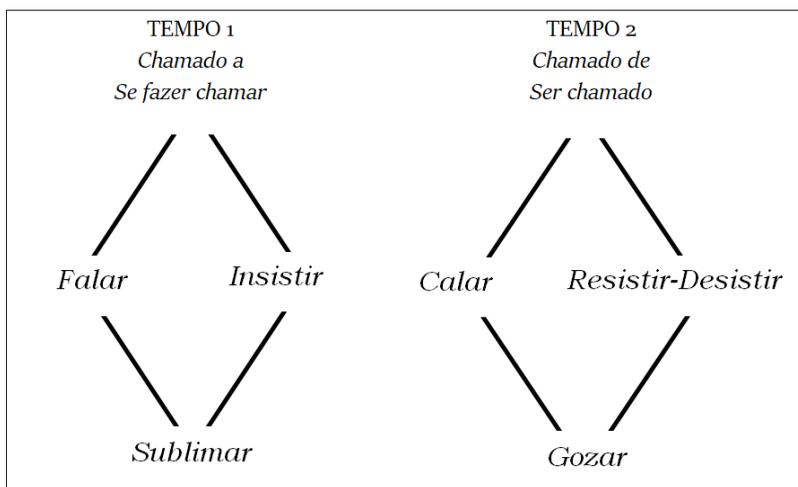
Para Lacan, “a sublimação eleva um objeto à dignidade da Coisa”. A coisa é da ordem do irrepresentável na experiência de satisfação, é da ordem da pura falta, do vazio. A sublimação se vincula ao desejo, impulsionador da criação e, como tal, implica o trabalho do sujeito. Este é a causa do desejo, produz um enigma, coloca o sujeito no lugar do vazio.

O trabalho como criação – o trabalhar –, como o fazer, como insistência ao inevitável e inesperado encontro com o real. Esse trabalho, que é o trabalho do sujeito, se enlaça no discurso da produção de saber. Saber que não é redutível, que é infinito. A cada encontro com o fazer, o trabalhador se depara com o inesperado. É só fazendo que se sabe que faz. Assim, o trabalho do sujeito possibilita a aproximação da satisfação do desejo no circuito da invocação. Isso significa que a sublimação é a renúncia ao gozo, ou seja, uma satisfação faltosa no vazio da inexistência de objetos e objetivos que satisfaçam a pulsão. A pulsão nunca será totalmente satisfeita, sem essa falta a sublimação não é possível. Implica o luto do objeto, aceitando a impossibilidade de tê-lo, sem negar que o objeto mantém a sua beleza.

A insistência remete ao sujeito invocante. É uma potência para a existência ético-política. Tem lugar num trabalho onde seja possível improvisar, criar e exercitar a experiência de si frente a um apelo mais cantante, uma voz como a da poetisa, do supereu pacificador, uma voz que canta e não encanta. Encontra-se no

registro do simbólico para fazer frente ao real. É a fala que faz o sujeito se fazer chamar e se desboquiabrir frente às vozes tirânicas que o constituíram como sujeito invocado. Na insistência, a sublimação e a emancipação se encontram, é o lugar do sujeito suposto.

Podemos representar os dois tempos graficamente como dois losangos que ligam o sujeito ao destino da pulsão invocante.



## “Trabalhe e Cale-se!”

Assim, os tempos da invocação da pulsão no trabalho vão constituindo o sujeito e seu modo de trabalhar, sendo os destinos da pulsão determinantes para o trabalho do sujeito e para produzir sujeitos do trabalho. O tempo do circuito se move para a sublimação, constituinte do sujeito que trabalha. Mas quase nunca é possível esse destino no trabalho capitalista. Significando que a única saída para a pulsão é atender ao imperativo do supereu: “Trabalhe e Cale-se!”. A satisfação da pulsão se dá unicamente pelo gozo, a demanda vence o desejo e a resistência-desistência ganha da insistência.

Isso implica a falha de todos os mecanismos para silenciar as vozes no Outro-Trabalho – nem mesmo a negação, a formação reativa, as identificações projetivas capazes de silenciar minimamente as vozes pelas resistências-desistências têm força. As vozes se tornam amplificadas, intensas, insuportáveis, “enlouquecem” o sujeito na busca desmedida da satisfação plena e absoluta da pulsão.

Essa voz do supereu tirânico deixa o sujeito boquiaberto no seu silêncio gritante. Isso se dá pela força do discurso capitalista colonial, que usa artifícios de poder para colonizar o sujeito e o trabalho vivo. O imperativo “Goze!” dá um lugar ao sujeito sem lugar, é a modalidade do mais-de-gozar que se articula à pulsão de morte.

Nesse momento, o trabalho do sujeito é morto, sendo a partir daí produzidos diferentes sintomas sociais. São a expressão do imperativo do supereu, da sonoridade da voz que não se cala no trabalho capitalista. São sintomas que, na maior parte das vezes, não apresentam relação direta com as estruturas clínicas. São soluções de compromissos e modos de funcionamento dos sujeitos em função da colonização do trabalho vivo e os laços vinculados ao mais-de-gozar. É um modo de fugir do drama da solidão de ser, de existir, de ser sujeito incompleto, castrado.

Alguns desses sintomas têm assumido lugar de destaque na nossa experiência clínica, como a servidão, a aceleração e a virilidade. São sintomas que se articulam ao ideal do eu capturado pelo ideal do capital. Estão interconectados e se sustentam pelo discurso e práticas propagadas e legitimadas pelos modelos de gestão. São relativas ao produtivismo, individualismo, controle, ameaça, ausência de culpa e de vergonha, agressividade, medo e distorção comunicacional. Vale ressaltar que cada organização ou empresa pode fabricar outros sintomas sociais diferentes desses aqui propostos.

Nossa proposição é que esses sintomas estão na base da maior parte das patologias do trabalho. O imperativo “a sua satisfação no trabalho será plena e absoluta se atender à demanda a qualquer custo” subjaz a essas patologias. A instauração dessas patologias vai, aos poucos, enlouquecendo o sujeito que cala, sujeito sem fala, distante do trabalhar e de uma existência ético-política.

O discurso do prescrito – o trabalho morto, assume o lugar do real do trabalho – o trabalho vivo. Por meio de um mecanismo de gestão pode-se mensurar, comparar e classificar as pessoas, de modo a excluir todos aqueles que não são percebidos como úteis, rentáveis e adaptados. Esses artifícios são pautados pela lógica do consumismo, excelência e produtivismo. São comandados pelo imperativo categórico do gozo: vive para o gozo, para apoderar-se dele, organizá-lo e prorrogá-lo.

Nas patologias, há uma coabitação, a nosso ver, necessária aos preceitos do capital entre os modos perversos de gestão e o mais-de-gozar como único destino possível da satisfação da pulsão. O discurso e as práticas de gestão, também articulados ao discurso ultraliberal e, aí, a um “sujeito liberal”, podem construir, de modo muito sofisticado e sutil, culturas e ideologias totalitárias, tirânicas e exterminadoras. Um lugar onde o laço social é construído com base na presença tirânica do Outro.

Assim, as patologias vão se construindo em contextos onde são valorizadas a performance e espetacularização dos produtos e serviços e não o saber fazer no real. A qualidade como qualificação do fazer deixa de ser critério para o reconhecimento da utilidade e da beleza e passa a ser uma exigência. Essas exigências não se restringem apenas à entrega do produto: a demanda exige também a perfeição do que é produzido, tanto referente à estética quanto ao tempo de produção e de rentabilidade. Cria-se para o trabalhador uma demanda impossível de ser atendida frente ao inesperado do real, um dilema que paralisa o sujeito.

Na patologia, há mobilização em busca de um eu ideal, uma *Weltanschauung*, conceito alemão que remete a uma construção intelectual que oferece solução a todos os problemas, simplificando ao máximo os objetivos a serem alcançados para nos sentirmos completos. O erro não existe, a falha é projetada, implicando uma resistência transferencial que leva os sujeitos em direção à morte psíquica e destituição dos laços sociais. É justificada no paradigma do que é o progresso em face da urgência falaciosa da dominação da natureza.

Nesse contexto, nasce uma patologia que consideramos central para manter o poder do capital: a patologia da indiferença. É fundada na radicalidade do imperativo do supereu: “Goze!”, traduzido em demandas além de “Trabalhe e Cale-se”, como “Se você pode, você deve”, “Você deve ultrapassar todos os limites”, entre outros. Assim, a *patologia da indiferença* refere-se a um Eu ameaçado pela castração, pelo desamparo e por um insuportável

vazio interior, sustentado no ideal de perfeição, na ilusão de ser capaz de controlar o real, na ausência de fala particularizada. Um Eu comandado pelo “canto da sereia”, chamado que mortifica o desejo, o trabalho vivo e a existência ético-política.

Outras patologias também estão na base desses imperativos do supereu, como a patologia da sobrecarga, da violência; o suicídio; a medicalização e o alcoolismo. É possível dizer que imperativos podem ser proferidos pelos modelos de gestão para cada uma dessas diferentes patologias. Assim, a abordagem da psicopatologia clínica do trabalho, a partir das proposições teóricas apresentadas e da escuta clínica, busca reconstruir a narrativa do adoecimento mental pelo trabalho, compreendendo, por exemplo, como o trabalhador foi acometido pelo estresse pós-traumático, o burnout, os transtornos psicossomáticos, os transtornos de ansiedade, a síndrome do pânico, a depressão, entre outras doenças ocupacionais. Nesse sentido, o adoecimento mental pelo trabalho é uma denúncia que coloca à prova a funcionalidade das patologias produzidas pelo trabalho capitalista.

## O Silêncio Gritante

*Desejar, Falar, Trabalhar* é o percurso trilhado pela escuta clínica para que o silêncio gritante se torne falante pelo silenciamento das vozes que não abandonam o sujeito invocado, aquele que adocece. Para a escuta clínica do trabalho é essencial compreender, além das relações entre o discurso capitalista colonial e o modelo psicanalítico dos tempos da pulsão invocante, o Insistir e o Resistir-Desistir, as consequências dessas relações para os diferentes modos de organização subjetiva, o sofrimento e o adoecimento.

O trabalho na clínica tem nos possibilitado identificar modos de organização psíquica que operam ao longo do atendimento muito potentes para orientar os rumos do tratamento. São modos que têm aparecido vinculados aos imperativos do supereu e ao trauma, especialmente causados pela violência moral, como as ofensas, humilhações e constrangimentos praticados pelos chefes e colegas, na maior parte das vezes, tão intensos que paralisam o sujeito, sendo sua única saída suportar a dor que lhe causa sofrimento e calar-se frente à mortificação do seu trabalho vivo.

O sujeito nessa condição tende a ficar, diante do chamado, fixado no mais-de-gozar como destino para satisfação da sua pulsão. O discurso capitalista colonial, ao produzir os sintomas sociais da aceleração, virilidade, servidão e a patologia da indiferença, cria efeitos colaterais como a intensificação dos modos neuróticos de funcionamento, evidenciáveis ao longo da escuta e

que operam como impeditivos do tempo Insistir do circuito da invocação.

De modo geral, os pacientes têm se posicionado em duas lógicas: histérica e obsessiva. Essas lógicas expressam modos de gozo, podendo ou não se alinhar com a estrutura psíquica, e não sendo opostas entre si. Ao chamar o sujeito *de* e produzir essa neurotização social, os modelos de gestão potencializam os riscos para desestruturação dos laços sociais bem como para o surgimento de novas formas de patologias e adoecimento pelo trabalho: o supereu vence o desejo e invoca o sujeito pelo imperativo: “Trabalhe e Cale-se!”, Gozar é a ordem!

Outras lógicas, como a perversa e a psicótica, também têm aparecido, embora muito mais na narrativa dos pacientes sobre sua história com o trabalho e o adoecimento do que no seu próprio percurso. É possível que esta presença tenha uma relação com os diversos comportamentos de normopatía, sociopatía e paranoia observados nos discursos e práticas dos modelos de gestão capitalista, na base da formação de laços sociais patogênicos. Apesar de ser essa uma discussão desafiante e relevante para o campo de estudo da psicopatologia clínica do trabalho, optamos por deixar para futuros escritos e focar, no momento, na neurotização.

Inspirados na obra *Estrutura e Clínica Psicanalítica*, de Joel Dor, edição em português, de 1991, elaboramos algumas ideias sobre a relação entre o discurso capitalista colonial, os modelos de gestão do trabalho e a neurotização.

A lógica obsessiva é marcada pelo excesso de trabalho, em detrimento dos laços sociais e amorosos e, ao mesmo tempo, pela fuga do trabalho, quer dizer, do trabalhar, por não conseguir o sujeito romper com a demanda da exigência de perfeição. Portanto, o imperativo é: “Trabalhe!”, para atender todas as demandas, não mostrando suas falhas e faltas. Por não conseguir manter uma qualidade (total) nas atividades esse sujeito entra em desespero, culpabilizando-se e já vivendo uma ruína antes prevista. Quando os

ideais caem por terra e não se tem o que pôr no lugar, uma grande angústia se instaura pela falta de tempo para construir outras formas de manter o gozo pela idealização. Ou seja, é muito difícil perder o gozo originado da sensação de infalibilidade e perfeição que o trabalho possa permitir.

É uma lógica na qual o desejo é mediado pelos modos de gozo do Outro. Não se pode deixar o outro desejar, por isso se faz tudo para suprir as necessidades, sejam materiais sejam de segurança, conforto, de modo a escapar de todas as formas do desejo. Isso pode se confundir com a lógica histórica, que também faz tudo pelo outro, sendo que a procura de um Senhor do seu desejo se dá com a expectativa de destituí-lo enquanto na lógica obsessiva há uma necessidade de que o Senhor do seu desejo permaneça como tal.

Ao ocupar o lugar de objeto do gozo do Outro, a lógica obsessiva favorece a servidão voluntária na medida em que assume a responsabilidade pela atitude de aceitar tudo pelo seu impedimento de demandar do outro. Essa servidão é uma modalidade de gozo que se expressa na queixa repetitiva, nas manifestações reacionais e nas ruminções “brilhantes” contra as adversidades. Isso significa que pela servidão há uma ressurgência, no sujeito, do seu lugar fálico infantil no qual se encontra preso como criança privilegiada da mãe. Essa condição é um paradoxo que aparece na forma de culpa por colocar a criança numa posição de privilégio quase incestuoso com a mãe no que se refere à castração. Existe um temor da castração, da perda e da relação com a Lei. Elementos fundamentais para a captura do sujeito pelo poder de sedução do capital relacionado à acumulação e ao consumismo.

O capital explora essa lógica pela alta necessidade de nada perder. Como é tudo para o Outro, tudo deve controlar e dominar para que o outro não escape e ele não perca nada. Uma luta é travada para não se confrontar com a castração, provocando uma ambivalência entre ser o falo e o perder pela castração advinda da Lei do Pai. A ambivalência varia entre tudo sacrificar em nome da

Lei do Pai e, ao mesmo tempo, frustrar e dominar regularmente esta Lei. Há uma busca incansável por muitos e diferentes objetos na tentativa de gozar tomando o lugar do pai. Assim, o desistir se articula mais com esta lógica.

O gozo está na conquista, no momento em que o sujeito atinge o alvo, segue correndo atrás de outros desafios. Muitas vezes, com elegância e certa desenvoltura, vira as costas, “deixa pra lá” o que acabou de obter, ou seja, a partir do momento que tem o domínio do objeto que conquistou, desiste de continuar o investimento. A persistência e obstinação se dão para que o gozo da conquista seja alcançado.

O sujeito é chamado pela voz da demanda para ser um lutador, um conquistador, um vencedor (ao perceber que a mãe é dependente do desejo do pai, mas não recebe o que é suposto esperar deste, ele crê que a mãe pode encontrar nele aquilo que supostamente esperava de seu pai). Entra na luta rumo ao controle absoluto do gozo, é assim que vai atendendo às exigências do capital, acreditando que tem uma luta a ser vencida. O desejo de ganhar se conecta à invencibilidade proferida pelo discurso capitalista colonial àqueles que são os fortes, os escolhidos, os privilegiados, por terem o controle absoluto da castração. Como diz Freud em *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, 1909, o obsessivo persiste na luta sem fim pelo controle onipotente do objeto como o capital o faz crer.

Tudo fará para matar o desejo do outro e assim não se confrontar com seu próprio desejo. Passividade e agressividade são vivenciadas pela impossibilidade de poder demandar, uma vez que é prisioneiro da satisfação do desejo materno, que leva a mãe a muito dedicadamente atender às suas necessidades, assim como faz a “organização” onde trabalha. Disfarçado ‘na pele’ daquele que atende a todas as demandas, que tudo faz para ninguém desejar mais nada, ocupa o lugar do Senhor tornando indispensável o seu “serviço”.

Na lógica histórica, o desejo é apropriar-se do falo do qual o sujeito acredita ser injustamente desprovido. Uma ilusão se constrói por esta suposta posse, implicando a negação da diferença e a busca pelas provas de que isso é verdade. É uma lógica que coloca o desejo naquele que supõe ter o falo, algo como: “O desejo de vocês prevalece, pois, afinal, vocês sabem mais do que eu, têm o que eu não tenho”.

Há vestígios de uma queixa arcaica que se atualiza em forma de reivindicação pelo amor da mãe. O sujeito é tomado por uma insatisfação decorrente da insuficiência das provas de amor da mãe por ele, ou seja, o eterno drama de não ter sido amado o bastante pelo Outro. Tal falha abre uma perspectiva para o confronto com o que está posto, no caso, pode ser um risco para os modelos de gestão por provocar uma indignação, que será calada pelos mais diferentes artifícios de poder do capital, podendo ser este o “trabalhador desadaptado”. É uma lógica na qual predomina o Resistir por esta condição de privação e reivindicação pela voz gritante.

Lógica esta marcada pela desvalorização por se perceber incompleto em relação ao ideal que é ter o falo. Há o desejo de ser o objeto que brilha, fascina, ofusca para ocupar o lugar de objeto de desejo do outro. O gozo está em ser este objeto e não em desejar o outro. É um desejo, mesmo contra tudo e todos, de fazer o outro desejá-lo, ele que se dá a ver como o objeto fascinante que pode preencher a falta desse outro, ou seja, ser o falo para o outro.

O gozo é deixar o outro em suspenso nessa mobilização, a imaginar que ali tem alguém que pode preencher sua falta, fazendo o outro correr atrás dessa possibilidade e, assim, manter o fantasma da sua identificação fálica. Quando o outro deixa de correr atrás e se mostra mais empreendedor em seu desejo, é dispensado, porque perde o lugar de “eu o faço desejar”, uma vez que o desejo do outro aparece e com ele a verdade sobre a castração.

Hipotetizamos que as práticas gerenciais acessam esta lógica quando são voltadas para a idealização da imagem narcísica. O sujeito ocupa este lugar de objeto do desejo do Outro, acreditando

ter o falo, por isso é pleno, sem nenhum tipo de privação no seu modo de gozar, de castração e de limite.

Nesse tempo de Resistir predomina um grito falante, diferente do silêncio gritante da lógica obsessiva. Em ambos a voz encontra-se voicificada, com forte presença do Outro nos apelos proferidos. Vozes que não calam e, por isso, o grito é a saída para se fazer escutar. A fala é ausente, mas a performance dos gritos dá a entender que ali existe uma voz própria e não a voz do Outro que age sobre o sujeito. Isso quer dizer que o sujeito repete os imperativos da voz que não cala.

Assim, o desistir e o resistir são formas diferentes de confrontar a angústia de castração, que se expressam na narrativa dos trabalhadores no dilema entre a impotência e a onipotência. São sutis as diferenças entre elas, mas ambas servem aos interesses do capital e são por ele exploradas para aumentar a produtividade pela satisfação pulsional enlaçada na demanda e não no desejo. Na lógica histórica, há uma busca de atender à demanda para ficar no lugar do falo e na lógica obsessiva, de atender à demanda para não perder o lugar do falo. A servidão voluntária está presente nas duas lógicas, sendo esta a dimensão que coloca o sujeito em risco de adoecer pelo encantamento com o “canto da sereia” que o leva a esses lugares supostos.

O desencantar é um caminho ofertado pela escuta clínica, uma possibilidade de invocar o suposto sujeito. Falar é insistir no desejo e na existência ético-política. O sujeito trabalha no silêncio das vozes do Outro, que nunca se calam, mas podem se tornar inaudíveis quando a invocação se dá pelo clínico. Aí é possível vivenciar novas experiências de si diferente das experiências vividas no contexto de trabalho capitalista assalariado, locus dos traumas que tornaram o sofrimento insuportável e o fizeram adoecer.

## O Trabalho da Escuta

O adoecimento pelo trabalho é sempre acompanhado por um sofrimento que ao tornar-se insuportável age como um mobiliza-a-dor ao levar o trabalhador a buscar saídas para seu alívio. Funciona, assim, como um ato político ao denunciar o fracasso da funcionalidade dos sintomas, das patologias e da neurotização que sustentam os modos de trabalho capitalista. Por esta razão, é tão negado, eufemizado e intelectualizado pelos discursos dos gestores e defensores dos modelos de gestão liberal, de modo a naturalizar as situação de opressão e legitimar os artifícios do poder colonial empregados.

Schopenhauer, em sua obra *Dores do Mundo*, problematiza o sofrimento dizendo que o maior trabalho dos seres humanos é o esforço para manter a miséria em nível suportável e o sofrimento completamente ausente, esforço que aos poucos se transforma em tédio. Há uma busca para expulsar o sofrimento pelas mais diversas formas de criar necessidades e de cuidar das coisas materiais da vida, e se não se encontra acesso livre para tal, tem lugar a tristeza e o tédio da saciedade, e para combatê-los são forjadas as mais variadas armas. Assim, o sofrimento é parte da condição humana e traz em si um paradoxo.

Paradoxo que se repete no trabalho quando o sofrimento é, de um lado, parte constitutiva do processo de criação e de construção de uma obra, de um fazer – presente nas trilhas percorridas pela pulsão invocante para alcançar o destino da

sublimação – e, do outro, um instrumento de exploração dos modelos de gestão para manter os trabalhadores mais produtivos – causa do trabalho capitalista e do gozo como destino da pulsão. Desse modo, o sofrimento no e pelo trabalho é potência para o trabalho vivo do sujeito e instrumento de mais-valia, ocupando diferentes e diversos lugares na narrativa da história do trabalho do sujeito.

Nessa perspectiva, definimos o sofrimento pelo trabalho como uma força motriz questionadora do querer, poder e dever do sujeito frente à experiência com o real – inesperado, inusitado e surpreendente – algo que não é reconhecido como legitimamente pertencente a si; uma experiência desconhecida, estranha para sua costumeira relação consigo mesmo; algo no qual ele não se reconhece, o qual não compreende e para o qual não encontra tradução na linguagem que ele próprio conhece.

É vivenciado quando o sintoma é colocado em cheque e revela-se, perdendo sua funcionalidade na relação com o desejo. Sofrer pelo trabalho é uma possibilidade de manter vivo o trabalho do sujeito e, ao mesmo tempo, de mortificar o sujeito quando é gozo e escapa à ética do desejo. Nesse caso, impera a negação, ruminação, não aceitação da condição de *sofrente*, na radicalidade, a condição de castração, razão para se instaurarem os sintomas sociais da aceleração, servidão e virilidade bem como a patologia da indiferença. Como consequência, há a quebra psíquica e dos laços sociais e o adoecimento de si e dos outros.

Assim, sofrendo, quebrado, derrotado chega o trabalhador no nosso projeto de escuta clínica do trabalho, que vem sendo realizado desde 2015 na Clínica-Escola de Estudos e Atendimento Psicológico (CAEP) da Universidade de Brasília.

Falar ainda é uma potência que nos resta para insistir no desejo e na existência ético-política. A escuta clínica do trabalho é um caminho para insistir, silenciar as vozes tirânicas do supereu e invocar o sujeito ali suposto. Significamos essa escuta, referenciada na clínica psicanalítica como um campo de atuação no qual teoria,

método e prática são indissociáveis, constituindo-se, assim, em uma *práxis*. *Práxis* que envolve nomear e elaborar sofrimentos invisíveis e desarticulados para que os sujeitos se defrontem com o real e protagonizem sobre os destinos da pulsão, circulando e se movimentando da posição de sujeito invocado para sujeito invocante.

Para Freud, a interpretação é a técnica central do método psicanalítico e sua prática é guiada pela tríade recordar, repetir, elaborar. A arte da interpretação, como ele se refere, é usada para interpretar, além das queixas dos pacientes, os sonhos, os atos sintomáticos, os lapsos, os atos-falhos, entre outros. É uma técnica sustentada por quatro regras imprescindíveis a qualquer processo psicanalítico: a associação livre, a abstinência, a neutralidade e a atenção flutuante. O método inicialmente proposto sofre mudanças ao longo de sua obra, influenciadas pelos casos clínicos com implicações para os conceitos de transferência e de resistência e, mais adiante, em *Introdução ao Narcisismo*, de 1914, para o conceito de elaboração.

Esses conceitos assumem posição de destaque no tratamento com o método psicanalítico. As primeiras elaborações sobre a transferência e a resistência foram nos *Estudos sobre a Histeria*, de 1895, e, depois, no *Epílogo do caso Dora*, de 1901, publicado em 1905. Esses estudos levaram a revisões na técnica psicanalítica, finalizadas nas publicações *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, *A dinâmica da transferência* e *Recordar, repetir, elaborar*, todas de 1912; e, posteriormente, *Sobre o início do tratamento*, de 1913.

Freud, em seu artigo dedicado aos médicos que praticam a psicanálise, trata da importância da comunicação de inconscientes para a escuta clínica, estabelecendo uma analogia bastante interessante.

(...) ele (o analista) deve voltar seu próprio inconsciente, como um órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do

paciente. Deve ajustar-se ao paciente como um receptor telefônico se ajusta ao microfone transmissor... o inconsciente do médico é capaz, a partir dos derivados do inconsciente que lhe são comunicados, de reconstruir esse inconsciente, que determinou as associações livres do paciente (Freud, 1912: p. 129 – grifos nossos).

Para estabelecer tal comunicação em nível inconsciente, porém, é preciso que o analista esteja em posição de escutar com a mesma sintonia todo o material que o paciente lhe traz, a fim de que possa traduzi-lo para o paciente no momento oportuno. Assim, Freud estabelece que o analista pode utilizar seu inconsciente como mais um instrumento da técnica analítica.

Nos escritos *Recordar, repetir, elaborar*, de 1912, Freud diz que a associação livre permite acessar aquilo que se deixa de recordar. Existe um trabalho a se fazer face às resistências em se descobrir o que não se recorda, de ter acesso ao oculto. Exemplifica essa situação com a frase: “sempre o soube, apenas nunca pensei nisso”, quer dizer, ser recordado de algo que nunca poderia ter sido esquecido, porque nunca foi notado, nunca foi consciente. No fundo, ele afirma que não recordamos coisa alguma do que esquecemos, mas repetimos o que não pode ser recordado, como alguém que foi crítico da figura de autoridade dos pais, mas repete esse comportamento em suas relações sociais.

Nesse sentido, a compulsão à repetição é uma forma de recordar. Repete-se em vez de se recordar e repete-se sob as condições da resistência. A perlaboração é um trabalho longo, o fato de se dar um nome à resistência por meio de uma interpretação não garante sua eliminação imediata, deve-se ter tempo para conhecer melhor a resistência, elaborá-la para superá-la, e isso se dá pela continuação da análise. Para Freud, a dissolução do complexo de Édipo e a sublimação da pulsão são centrais para definir os rumos da análise, que não tem fim, é interminável, visto que esta dissolução quase não possível e se atualiza ao longo da vida.

Para Lacan, a clínica psicanalítica assume outras feições, sendo obrigatório para entendê-las essa passagem pelo método e técnica criados por Freud. Propõe novos operadores relativos à técnica, ao alcance do tratamento e aos objetivos do método, como o manejo do tempo e da palavra, o tratamento da psicose, da perversão e da neurose proposto por Freud, a existência de uma ética da psicanálise e alguns apontamentos para pensar o final do tratamento. Para ele, é central para o método a questão do tempo, da fala e do desejo. Pensa uma noção de cura e associa o final da análise aos sintomas e ao supereu. Ao nomear-se a coisa, cria-se caminhos para decifrar o enigma dos sintomas e brincar com o supereu, ou seja, é possível o sujeito fazer outras escolhas que não os sintomas ou os imperativos do supereu. Afirma ser o sujeito intratável, significando, assim, que algo dos sintomas, da angústia e da experiência necessita ser reconhecido, ser dado um destino e não ser eliminado.

Essa dimensão do intratável, que se articula ao final do tratamento e à cura, nos interessa particularmente. É uma dimensão que possibilita aceitar o real, deixar de buscar a causalidade e o sentido para tudo, ou seja, renunciar a ter que dar conta de tudo, fazendo um luto dessa dimensão intratável do real e ganhando, assim, a liberdade. Para tal, a interpretação se faz imprescindível, pois é através dela que o sujeito é lançado na cadeia de significantes.

A interpretação é central no método tanto para Freud quanto para Lacan, sendo esta a técnica que norteia também a escuta clínica que realizamos. Em seu escrito *Sobre psicoterapia*, de 1904, Freud diz que a psicanálise é como uma escultura: não se acrescenta a ela, mas se retira. Na escuta clínica, isso quer dizer que não é acrescentado um sentido, mas é tirado o sentido no qual o paciente se sustenta. Para Lacan, a interpretação remete a uma resposta improvisada frente ao real. Dar sentido mata a cadeia de significativo, ou seja, ao ser confrontado com um enigma, não seria o melhor caminho buscar resolvê-lo, mas sim acolher o sintoma

para lhe dar um destino. Dessa forma, os sintomas, ao serem interpretados, relançam o sujeito na cadeia de significantes, paralisado, muitas vezes, pela busca incansável de explicar e dar conta do resto, da coisa, do inominável, do real.

Tomamos essas proposições, ainda que reconhecida a brevidade com que foram tratadas, para propor alguns princípios que caracterizam, de modo particular, a nossa experiência com a escuta clínica do trabalho. É importante frisar que se trata de uma escuta articulada teoricamente aos dois tempos da pulsão invocante no trabalho: o Insistir e o Resistir-Desistir, que se desdobram na proposta das patologias do trabalho, conforme já discutido. De igual forma, ressalta-se a importância de a escuta clínica do trabalho ser compreendida como trabalho vivo, ou seja, como parte da contradição da relação capital-trabalho, envolvendo, por isso, de modo inseparável, a noção de sujeito e de trabalho.

Clínico e paciente formam um dueto onde a improvisação no trabalho clínico possibilita a produção de saber, o chamado a desejar, falar e trabalhar. Essa relação sofre interrupções quando as dimensões do previsível e do controle do trabalho capitalista são a demanda que vence o desejo tanto do clínico quanto do paciente, impossibilitando o sujeito de deslizar da posição de invocado para invocante. Isso significa que a tirania do supereu, dada à força do discurso capitalista colonial e suas práticas, pode ser implacável fazendo clínico e paciente sucumbirem ao gozo, resistindo e desistindo do desejo. Nesse lugar, a escuta clínica do trabalho perde sua potência ético-política.

Trabalho e sujeito como categorias indissociáveis implicando reconhecer a produção de saber como um trabalho, no caso, o trabalho do inconsciente, o qual constitui o sujeito na cadeia de significantes. Desse modo, o trabalho acessa o sujeito suposto que trabalha incansavelmente para existir, a despeito da força do capital para aniquilar sua condição de desejante ao forjar necessidades e demandas ilusoriamente equivalentes ao desejo, criando falácias sobre o ser sujeito. O capital nos convence da

necessidade do trabalho ao oferecer proteção contra a tragédia da castração e do desamparo, ofertando o mais-de-gozar e o gozo do Outro como único destino da pulsão possível para existir no mundo capitalista. Mas o desejo trabalha e faz o sujeito trabalhar. E é esse trabalhar que a escuta clínica do *trabalho* se propõe a descolonizar.

Defendemos, assim, o trabalhar como parte de inúmeras possibilidades de trabalho para o sujeito fora do contexto do trabalho capitalista. Por exemplo, o trabalho (arbeiten) psíquico e outros trabalhos, como o trabalho de escutar, de cuidar; o trabalho intelectual, político, doméstico, voluntário, comunitário. Trabalhos em que existam possibilidades de silenciamento das vozes do supereu e do sujeito trabalhar ao não atender às demandas do Outro, implicando em insistir no seu desejo e ter a sublimação como um destino possível para a pulsão. Assim, trabalhar é insistir no desejo. Desejo que permanece sendo ou não realizado, que é sempre um risco, uma aposta sem garantias e sem destino certo.

O clínico trabalha para que o sujeito trabalhe. Por meio de um percurso entre o nomear, elaborar e perlaborar busca-se reconstruir a cena traumática vivida no contexto do trabalho capitalista que se mistura com os traumas infantis, juvenis e atuais.

Desse modo, trabalhar é produzir saber no vazio do nada que podemos fazer diante do real, buscando o gozo possível, jamais pleno. É brincar com o supereu, transformar seus imperativos em chiste e ditos espirituosos como forma de confrontarmos-nos com o real. É quando o sujeito percebe que o real não tem nenhuma intenção sobre ele, fazendo com que o supereu perca a força sobre si mesmo.

Cessa-se a busca pela completude; é o “cair na real”, dar adeus às ilusões, confrontar-se com a castração; especialmente, ruem as idealizações construídas pela ideologia da excelência dos modelos de gestão, passando os objetos a serem percebidos como são. Assim, é possível satisfazer-se com eles, experimentando satisfação no vazio que nunca será preenchido, ou seja, a falta

permanece. É reconhecer que não existe objeto que vai nos satisfazer plenamente, nos restando, por esta razão, não pedir mais do que eles podem nos oferecer.

Nesse lugar, uma questão se coloca para a escuta clínica do trabalho: *como tornar possível o trabalhar no real do trabalho capitalista?* Um real que assume o lugar de prescrito, onde a plenitude existe, a perfeição é possível, a felicidade é vendida e comprada, a fantasia do paraíso é alimentada e a eliminação do risco do desamparo é buscada. Um lugar onde as demandas são próprias da materialidade do trabalho, como a necessidade de sobrevivência, a disciplina da fome e da vergonha, as noções discutidas por Marx, presentes de uma forma muito mais sofisticada e velada nos eufemismos que negam a contradição da relação capital-trabalho. Enfrentar essas questões faz parte do real do trabalho clínico. Não se tem como saber antes de se fazer na experiência com o real, é a improvisação do trabalho, é se lançar no trabalho vivo, é buscar a nota azul, é trabalhar.

## **Experiência de si com o outro**

Nossa prática tem nos levado a considerar como principais pilares do método da escuta clínica do trabalho a interpretação, a transferência e o trabalho do clínico e do supervisor. Além da interpretação, a transferência tem-se apresentado como a mais forte potência para invocação da pulsão no trabalho, particularmente, por sua inexorável relação com o desejo e a satisfação da pulsão.

Temos manejado a transferência nas relações clínico-paciente no trabalho clínico e clínico-supervisor no trabalho de supervisão. Igualmente, são manejadas as identificações do paciente, do clínico e do supervisor uns com os outros e com o trabalho de cada um. A transferência é uma experiência de si com o outro, é da ordem do inominável e intraduzível, é o real do trabalho clínico – um lugar do vazio, do inesperado, de produção de saber, mobilizado pelo inconsciente no saber-fazer. Na transferência, algo emerge diferente do que se pensava: a surpresa. O inconsciente é mobilizado em todas essas relações, permitindo a transformação das experiências e o deslocamento das posições subjetivas dos envolvidos, especialmente, a relação dos sujeitos com o desejo, o trabalhar e o trabalho capitalista. A transferência cria as possibilidades e as condições para a realização do desejo frente ao real, caminho nem sempre possível, exigindo uma aceitação e ressignificação da castração.

A transferência supõe que alguém vai resolver seu problema, é um apaixonamento por esse alguém que, supostamente, sabe o

que você não sabe. É uma relação de mão dupla: organiza e possibilita novas produções para a repetição e é uma resistência do inconsciente às novas produções psíquicas que a relação com o outro pode mobilizar, implicando um desapego dos sintomas e um outro saber-fazer sobre si mesmo. É um caminho potente para simbolizar, sendo a demanda do paciente, muitas vezes, um apelo por sua sobrevivência frente às adversidades do trabalho, requerendo uma elaboração que permita produzir significados e manejá-los considerando a materialidade e realidade dos contextos capitalistas e seus efeitos sobre o sujeito, como discutido na primeira parte deste livro.

Segundo Paola Mieli, no seminário *Savoir-faire and the Frame of the Cure*, na *Après-Coup Psychoanalytic Association*, em 2014, duas forças operam na dinâmica da transferência: repressão e regressão, que implica manter o prazer no mesmo objeto, regredir ao objeto primário, resistir e persistir – que é a repetição. Sintomas desaparecem pelo efeito da transferência, que cria condições para transformação da libido do paciente, alterando a modalidade de gozo. Segundo a autora, a questão da transferência é do clínico, é como ele age e responde a demanda que é formulada com base no apego aos sintomas e no lugar do suposto saber, dialética do conhecer não conhecer, que mobiliza o desejo e seus destinos. O paciente produz para o clínico, sendo aí que nasce, renasce e se reinventa como sujeito.

Concordamos com essa afirmativa e a ela acrescentamos o lugar do supervisor como igualmente importante em relação ao atendimento da demanda. Defendemos a suposição que os dois tempos da invocação da pulsão no trabalho, o Insistir e o Resistir-Desistir organizam estas relações transferenciais. O Insistir, associado ao desejo, ao chamado a, ao falar e sublimar, é o tempo no qual o clínico e o supervisor se posicionam para silenciar as vozes do supereu e invocar o sujeito a-de-vir no momento invocado. Se o clínico e o supervisor se encontram enlaçados no tempo Resistir-Desistir a invocação não se faz, permanecendo o

gozo como destino da pulsão e imperativo das vozes gritantes do supereu. Nessa condição, a transferência é resistência ao tratamento e predominam relações de identificação com os objetos de satisfação pulsional e não mais a vivência de experiências que permitam novas modalidades de gozo e a sublimação.

Esses apelos e chamamentos da demanda e do desejo vão operando na construção do saber-fazer do clínico. Saber-fazer que se afasta da identificação com o ideal do eu, que é confrontar a castração ao descobrir que não se dá resposta ao que é irrespondível, ao reconstruir uma nova versão da sua história com o paciente. A repetição e o amor como elementos centrais da transferência é a chance de encontrar o desejo, que não é achado, requerendo por isso, uma simbolização interminável de um real que escapa e do inconsciente como um saber-fazer ao entender os significados e dar novos sentidos a experiências vinculadas às repetições.

O saber-fazer do clínico não equivale ao saber técnico e expertise, envolve uma dimensão que tem se evidenciado na nossa prática clínica nos últimos anos, particularmente no trabalho da supervisão. Implica um sujeito inexoravelmente engajado no processo de escuta. Para tal, é importante que o clínico acesse a sua potência, cedendo ao jogo da onipotência-impotência. Ser potente significa se assumir como um sujeito do desejo e não da necessidade. Diferenciar desejo e necessidade permite um reposicionamento na relação com outro, uma posição de alteridade, uma relação entre sujeitos e não entre sujeito e objeto ou entre objetos. Assumir essa posição é fundamental para o saber-fazer que não se transmite pelo conhecimento, é construído permanentemente e de modo inacabado no confronto com um real, é uma experiência de si mesmo no fazer.

Essa construção passa pelo desejo de escutar o sofrimento do outro e todas as implicações que essa escuta impõe. É o sujeito que reconhece que desejar é correr riscos diferentemente de uma posição excessivamente neurótica onde o desejo está condicionado ao desejo do outro e às suas respostas. O medo dos riscos de

tornar-se sujeito pode se constituir como um sintoma de recusa da alteridade. O clínico, na sua existência ético-política, se aproxima de uma experiência como *sofrente*, assumindo o sofrimento pelo trabalho como ato político frente ao discurso e prática capitalista colonial, não assumindo a identidade do colonizador. Com isso, quero dizer que o clínico, para além de ser sujeito do desejo, é um sujeito político. A ideologia faz parte do reconhecimento do clínico das tensões da relação capital-trabalho, da diferença de classe social, sendo a ausência desse posicionamento um impedimento para se instituir a escuta clínica do trabalho.

Neste sentido, elementos como desejos idealizados, dificuldade de castração e de assumir a ferida narcísica devem ser considerados no saber-fazer do clínico, uma vez que o trabalhar impõe o encontro com o real, no caso desta escuta, representado pelas contradições da relação capital-trabalho. Os modelos de gestão tendem a potencializar o narcisismo e a onipotência por meio de seus imperativos de excelência, mas é na castração que o sujeito se constitui, que pode estabelecer laços, ao buscar, no outro, o que lhe falta. O discurso capitalista colonial seduz e captura também o clínico, que é um trabalhador. Assim, as vozes do trabalho presentes em demasia nesses modelos precisam se tornar inaudíveis para o paciente que fala e para aquele que o escuta.

Ao longo desse percurso, é fundamental a supervisão. Esta permite ao clínico trabalhar pelo exercício de experimentar-se a si mesmo sob o olhar do Outro. O supervisor auxilia na indicação do que acontece no espaço da clínica ao evocar os estados de coisas possíveis que não estão nomeados no trabalho clínico. São discutidas novas formas compreensivas das falas e, com isso, serão estimulados modos plurais de interpretação e, conseqüentemente, de transformação de situações vividas pelo trabalho do paciente antes e no momento do tratamento. Ele invoca o clínico, que por sua vez também o invoca. Os apelos e chamamentos relativos à demanda e ao desejo dos atores envolvidos no trabalho clínico direcionam o destino da pulsão e a cura do paciente.

O supervisor é atravessado pela experiência da própria análise, pela prática, pela formação teórica e pelo posicionamento político e ideológico frente às questões postas pelo capital. O confluir de práticas e saberes diversos possibilita uma super-visão da cena clínica pela escuta dele, que reordena através de sua voz os investimentos pulsionais, para além do que poderia estar prescrito. Atua no limite, na transferência do outro e com o outro, no mundo objetal e no dele próprio, no tempo do Insistir da pulsão invocante. O trabalho do clínico e do supervisor contempla um cenário onde se encontra a exposição de forças pulsionais de sujeitos que falam e elaboram o seu modo de trabalhar, de desejar, de existir.



## De Invocado a Invocante

Para exemplificar nosso trabalho de escuta clínica, relatamos um atendimento realizado no Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos (CAEP), clínica-escola do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (IP-UnB). Do Projeto, que envolve a pesquisa e a formação profissional em Psicologia do Trabalho, participam alunos da graduação em Psicologia em estágio supervisionado, responsáveis pelos atendimentos clínicos, e alunos do mestrado, doutorado e pós-doutorado, que desenvolvem pesquisas com dados coletados nos atendimentos.

São utilizados três instrumentos para o registro do caso: *Memorial da Sessão*, *Diário do Clínico* e *Diário da Supervisão*. O clínico, no caso, o estagiário do Projeto, é quem elabora e escreve os relatos após cada sessão de atendimento. Esses registros são armazenados no nosso banco de dados para fins de pesquisa. No *Memorial* é relatada a narrativa do paciente, a interpretação e a elaboração; no *Diário do Clínico*, este relata seus próprios afetos mobilizados a partir do trabalho de escuta e suas interpretação sobre o caso; e no *Diário da Supervisão* são registras as observações do supervisor e do coletivo de clínicos sobre a análise das interpretações, da transferência, do trabalho clínico, as hipóteses teóricas relacionadas ao modelo da invocação da pulsão no trabalho e os apontamentos sobre os rumos do tratamento. Na supervisão, realizada semanalmente, é feita a leitura destes três instrumentos de registro referentes à última sessão de

atendimento, sendo o foco principal a análise do Diário do Clínico como um dos principais dispositivos para o manejo da transferência, da resistência e da identificação.

Para demonstrar esse movimento, apresentamos o caso com o registro de todas as sessões tal qual escritas pela estagiária, mantendo o seu estilo de escrita. Vale mencionar que o Projeto é certificado pelo Comitê de Ética, tem a autorização por escrito dos pacientes para publicação bem como a concordância dos estagiários para publicação dos seus registros do caso. Esta opção de apresentar na íntegra os três instrumentos talvez seja pouco habitual no relato de casos clínicos, pouco didática, um pouco longa até; porém, acreditamos dar conta de propósitos bem definidos em relação ao nosso fazer e decidimos por assim proceder. Primeiro, ilustra o trabalho da escuta clínica, os dispositivos usados para a formação dos estagiários, demonstrando o percurso do trabalhar; segundo busca, dentro do possível do real do trabalho, ser fiel ao processo de nomear, elaborar e simbolizar do paciente, pelo trabalho do clínico e da supervisão. Por último, é uma tentativa de colocar para o leitor, ao apresentar o caso na sua forma “bruta” sem muitos refinamentos, nosso desejo de fazê-lo trabalhar junto conosco.

Esse detalhamento também é importante para tentar dar visibilidade aos tempos do circuito da invocação da pulsão em seus diferentes movimentos, deslizamentos e percursos trilhados para satisfação da pulsão no trabalho fora e dentro da clínica. De igual forma, é um modo de demonstrar a interpretação e a transferência, pilares centrais para escuta e invocação do sujeito. Mesmo assim, reconhecemos que a escrita dessas experiências deixam de ser vivas, ou seja, mesmo a esta tentativa de relatá-las o mais fielmente possível nos escapa o trabalho vivo do clínico e da supervisão, que é sempre provisório e inacabado.

Neste atendimento foram realizadas 18 (dezoito) sessões no período 7 (sete) meses (04/04 - 31/10/2017), com duração média de 50 (cinquenta) minutos cada. O tempo de duração do

tratamento e da sessão é variável, dependendo do trabalho vivo, do tempo lógico e do trabalhar do paciente, clínico e supervisor. E ainda, das condições institucionais, estágio em uma clínica-escola, social e de vida de todos envolvidos no Projeto.

Os pacientes buscam o atendimento de forma espontânea, geralmente entram em contato com a divulgação do Projeto, pelo site da Clínica-Escola ([www.unbcaep.com.br](http://www.unbcaep.com.br)), como foi o caso desta paciente, ou pelo site do nosso Núcleo Trabalho, Psicanálise e Crítica Social ([www.nucleotrabalho.com.br](http://www.nucleotrabalho.com.br)). Nosso atendimento também tem sido buscado pela nossa especialidade em “questões do trabalho”, ou quando os interessados acessam nossas publicações, assistem palestras, entrevistas e vídeos dos pesquisadores do Núcleo, ou por indicação de colegas, profissionais e outros que conhecem o Projeto.

A paciente, chamada aqui de Diana (há de se pensar porque a escolha desse nome fictício...), é bibliotecária, solteira, na faixa dos 20-30 anos; tem dois filhos e mora com os pais. Está cursando o mestrado e possui vínculo empregatício de dois anos em uma instituição de ensino superior.█

## **Memorial da Sessão 1**

D. chegou à sessão ainda muito mobilizada pelo sofrimento que tem vivenciado pelo e no trabalho. Relatou que, no dia anterior, a sua chefe (pela qual ela é assediada) foi chamada para uma reunião com a coordenação da instituição a respeito do que tem se ouvido sobre a conduta dela para com D. – é importante esclarecer que não houve uma queixa formal de assédio, apenas rumores que culminaram nessa reunião. D. relata que durante essa reunião sua chefe foi orientada a resolver a situação para que não precise de uma intervenção da instituição no caso.

A paciente relata que a chefe faz perguntas a respeito do que está acontecendo, como se fossem apenas fofocas que ocorrem no ambiente de trabalho e isso deixa D. bastante confusa – a fala da

chefe –, pois para a paciente é impossível que a chefe não saiba de todos os assédios e modos como a tratam. D. diz que não conseguiu falar dos episódios de assédio com a chefe. Nesse momento em que ela pergunta, D. diz que apenas conseguiu afirmar que não achava que era só fofoca e que havia sim uma diferença de tratamento da chefe para com ela. Nesse momento, a paciente foi indagada pela chefe se havia o desejo de ser mandada embora e se ela (a chefe) poderia conversar com o responsável do setor sobre isso. D. chegou a afirmar que se fosse mandada embora com os seus direitos talvez fosse melhor, mas que não pediria a demissão. Sobre esse encontro, D. fala que foi o único momento em que se sentiu tratada como uma pessoa pela chefe.

Após esse episódio, D. conta que voltou a conversar com a chefe por Whatsapp, disse que mandou para ela uma mensagem autorizando ela a falar com o responsável sobre ser mandada embora com os seus direitos (FGTS e Seguro Desemprego), a resposta da chefe foi: “Então, você quer sair”. Essa mensagem, segundo D., foi experimentada como uma desistência sua ao que ela respondeu que não, que queria apenas que tivesse paz para trabalhar. A chefe argumentou que não foi isso que ela tinha dito na mensagem anterior. A partir dessa fala, D. conta que conseguiu escrever na conversa do Whatsapp tudo que não tinha conseguido falar pessoalmente, falou sobre os pesadelos que tem do episódio em que ela andou descalça pela biblioteca e foi mostrar a cor dos pés para o responsável do setor. Relata que a chefe não divide as tarefas com os bibliotecários e que isso atrasa o serviço. Disse ainda que sentia que não era tratada como pessoa por ela. Após essas falas, D. conta que não houve resposta da chefe.

D. fala que queria conseguir se demitir, entregar sua carta, mas não consegue e não sabe o porquê, fala um pouco de como é quando a instituição é processada e como seria para a moça que é a “testa de ferro” encarar o caso de D., caso ela processasse. D. fala ainda da vergonha que sente de estar vinculada a instituição (no acolhimento já havia falado sobre essa vergonha, pois é uma

instituição com casos de corrupção). Em um dado momento, após um longo período de silêncio, eu perguntei como ela se sentiu ao falar tudo que disse à chefe e ela fala que sentiu aliviada, porém, não aprofunda muito no assunto e traz falas sobre sua família.

Fala que seus pais são duros: a mãe; fala sobre um episódio em que a mãe disse que ela é muito mole e que o pai disse que ela não é uma boa mãe. Ela fala que não consegue lidar com a desaprovação deles, que não consegue lidar com a desaprovação dos outros, fala que é isso que tem tentado: “lidar com a desaprovação e parar de se cobrar”. Nessas situações, ela não consegue embora tente, reparar de todas as formas. Fala também do namorado, que a ajuda muito, que eles ficaram separados por um ano e que ele se arrepende muito.

D. conta ainda de uma conversa que teve com outra bibliotecária no trabalho, para a qual ela falou do sua vontade de sair. Essa colega de serviço implorou para ela tentar resolver com a chefe, para que não saísse, pois se ela sair o horário dessa colega seria mudado para um horário muito difícil. D. então se emociona e traz que pensava que estava fazendo uma coisa boa (como se ela estivesse prejudicando a colega) e resolveu ficar mais aquela semana. Eu questiono: “Boa para quem?”. Ela responde: “Para os outros, sempre para os outros” e chora muito. Fala que não consegue dizer não.

Faz-se silêncio e eu percebo que embora ela esteja falando abertamente sobre todas essas situações, isso é muito dolorido, que lembrar e falar também machuca. A partir disso, eu pergunto: “Como é para você falar dessas coisas?” (faltavam 10 minutos para acabar a sessão).

Ela ouve a pergunta e imediatamente começa a contar a seguinte história: “Quando eu (D.) estava separada do meu namorado e conheci um homem pelo aplicativo. Um dia que estive até mais tarde no trabalho, ele pediu para eu o encontrar quando saísse, na casa dele, e eu fui. Cheguei lá e ele queria ficar comigo e eu disse que não estava afim, mas meu carro estava bloqueado pelo

carro dele e eu pedia para ele tirar o carro e ele não tirou.” Nessa parte da história, ela começa a chorar muito, descontroladamente, como antes não tinha acontecido e a única coisa que ela diz em meio a esse choro é: “EU DISSE NÃO”. Ela passa um longo tempo chorando muito e fala: “Eu não sou tão forte”, eu digo: “É preciso força pra falar o que você já me disse”. Após mais um longo período, ela fala: “Desculpa”, eu digo: “Desculpa por quê?” e ela afirma de novo que não é forte.

Faz-se um longo período de silêncio (a essa altura eu já havia dado a sessão como encerrada, mas não comuniquei, pois julguei que ela precisasse de um tempo); após isso, ela fala: “Eu preciso parar por hoje”, eu concordo e digo que ela pode usar o tempo que quiser. Após 20 minutos saímos do setting.

## **Diário do Clínico**

Desde os primeiros atendimentos eu me sinto bem. Porém também sinto um leve incômodo com as falas dela que me pareciam um tanto entrecortadas, ela sempre emenda uma história na outra, como se tudo estivesse bastante desorganizado, de fato está e sinto que ela sabe que está também desorganizada e que é muito difícil pra ela lidar com isso.

Senti que ela tem uma dificuldade para sair do trabalho, pois significa uma desistência e que desistir é algo difícil de aceitar, muito pelo que a mãe dela representa, uma pessoa muito dura. Sinto que é como se ela quisesse ser essa pessoa também, mas ela mesma durante o atendimento disse que não consegue ser dura. Então quando ela fala em desistir ela fala sobre o processo, como que se ela fosse desistir ela precisasse compensar isso processando a instituição, como se ela não pudesse simplesmente sair.

O episódio que ela narra no final me deixa muito mobilizada, quando ela falou que o carro dela estava bloqueado as minhas mãos começaram a suar e eu comecei a pensar “por favor, não” e logo depois ela emenda com a fala: “EU DISSE NÃO”. Essa fala me

deixou muito abalada, pois no mesmo momento liguei com sua fala anterior de que não sabia dizer não. Foi muito doloroso para mim ouvir isso, foi muito doloroso pra ela falar isso. Após essa história eu senti que não tinha condições de continuar a sessão, mas não pelo horário (o horário já havia passado) e sim porque me senti um pouco perdida.

### **Diário da Supervisão**

É dito para escutar livremente a paciente apesar da confusão em sua narrativa, que deixou esta clínica um pouco perdida. Escutar como “ninguém” supondo ali um “alguém”.

O coletivo de supervisão percebe D. com um autoestima soterrada e sendo manipulada em um jogo perverso de sua chefe assediadora; a instituição de trabalho também é percebida como manipuladora. Levanta-se a hipótese de que D. se coloca no relacionamento com a chefe abusiva do mesmo modo que se coloca no seu relacionamento com os pais e também de que ela denega a relação com a mãe. É traçado um paralelo do modo com D. lidou com a violência sexual que sofreu e o modo como lida com a violência moral que sofre da chefe.

### **Memorial da Sessão 2**

D. chega à sessão e de início relata que a chefe técnica fez uma reclamação dela, pois ela está chegando mais tarde; porém, isso já havia sido combinado previamente. Uma segunda chefe (a administrativa) defende D. dessas reclamações da chefe técnica; porém, pela narrativa de D., a chefe administrativa ficou como desmentida. Ela se mostra bastante decepcionada com essa ação da chefe, principalmente após a conversa que tiveram. Eu intervenho e digo: “Parece um jogo” e ela fala que se sente manipulada.

Ela fala sobre a vontade que tem de sair da instituição, conta que conversou com uma advogada sobre processar a instituição,

mas traz dúvidas e diz que contou à advogada que não aguentaria a acareação. Porém, a advogada afirmou que processo trabalhista é diferente. Essa afirmação da advogada não parece mudar o pensamento da paciente. Ela afirma que não sabe se iria trabalhar naquele dia, afirma ter levado uma papelada para ter uma reunião com alguém da diretoria, porém, disse que não sabia se tinha estrutura para encarar essa reunião e falar abertamente sobre o que vem sofrendo (O dia da sessão era seu aniversário).

Ela se questiona bastante sobre onde poderia ter errado no relacionamento com a chefe ou no trabalho. A partir disso, começa a falar sobre os chefes, e associa a uma fala sobre quando era criança. Seu pai dizia que ela era metida, pois tinha ambições diferentes na vida, incomuns para o local onde foi criada – conta que tem uma origem pobre – e fala que realmente tinha certa arrogância, mas que, quando entrou na UnB, percebeu que havia pessoas muito melhores que ela e isso a fez baixar a bola; aí pontua que trabalhou com pessoas muito melhores. A partir da fala sobre trabalhos anteriores, faço uma intervenção e pergunto sobre como eram seus chefes anteriores.

D. comenta de uma chefe (ela se refere a essa chefe pelo nome completo, como se fosse alguém que devesse ser muito respeitada) que teve quando fazia estágio em um órgão federal, fala que essa chefe era uma pessoa muito dura; porém, ressalta que apesar de essa chefe ter umas falas bastante duras ela nunca se sentiu diminuída. Afirma que recebeu uma confiança muito grande dessa chefe e que quando teve que sair, pois não havia como renovar mais o contrato de estágio, D. foi designada para treinar a pessoa que a substituiria. Ela enfatiza que isso foi um ato de confiança grande da chefe e que ela não confiava isso a outros servidores. No último dia do seu serviço nesse local, D. conta que a chefe fala para ela: “D., você é mais competente que eu, pois você tem a disciplina que eu te ensinei, mas tem o carinho que eu nunca tive”. D. se emociona ao contar esse episódio.

Logo após essa história, D. fala sobre a sua defesa de monografia, sobre uma professora emérita que convidou para compor sua banca, uma pessoa que ela respeita e cujo trabalho admira. No dia da banca, essa pessoa fala sobre o trabalho de D. como um trabalho de excelência e dirige a fala para a mãe de D. e diz: “Mãe, eu tenho certeza que você tem orgulho de D., pois o que ela faz, ela faz com excelência”. D. diz, logo após, que acha que nem foi de tanta excelência assim (nesse momento me perguntei o quanto essa fala sobre a mãe que não demonstra esse orgulho a afetou, mas achei melhor não perguntar a respeito). Após a segunda história, D. fala: “Eu tive aprovação dessas e de uma que é tão básica não tive”. Eu intervenho: “Você precisa dessa aprovação?”. D. diz: “Racionalmente, eu queria dizer que não, mas eu preciso”.

Durante a sessão, D. se questiona muito sobre onde poderia ter errado no seu trabalho. Fala que quando entrou no trabalho estava muito entusiasmada e narra o episódio em que mandou um email para a chefe técnica escrevendo que elaborou uma proposta de desempenhar certa atividade de maneira mais ágil e rápida e a chefe sequer respondeu, nunca notificou que havia visto (chora nessa hora), diz que revisita esse email sempre para ver onde ela havia errado. Fala que a chefe técnica sempre insinua que D. é a menos produtiva. Mas conta que quando ainda tinha acesso ao login da biblioteca e tirava as estatísticas de desempenho no trabalho no sistema, os resultados diziam o contrário: segundo essas estatísticas, a chefe é a menos produtiva. Fala que houve uma manipulação de dados em uma avaliação institucional e nessa a biblioteca tirou 3 ou 4; porém, na do MEC a mesma tirou 1 ou 2. Ela expressa o seu mal-estar com o vínculo com a instituição. Fala ainda que hoje em dia tem medo e que teme levar esse medo das pessoas para os outros trabalhos.

Fala que sempre trabalhou com excelência, sempre cumpriu o combinado, mesmo quando estava saindo caro, pois tinha combinado – fala de um caso em que o empregador recusou o

aumento do preço de um serviço e ela concordou em não aumentar. Repetiu que não sabia dizer não e que aceitou, a princípio, voltar para o emprego quando recebeu uma proposta e depois de pensar melhor falou que não. Esse empregador não respondeu a sua mensagem o que a deixou tranquila, diz que não foi a mesma sensação de quando a chefe não respondeu o seu e-mail. Em algum momento da sessão, ela fala que gosta de ‘vestir a camisa’ dos locais que trabalha e eu pergunto como é para ela a ideia de ‘vestir a camisa’ da instituição atual e ela responde que não consegue.

### **Diário do Clínico**

Quando ela fala da sua origem, eu me sinto um pouco identificada. Além disso, sinto-a muito em dúvida sobre a sua permanência na instituição, como se ela tivesse realmente perdida.

### **Diário da Supervisão**

É levantada a hipótese de que a mãe de D. é uma figura tirânica e D. tenta ter o reconhecimento dessa figura. Nesse sentido, ocorre a orientação de explorar a relação com a mãe. É apontado também o poder da castração em D., pois há uma culpa sentida pela paciente por ter algum reconhecimento do pai. Surgem duas questões: “O que essa mãe pode fazer com D.?” e “O que D. pode fazer contra sua mãe?”. É observado pelo coletivo que várias figuras femininas aparecem no discurso de D. e que a dor e o cuidado em sua vida ocupam um lugar de muita proximidade.

Já é apontada nessa supervisão a existência de uma relação do trabalho com o supereu de D. Assim, há a orientação de voltar ao Édipo da paciente para articular com o modelo de gestão ao qual está submetida.

### **Memorial da Sessão 3**

D. começa a sessão relatando que está bem, pois está medicada. Procurou ajuda psiquiátrica, obteve receita de medicamentos e um afastamento de 14 dias, dos quais já haviam se passado 12 no dia da sessão, o medicamento que foi passado é o Lítio (um estabilizador de humor). Narra que teve um bom acolhimento do profissional de psiquiatria, diz ainda que já havia feito um tratamento psiquiátrico uma vez, por conta de um quadro depressivo, diz que o atendimento psiquiátrico durou muito tempo e que ela contou, além dos apuros do trabalho, outras coisas como pensamento acelerado que ela afirma ter; a partir disso, ela diz que a consulta foi importante, pois ela soube mais sobre si mesma. Ela relata, ainda, que a psiquiatra que a atendeu diagnosticou-a com Transtorno Depressivo Bipolar e falou: “Você não está bipolar, você é bipolar”. Sobre o uso do medicamento, diz que já havia sido receitado outra vez, porém, ela não tomou; dessa vez, ela está tomando e diz que se sente desatenta (de modo que tem evitado dirigir) e que isso é estranho, porém, emenda que como antes estava muito sensível a tudo é melhor ficar assim.

Sobre esse tempo que está afastada, ela relata que dormiu todas as noites, às vezes acordou assustada, mas logo voltou a dormir. Diz que se sente disposta, que adiantou trabalhos atrasados, leu livros e tem passado mais tempo com os filhos. Começa, então, a se questionar sobre a volta ao ambiente de trabalho. Comenta que a advogada com a qual havia falado anteriormente perguntou qual foi o posicionamento de D. em relação a processar ou não a empresa, ela disse que não sabe: “Eu tô bem agora que estou medicada, mas não sei se consigo lidar com isso quando o efeito do remédio passar”.

Fala sobre o seu conflito com a demissão, fala que quer sair, mas não queria ser demitida e não consegue pedir demissão. Diz que a demissão é o mesmo de dizer “eu não quero mais você”. Conta sobre um trabalho que teve de garçomete e que foi demitida, fala que tinha um bom relacionamento com o chefe, porém outra

funcionária que era amiga desse chefe teve ciúme da relação dos dois e isso a levou a tratar D. mal uma vez, após esse mau tratamento da outra funcionária D. foi conversar com o chefe sobre o ocorrido e, logo depois, foi demitida e diz: “Eu senti um vazio e eu não entendia o motivo”. Diz que queria pedir demissão agora, mas não sabe se está pronta. Eu intervenho neste momento e digo: “Deve ser difícil pensar em encarar esse vazio”. Durante a sessão traz um outro episódio em que foi demitida de uma instituição da qual queria sair. Conta que ia pedir demissão e um dos chefes a ouviu avisando isso para uma estagiária e ela acabou sendo demitida no outro dia. Disse que se sentiu bem, pois era o que já queria.

D. traz, mais uma vez, que não sabe o que querem dela, diz que não entende onde errou; a partir disso, faz um paralelo sobre como era antes e como é agora. Conta que a chefe sempre pergunta o que ela quer para ela e isso é experienciado por D. de modo negativo.

Traz a história do seu primeiro emprego. Tinha 17 anos e estava grávida; em dado momento, seu chefe não efetuava mais os pagamentos, então, D. denunciou a falta de pagamento, o que levou a empresa a ser visitada pela fiscalização. D. conta que no dia da visita o chefe pediu para ela assinar as folhas de pagamento, mesmo sem ter recebido; ela assinou mediante a assinatura do chefe em um termo que ela redigiu, atestando que ele não havia efetuado o pagamento (e que usou esse documento depois em juízo). Conta ainda que após ela ganhar bebê, o chefe começou a assediá-la, ela conta que falou disso para outra funcionária próxima a ele a qual disse que ela devia ter feito algo para estar nessa situação, visto que ele nunca tinha feito isso com ela (funcionária). D. conta ainda de um episódio em que estavam a sós e ela percebeu que ele tentaria algo com ela e antes dele fazer qualquer coisa ela diz: “Se você fizer isso, eu serei obrigada a te denunciar”, a partir dessa fala, ele sai do ambiente. Após esse

episódio, ela vai até ele e diz que se ele não a demitisse no dia seguinte, ela contaria para todos o que ele fez.

Após essa história, ela aponta como era incisiva, que não era como hoje, que não tinha medo. Fala que hoje qualquer coisinha que a chefe faz parece algo muito grande. Fala que ninguém do trabalho a procurou, nem a a chefe técnica que ficou substituindo ela, somente a chefe administrativa entrou em contato, mas ninguém fez contato. Diz que queria que o local de trabalho fosse mais colaborativo, como é em empresas pequenas, um ajudando o outro, diz que lá é um querendo derrubar o outro, diz ainda que nos lugares em que passou não era assim.

### **Diário do Clínico**

Quando a paciente relata o modo como a psiquiatria fala do diagnóstico de bipolaridade, que ela é bipolar e não que está bipolar, eu sinto essa fala como bastante agressiva, mas não sei avaliar se isso é meu ou da paciente, visto que ela estava bem me contando aquilo. Sinto que embora ela reconheça o assédio que ela sofre no trabalho, esse diagnóstico a ajuda a trazer mais culpa para si. Sinto também que ela está perdida quanto ao que quer.

### **Diário da Supervisão**

As impressões na supervisão são de que D., ao não saber o que quer, reproduz demandas, assim o desejo não aparece. Ela não é reconhecida e se sente diminuída a dejetos, está totalmente invocada. É dito ainda que D. está regredida e que sua questão com a demissão do trabalho se relaciona ao lugar dela como sujeito. As orientações são no sentido de que a clínica no seu sem lugar pode invocar D. , fazer um chamado a, à “voz da poetisa”, cantante. Como fazer isso? Na experiência com o real do sujeito suposto, ou seja, sendo também um sujeito invocante na cadeia de significante.

## Memorial da Sessão 4

D. inicia a sessão falando como foi sua volta ao serviço, voltou a trabalhar na última quinta-feira. Conta que na sexta ocorreu um jantar no local de trabalho, disse que foi pressionada pelos colegas a participar. Para ela foi um momento difícil, pois estavam presentes todos os diretores, disse que quando constatou a presença de toda a diretoria se sentiu mal. Disse ainda, que depois da sua volta recebeu palavras solidárias de dois coordenadores, mas não recebeu nenhuma palavra do diretor financeiro, que é a quem ela se reporta.

Conta que a chefe administrativa foi conversar com ela e disse que tinha pedido para que o diretor financeiro desse férias para D., pois a chefe disse que ela não parecia bem. D. recusou as férias e disse que precisava tentar; então, a chefe administrativa fala: “Vou falar que você quer mais uma chance”, D. responde que não quer uma nova chance, quer trabalhar em paz.

D. diz que desde quando voltou a chefe técnica (que é assediadora) tem respondido os seus e-mails, D. fala: “Eu não sei se ela foi alertada por alguém, mas o fato é que ela tem respondido os e-mails, isso só me confirma que havia uma diferença de tratamento dela comigo antes”. Fala que embora a chefe esteja respondendo, quando envia alguma informação tem evitado enviar para D., prefere sempre mandar para a bibliotecária auxiliar. D. fala ainda que não está mais com a raiva que sentia em relação ao trabalho e a tudo que ocorria, agora diz que sente tristeza apenas.

Após isso, D. fala sobre o medicamento (Lítio). Diz que algumas vezes tem esquecido de tomar: “Eu nunca esqueci o anticoncepcional, mas esse ‘esqueço’, parece algo inconsciente”. Fala ainda que o namorado sinalizou para ela que ela pode estar se boicotando por não tomar o remédio. D. diz que há o lado positivo, que tem produzido mais, tem feito mais coisas e dormido melhor.

Logo depois, afirma que não quer precisar de remédio para dormir, conta que tem relutado em voltar à psiquiatra, pois não

quer receber mais uma receita sem previsão de término. D. não aceita bem a ideia de ter que usar o Lítio por tempo indeterminado ou sempre. Fala, também, da outra vez que estava em tratamento psiquiátrico e diz que interrompeu o uso do Lítio, pois sempre voltava no psiquiatra e ganhava uma nova receita e não queria admitir que precisaria daquilo sempre. Diz que agora, pelo menos, teve uma explicação mais detalhada da psiquiatra atual sobre o que ela tem.

D. conta que tem relutado em fazer os exames que a psiquiatra pediu, porém que foi procurar fazê-los no dia em que voltou a trabalhar, e para a realização do exame teve de ficar 48h sem fazer uso da medicação, diz que ficou mais chorosa e frágil. Afirma não saber se é coincidência, pois foi o dia que voltou a trabalhar ou se foi a falta do remédio que a deixou assim. D. sinaliza várias vezes durante a sessão isso de não saber quem é, se algo é dela ou se o comportamento dela é consequência da medicação. Fala que queria uma literatura, um grupo para entender o transtorno bipolar, em outro momento fala: “Querida mesmo é entender como pessoas bipolares convivem”.

Comenta das perguntas que lhe fizeram sobre o motivo do afastamento que são um tanto invasivas para ela: “É difícil explicar que é grave, mas não tão grave”. Afirma que os outros não sabem quem ela é, que ela nunca se mostra de verdade tanto no trabalho quanto para os amigos. A única pessoa com a qual ela afirma ser ela mesma é com o namorado e diz ainda que tem suas dúvidas quanto a esse relacionamento, conta que sua mãe já perguntou para ela se ela não está com ele por conforto. D. se pergunta como seria entrar em outro relacionamento desequilibrada do jeito que está.

Após um período de silêncio, menciona os filmes Lado Bom da Vida e Método Perigoso e diz que esses filmes falam do preconceito da sociedade com pessoas desequilibradas e diz: “No meu caso sou eu, é um preconceito interno”. Fala que tem dificuldade em admitir que não dá conta por ela mesma, que terá

de usar o remédio como muleta. Faz silêncio. Anteriormente a esses comentários, ela disse, em um dado momento, que não queria admitir para o pai que é fragilizada.

Durante o silêncio, eu sinto um desconforto estranho, que sinto não ser meu e devolvo para ela: “Sinto um desconforto em relação a tudo que você me disse”. Ela fala que se sente desconfortável desde a infância, fala de se sentir mal com o dever de casa, que fazia e ficava pensando que não estava bom o bastante. Afirma: “Eu sempre tive dificuldade de dizer não, de ver a expressão de desapontamento”. Fala de uma ocasião em que ela e os pais se atrasaram para um casamento, D. afirma que sabe que foi ela que provocou o atraso, mas não lembra o que fez exatamente, diz que quando chegaram à igreja a cerimônia já havia acabado, conta que viu no rosto dos pais a expressão de desapontamento, diz: “Não sei se foi coisa da minha cabeça, pois eles não brigaram comigo e se tivessem com raiva teriam brigado”. Fala que toda vez que passa próximo a igreja em que ocorreu esse casamento se recorda da expressão de desapontamento dos pais.

Ao fim da sessão, fala que é difícil falar dessas coisas, que dói, que é como pôr o dedo na ferida. Eu emendo: “Algumas feridas precisam ser limpas”.

### **Diário do Clínico**

Senti que D. está perdida, que está ambivalente ao remédio e ao diagnóstico. Sinto que ela realmente está num lugar de não-saber, de não ter ideia de quem é. Sinto, nessa sessão, o desconforto dela de estar nessa situação, de estar perdida. Sinto de novo que realmente dói para ela falar sobre essas coisas, que é difícil se escutar.

### **Diário da Supervisão**

A impressão sobre a paciente é que ela está dividida, ambivalente, insultada e que não consegue se escutar. Ela só escuta a voz do supereu. Ser demitida é relacionado com evitar a castração e pedir demissão é relacionado a resistência e confrontação. A chefe é tida como a expressão viva do supereu: ora confronta ora é cúmplice. Ela se reconheceu na voz da chefe, pois é o supereu dela do lado de fora falando. É dito, ainda, que o seu drama infantil está ligado com o drama do trabalho.

As orientações são no sentido de insistir para que o desejo apareça e D se reposicionar do lugar de invocada para invocante. Ou seja: proporcionar que D. se ensurdeça para escutar sua voz, o seu próprio desejo. É dito ainda para pontuar que ela repete situações em que se sente inferior e desqualificada. É preciso ficar claro para ela que ela não é lixo. Seria bom ela se sentir importante no trabalho com o clínico.

## **Memorial da Sessão 5**

D. inicia a sessão contando que está bem. Comenta que na terça passada houve uma reunião no seu local de trabalho. Essa reunião foi entre ela, a gerente administrativa, a chefe técnica (assediadora) e o diretor financeiro. O objetivo da reunião era resolver a situação entre D. e a chefe técnica. D. conta que, embora estivesse bem trêmula e nervosa, teve oportunidade de falar do que vinha sofrendo por conta da chefe técnica, da sua mágoa da empresa, da chefe e da sua insatisfação, que estava em depressão em boa parte por conta das condutas da chefe com ela. D. conta que a chefe trouxe algumas mentiras para a reunião, como não admitir que D. informou que entraria mais tarde nas terças e quintas.

D. relata que durante a reunião chorou muito e após esse choro ficou menos nervosa e trêmula. Diz ainda que a chefe atribuiu a ela culpa por algumas coisas que não eram responsabilidade sua, como o roubo/desaparecimento de alguns

livros, ao que D. responde que a falta de segurança/ barreira magnética na biblioteca não é um problema com ela e sim com a diretoria da escola que não investe nisso.

Segundo a fala de D., o diretor financeiro que estava mediando a reunião, teve uma postura de reconhecer a competência de D. e a dificuldade de relacionamento que existe com a chefe técnica. D. conta que o diretor falou para a chefe técnica: “Se você quer que eu demita ela (D.) eu demito, mas virá outra pessoa com a qual ela (chefe técnica) teria de lidar e que talvez não será tão competente quando D.”, disse ainda que não era a primeira vez que reclamavam da conduta dela (chefe técnica) e que ela é realmente difícil de escutar as pessoas. Para encerrar a discussão sobre o horário de trabalho de D. nas terças e quintas, o diretor teve a postura de autorizar por ele mesmo essa prática de D. A reunião se encerra quando o diretor fala que iria dar um tempo para elas pensarem se iriam continuar trabalhando juntas ou não.

Após a reunião, D. tem uma conversa com o diretor e fala para ele de condutas dele também que não aprovou, como quando ele perguntou rispidamente a D. sobre o dinheiro da biblioteca na frente de várias pessoas, disse que não admitia que essa abordagem fosse feita em público sendo que ela sempre está sozinha na sala dela e que ele poderia procurá-la em um desses momentos. Falou ainda com o diretor que para o trabalho funcionar a chefe técnica deveria escutar as pessoas e fala: “Aqui não é uma monarquia, o Rei tem que ceder”. Após a reunião, D. procura também a chefe técnica e pede desculpa a ela e diz: “Se alguém tem que dar o primeiro passo, que seja eu”, pediu para abraçar a chefe e chorou muito.

Depois de tudo isso, disse que se sentiu aliviada, como se tivesse tirado um peso. Disse que conseguiu dormir bem na noite após a reunião e que acordou bem, passou tempo com os filhos e que não pensou no trabalho assim que acordou e que só lembrou dessas situações depois. Ela faz silêncio e eu intervenho: “Me

parece que houve um reconhecimento da instituição contigo”. D. concorda e fala: “Em casa, não é que meus pais não me davam voz, mas eles sempre foram bastante rigorosos, mas no trabalho sempre fui paparicada”.

Ela traz algumas reflexões sobre o trabalho e sobre a reunião. Fala que as relações no trabalho não deixam de ser uma briga de ego. Ela fala: “Eu tenho vaidade para algumas coisas, quando estou organizando um evento, algo do tipo, mas não para humilhar”, e diz que gosta de falar com sua mãe quando precisa ter uma opinião se está fazendo algo errado ou não e diz: “Minha mãe sempre me julga muito bem, põe o dedo na ferida”.

D. conta que está disposta para o trabalho, para inovar lá. Que desde a reunião a chefe técnica tem sido muito acessível. Fala de projetos novos que tem feito e fala também de uma possibilidade de ir para a sala de aula se surgir oportunidade, diz que ministrar aulas é o desejo dela.

Fala também da organização que é algo muito família, que são engessados nos modos de trabalhos, ela fala: “Que são sempre apegados naquele lixo”. Depois, fala de um livro que leu sobre jogar aquilo que não te acrescenta fora. Após essa fala eu digo: “Você fala que eles são apegados ao lixo e desse livro sobre jogar fora aquilo que não te acrescenta. Também teve o seu relato sobre o episódio em que a chefe andou pela biblioteca, uma forma de expor um lixo, parece que era assim que você era tratada”. Ela fala que “realmente”, que é difícil ser tratada assim, pensar que você e seu trabalho são descartáveis. Eu: “Mesmo assim tu fez um esforço, você veio aqui e foi na psiquiatra, mesmo que o problema nem seja contigo, porque talvez tu não seja lixo”. Ela faz uma expressão de surpresa, fala: “Eu nunca pensei dessa forma” e fica reflexiva por um tempo.

Volta a falar e diz que quer falar de coisa boa. Conta que no dia das mães deu à sua mãe uns livros para ajudar ela a estudar, pois diz que ela só tem a 3ª série do ensino fundamental e que ela tem vergonha de pedir aumento na empresa que trabalha há 10

anos, pois nunca estudou. Ela disse que a mãe ficou satisfeita e que D. só conseguiu fazer isso por estar se sentindo mais segura e aliviada pelo que ocorreu no trabalho.

Diz que agora, mesmo não sabendo quanto tempo pode durar, ela sente que se não der certo, se tiver que sair, se sente mais segura e com menos medo, pois não sairá magoada, diz que quer sair bem de lá.

### **Diário do Clínico**

Senti D. bastante aliviada e que ela estava comemorando os acontecimentos no trabalho. A postura dela estava diferente e olhava mais no olhos. Quando ela fala das coisas que atribuíram a ela e que era, na verdade, função dos superiores, eu percebi que ela teve uma atitude de não tomar a culpa de tudo para si, de se impor um pouco, estava mais próxima do tempo Insistir. Quando ela fala que sempre foi paporicada no trabalho, isso me chamou atenção, como se ela sempre substituísse isso que não tem em casa pelo trabalho e talvez não encontrar isso no trabalho atual seja motivo de sofrimento. Quando ela fala do abraço com a chefe e do choro, me pareceu bem simbólico esse abraço que quando acontece acarreta um choro que descarrega tudo que ela guardava dessa chefe.

### **Diário da Supervisão**

É constatado que D. entrou um pouco na pulsão invocante. O falar com a chefe contrariou a fantasia da paciente de que seria desaprovada, visto que a conversa não resultou na desaprovação que ela temia. É confirmado ainda que nos ambientes de trabalho D. é reconhecida como sujeito, porém, em casa não, de modo que o sofrimento aparece quando a chefe traduz a mãe no ambiente de trabalho. A chefe faz D. reviver o drama infantil, o que intensifica o sofrimento produzido pelo modelo de gestão.

## Memorial da Sessão 6

Chega à sessão dizendo que está bem em relação ao trabalho, mas está receosa de que agora que, em suas palavras: “O problema foi resolvido”, sejam delegadas várias atividades para ela. Ela conta sobre uma apresentação que foi convidada a fazer em um evento do trabalho que ocorreu no final de semana, disse que embora qualquer outra pessoa da área em que ela atua pudesse fazer, ela não conseguiu se negar a participar e por isso teve de cancelar uma viagem que faria com os filhos. Segundo ela, nesse evento, foi a única vez que enxergou uma equipe no local de trabalho, que todos estavam trabalhando para ele acontecer. Diz que conseguiu lidar bem com a chefe, que até fez a ela um elogio sincero, mas fala que percebe que a chefe tem ciúme dela e que algumas ações dessa chefe levam-na a acreditar nisso.

Com o relato desse evento, ela retorna à queixa de não saber dizer não; fala que a viagem que iria fazer era importante para ela, mas que não conseguiu dizer não para a oportunidade. Conta também de pessoas que apareceram no ambiente de trabalho pedindo ajuda em tarefas que não eram de sua responsabilidade, mas que ela não soube negar e, por isso, deixou um monte de tarefas dela em atraso. Durante a sessão, fala sobre uma situação do filho que pediu para deixar os materiais no carro, mas ela negou, pois sabia que ficaria espalhado e ela teria de juntar depois. Disse que foi muito difícil, que ele fez que ia chorar e ela quase voltou atrás na palavra, mas conseguiu sustentar; narra que foi extremamente difícil, de um jeito que ela não consegue explicar. Falou também de um treinamento que estava ocorrendo naquele dia no serviço e que ela quase matou a aula para participar. Depois que ela relata essas situações eu falo pra ela: “Você fala bastante dessas situações que você não consegue dizer não, mas percebo que você também fala de situações em que você conseguiu dizer

esse não por mais difícil que tenha sido, como para o treinamento de hoje”. Ela responde que é como se estivesse engatinhando.

Em um dado momento da sessão, ela fala: “Agora eu percebo como minha vida pessoal está associada à minha vida laboral”. Ela conta que estão passando por dificuldades financeiras em casa, pois tiveram que assumir a despesa do carro do irmão dela que está desempregado e isso acabou prejudicando as finanças da família. Ao contar isso, ela fala que na casa dela há uma cultura de não saber dizer não. Ela conta que falou com os pais que o certo seria o irmão dela não continuar com o carro já que ele não pode arcar com a dívida, mas a possibilidade de negar essa ajuda não foi vista com bons olhos pelos pais. D. fala que mesmo dizendo isso ela também não saberia negar essa ajuda.

D. conta ainda que na semana anterior à sessão a mãe fez uma crítica a ela, que ela não consegue se lembrar, mas que a deixou muito mal. Ela conta que por conta dessa fala da mãe, ela passou dois dias de improdutividade, se sentindo mal e disse que depois foi conversar com o pai sobre o que ocorreu. Ela fala que não consegue conversar com a mãe quando acontece esse tipo de situação, pois ela tem medo de a mãe se sentir ofendida. Ela fala: “Eu fui conversar com meu pai e não com a minha mãe” eu intervenho: “Quando você conversou com a sua chefe, você conseguiu falar o que sentia e não parece que ela ficou ofendida por isso”, ela falou que realmente a chefe não se ofendeu.

Durante boa parte da sessão, D. fala sobre o seu namoro; começa contando que deu um tempo no seu relacionamento, pois não tem certeza se quer dar um segundo passo com ele, morar junto é algo muito sério e ela já vive conflitos morando com os pais. Ela conta que está nesse relacionamento há nove anos e, ao mesmo tempo em que ele é muito companheiro, ele é abusivo (me surpreendi com essa palavra, mas não consegui intervir nesse sentido), conta que nem a mãe e nem seus amigos veem futuro nesse relacionamento, embora ele seja bem melhor que alguns casamentos, como ela mesma pontua.

Ela conta ainda que não conhece nenhum dos familiares do namorado, incluindo um filho que hoje tem 21 anos e na época que começaram a namorar tinha 12, ela fala: “Ele esperou tanto o melhor momento que o momento não chegou”. Ela fala ainda que ele é muito fechado e muito reservado e nesse relacionamento ela teve de se acostumar a sair para lugares (como shows) sozinha e a encontrar com os amigos dela sozinha, pois ele nunca está disposto a esse tipo de programa e quando se propõe a ir sempre vai embora logo. Em um dado momento, fala de como a mãe dela é o seu gatilho (toca na sua ferida) e (D.) é o gatilho do namorado, pois ela sabe tocar a ferida dele também.

Ela fala que ela sempre cede, é permissiva e reclama que ele nunca se abre, que é sempre muito fechado. Fala que ele sempre a faz surpresas e visita seus locais de trabalho e estudo sem ser convidado, mas ela não faz o mesmo e ele nunca a convida para conhecer sua sala no trabalho, ela diz que nunca entrou lá. Conta que demorou a visitar um apartamento que ele comprou, pois ele ficava enrolando ela, colocando impedimentos.

Fala ainda que ele omite sempre sobre sua situação financeira, fala que não tem dinheiro e aparece com carro novo, fala que não tem mais cartões de créditos e logo depois ela acha uma fatura, dá diversos exemplos disso. Ela fala que isso a incomoda, pois ela se sente traída com esses atos, fala que um relacionamento precisa de verdade, como se não soubesse como estabelecer confiança mediante essas omissões. Fala também que ele já foi casado e até hoje não assinou o divórcio, pois é preciso certa quantia de dinheiro que ele afirmou em alguns momentos que não tinha e ela descobriu depois que ele, na verdade, tinha essa quantia; em um dado momento fala: “Parece que ele tem uma outra família e eu sou a amante”. Mas ela disse que não acha que é o caso, mas que se incomoda por ele não apresentar ela nem para os amigos ou família. Ela fala que recentemente ele revelou para ela que a irmã dele tem preconceito no que se refere a relação deles

por ela ser 19 anos mais nova que ele. D. responde a isso que “tudo bem”, que queria poder lidar com isso por ela mesma.

### **Diário do Clínico**

Eu senti que em relação ao trabalho ela está um pouco preocupada com ser sobrecarregada, agora que “o problema foi resolvido”, como ela mesma aponta, sinto que isso pode ser uma tentativa de autopreservação dela. Sinto que ela está mais consciente das vezes que ela cede ao pedido do outro, negando suas próprias necessidades. Me chamou muita atenção o fato de ela não se lembrar da crítica da mãe, muito significativo isso. Penso que agora que ela está mais resolvida com o trabalho, se foca na relação com o namorado e traz as mesmas inquietações, onde ela pode ter errado, mas tudo se volta a essa repetição da vida com os pais. De alguma forma, quando ela se queixa do namorado é como se eu escutasse: “Eu não sei se eu quero avançar nesse relacionamento que eu sempre tenho que ceder e morar junto com ele, sendo que morando junto com os meus pais a dinâmica já é essa”.

### **Diário da Supervisão**

É dito que a dificuldade de D. de dizer não é relacionada à desaprovação da mãe, pois na sua relação com a mãe ela precisa ceder. A saída é que ela elabore que não precisa se comportar nas outras relações como se comporta com a mãe, e ainda reconhecer a identificação com a mãe, ou seja, ela repete a mãe na relação com os homens indicando uma relação de dependência ao desejo da mãe, que a faz gozar por estar nesse lugar de falo da mãe. Foi discutida a importância de ela reviver a angústia da castração como possibilidade de gratificação da pulsão pela sublimação. As orientações são no sentido de encorajá-la a dizer o que pensa e insistir para que ela seja invocante por meio da transferência já

estabelecida com a clínica. A paciente supõe que a clínica vai ajudá-la a se sentir menos perdida e capaz de dizer o não tão desejado.

## **Memorial da Sessão 7**

A paciente chega à sessão contando que no dia anterior dormiu ao volante e saiu da pista, disse que quando acordou estava de cara com um poste, mas conseguiu evitar a batida. Ela conta que têm sido recorrentes seus cochilos ao volante e atribui isso ao fato de acordar muito cedo e ir dormir muito tarde (pois trabalha na faculdade à noite) tem sido difícil para ela ter as horas de sono necessárias. Conta que a sua mãe questionou se realmente precisava disso (se referindo ao emprego) e a encorajou a pedir demissão, ela conta isso de maneira diferente do que normalmente fala da mãe, ela fala que foi surpreendente a mãe falar isso, como se estivesse deslumbrada pela preocupação da mãe com o seu bem-estar.

A partir disso, D. discorre sobre a possibilidade de pedir demissão e diz que se sente melhor com pedir demissão do que se sentia antes, mas fala que ainda tem um apego. Fala que não iria ao serviço naquele dia e que vai conversar ainda nesta semana sobre isso e fala que está um pouco ansiosa, mas o modo como fala isso é muito diferente do modo como falava antes, de forma que eu pontuo isso para ela e ela diz que agora não tem mais medo e não sente a culpa que sentia. Diz que tem se atrasado algumas vezes, pois devido a sua rotina é muito difícil chegar no horário, mas isso não a tem deixado culpada. Fez várias elaborações sobre isso de que sempre fica procrastinando essa saída que ela quer desde o fim do ano passado e em algum momento ela traz uma fala expressando que essa é uma coisa que ela tem que fazer.

Ela conta que a mãe falou com os chefes dela (mãe) sobre D., para conseguir alguma vaga. Reuniu-se com essa pessoa e ele disse que havia uma possibilidade de vaga para analista de negócios e que ela deveria fazer um curso para se preparar. Sobre isso ela

fala: “Foi muito bom ver que tem uma possibilidade de fazer algo muito diferente de tudo que já fiz” e fala que essa é uma área que ela acha interessante.

Ela faz queixas de que tem sido difícil produzir nos últimos dias (produzir significa estudar ou adiantar trabalho) e atribui isso ao fato de ela ter deixado de tomar os remédios (tem tomado apenas esporadicamente) e traz de novo as queixas sobre ter que tomar esse remédio sempre e também de ter que voltar na psiquiatria. Ela conta que no dia anterior como não conseguia fazer nada foi remexer fotos antigas e chegou à conclusão de que o sonho dela é ser professora e que é algo que ela sempre quis. Eu intervenho: “Essa é a primeira vez que você me traz um desejo seu”, ela responde que tem sido importante para ela o processo nesse sentido, pois ela tem refletido sobre essas coisas. Ela fala que embora todos digam que é uma profissão que não dá dinheiro, não é só isso que importa, relatando sobre professores que ela conhece que estão satisfeitos por fazerem o que gostam.

Ela fala ainda que as coisas têm mudado, que os pais dela não reclamam mais tanto com ela. Relata que às vezes tem conseguido falar pra eles que ela não pode resolver alguma situação, pois não fica em casa. Fala bastante dos seus filhos e que tem conseguido dizer alguns não. Conta que antigamente acordava cedo e arrumava os seus filhos, fazia tudo que precisava com um deles de cada vez, só depois que os dois estavam prontos é que se arrumava e arrumava a própria cama, fala que hoje não faz mais isso, ao que eu digo: “Essa dinâmica parece com a sua vida, mas agora parece que você tem se voltado para si mesma” e ela concorda e fala que tem entendido que algumas coisas só ela pode fazer por si mesma.

## **Diário do Clínico**

Durante a sessão eu me senti feliz. D. estava bastante acelerada na sessão, ela mesma pontuou isso. No entanto, não senti

que essa aceleração fosse algo ruim, senti como se ela tivesse acordado e percebido várias coisas, percebido que há outras possibilidades de trabalho e que ela tem um desejo profissional, e há uma animação dela com isso. Senti que o quase acidente que sofreria por dormir ao volante contribuiu para ela acordar para outras situações. Sinto que quando ela fala em pedir demissão não vem todo aquele peso que vinha antes, ela também está menos culpada e menos preocupada com o julgamento dos outros, principalmente quando se trata de não estar conseguindo chegar no horário no trabalho.

### **Diário da Supervisão**

É comentado que a paciente tem silenciado vozes do supereu, começa a aparecer uma fala. Discute-se longamente que não há desejo sem sujeito, ou seja, pontuar o desejo é invocar o sujeito. A orientação é de continuar nesse caminho.

### **Memorial da Sessão 8**

D. chega à sessão contando que pediu demissão do emprego. Conta que ainda pediram para ela ir alguns dias da semana anterior e que ela gostaria de dizer não, mas acabou aceitando (discorre sobre a temática de dizer não). Verbaliza que no dia da última sessão ela foi conversar já pensando em fazer o pedido de demissão, mas não fez. Disse que após esse episódio, o R. (que antes ela chamava de namorado) falou que assumiria a dívida mais preocupante para ela (cartão de crédito), ajudando-a para que ela pedisse a demissão, após esta combinação ela realmente pediu.

D. relata que é muito procurada para realizar serviço de formatação de trabalhos (diz que já trabalhou com isso antes), porém que ela não consegue gerenciar muito bem, pois acaba se sobrecarregando. Conta que quando trabalhava com isso havia uma pessoa que gerenciava as demandas e também os pagamentos.

Ultimamente tem aparecido pessoas procurando esse serviço e ela não consegue dizer não. A partir disso ela fala: “O R. fez uma coisa quase que de pai”, que foi pedir pra passar as demandas para ele para que ele recuse já que ela não consegue.

D. volta a falar do emprego atual e da dificuldade que é sair de lá. Conta que odeia o lugar, mas gosta das pessoas. Diz que lá todos sabem o nome dela e que isso não acontecia nos outros ambientes que trabalhou; ela fala que nesses outros ambientes ela era tão focada em produzir que não tinha esse convívio com as pessoas. Fala sobre sua colaboração lá, diz que foi no sentido de mudar a visão das pessoas sobre a biblioteca, pois antes era um lugar em que ninguém ia e agora é um lugar que frequentam e que enquanto trabalhava lá muitas pessoas iam lá pra desabafar com ela. Conta ainda de algumas pessoas que a procuraram para agradecer a diferença que ela fez ali e essa é a parte difícil. Eu intervenho: “Me parece difícil sair de um ambiente tão familiar”. Ela fala que é exatamente isso e que vai sentir falta das pessoas.

Fala que seus pais gostaram de ela pedir demissão e diz que eles estão valorizando o fato de ela estudar, conta que seu pai falou para um familiar que “ela pediu demissão para poder estudar”, conta que nunca sentiu que eles realmente entendessem o fato de ela estudar, de modo que não valorizavam isso. Discorre bastante sobre ela ser a única na família que se formou. Conta sobre uma visita que fez a São Sebastião, onde parte dos familiares mora e diz como é diferente a realidade ali, bastante similar à vida de interior, fala do seu irmão que parou de estudar e está morando nesse lugar e diz que parece que ele regrediu, que ele quer voltar a estudar e não sabe mais ligar um computador.

Em meio a essas falas sobre essa realidade da família, ela fala que gosta de evoluir, de sempre estar progredindo. Eu pontuo que esse é um outro desejo que ela traz, assim como fez na última sessão. Ela concorda e fala sobre o comodismo, fala o tanto que as pessoas na faculdade são acomodadas, pessoas com bastante potencial e que não almejam subir na profissão. Conta que espera

que a moça que trabalhava com ela na biblioteca não se acomode, pois ela é uma ótima profissional. Fala de outras pessoas com quem trabalhou e que até tentou ajudar a evoluir profissionalmente. Conclui que para isso acontecer a pessoa tem que querer, que não adianta ela tentar fazer isso pelos outros.

### **Diário do Clínico**

Senti que D. estava em um clima de despedida do trabalho, que trouxe uma visão de aspectos positivos do ambiente de trabalho que ainda não tinha mencionado. Senti que embora ela não tenha sido tão paparicada profissionalmente como relatou anteriormente sobre os trabalhos antigos, nesse ela era valorizada de outra forma, pelos outros funcionários da instituição. O momento em que ela fala sobre os serviços de formatação e da ação de R. que ela nomeou como “coisa de pai” me chamou atenção, mas não me senti segura para fazer algum tipo de intervenção.

Penso que ela trouxe ainda um outro desejo que é esse de sempre evoluir, senti um estranhamento da parte dela sobre o modo de vida da sua família de São Sebastião e um incômodo dela em relação ao comodismo que existe na faculdade. Em alguns momentos sinto como se ela não quisesse ser contaminada por isso de não querer crescer.

### **Diário da Supervisão**

A impressão do coletivo é que o supereu tirânico faz o movimento de colocar o sujeito de novo no tempo da demanda e não do desejo. O supereu do trabalho tem exercido a função de supereu tirânico. A orientação é manejar os significantes que remetem ao desejo para tentar fazer o sujeito trabalhar.

### **Memorial da Sessão 9**

D. chega à sessão com uma postura bastante frágil, volta a ficar de cabeça baixa no início. Fala sobre sua saída do trabalho. Fala que esses últimos dias ela está “down”, diz que tem dormido muito e tido muito sono e que sente seu corpo mole, como se estivesse doente, mas não está doente. Ela fala que saiu do trabalho para estudar, mas que ainda não conseguiu estudar de fato. Em dado momento diz: “Não sei se isso tem a ver com eu ser bipolar”.

Narra que ainda não conseguiu escrever a sua carta de demissão, diz que está adiando isso, fala que já pensou em voltar atrás e que queria entregar a carta logo para oficializar a decisão. Ela não está indo ao trabalho, pois está tirando suas férias. Fala que as pessoas do trabalho falaram para ela aproveitar esse tempo pra pensar se quer mesmo tomar essa decisão e diz que toda vez que alguém pergunta se ela tem certeza ela fica mais em dúvida.

Fala que quem vai substituir ela será a moça que a auxiliava na biblioteca, conta que essa saída será conveniente para empresa, pois o salário deles é muito baixo para ter um profissional qualificado e que promovendo essa pessoa que trabalhava com ela, ela vai ganhar um pouco mais, embora não tenha como fazer o trabalho do mesmo jeito que ela (D.). A partir disso discorre sobre a sua profissão, fala que a biblioteca é algo sempre secundário nas instituições, fala que encontrou a chefe do seu antigo estágio e soube que no órgão em que ela estagiava eles não contratam mais estagiários e reduziram os bibliotecários. Ela fala que essa profissão não é valorizada e que às vezes pensa em mudar de área. Eu indago sobre o que ela tem pensado nesse sentido. Ela fala que gosta de aprender coisas de outras áreas, fala da área de tecnologia da informação e do curso que pretende fazer para se preparar para a vaga sobre a qual conversou com o chefe da sua mãe. Ela fala que tem um pouco de medo de trabalhar no mesmo lugar que a mãe, fala que é difícil trabalhar perto de quem você ama, pois ela se cobraria mais e tem medo da avaliação.

Ela segue falando sobre isso de ser avaliada, que sempre enrola para entregar as coisas, que demorou para encaminhar o

currículo para o chefe da mãe e que também enrolou para entregar um trabalho do mestrado, fala que para ela é difícil entregar as coisas, pois sempre acha que pode fazer melhor. Conta que nesse trabalho do mestrado o seu namorado pediu para ela fazer num documento online compartilhado com ele e que ele chamou sua atenção, pois ela fica refazendo o trabalho constantemente.

A maior parte da sessão fala sobre sua relação com seus pais e seu namorado. Conta que foi com o namorado comprar uma cama e que ele tem mencionado de morarem juntos e que ela responde a ele que está confusa, pois acabaram de sair de uma crise e ele responde: “Vamos confuso mesmo, mas vamos”. Fala que a mãe acha que o relacionamento não tem futuro e fala: “Minha mãe disse que é melhor eu ficar em casa que dá menos trabalho”, narra que essa voz da mãe a deixou confusa, pois diz que em alguns momentos a voz diz que seria bom se ela saísse de casa.

Relata que não tem sabido como lidar com seus filhos também, que a sua filha é muito frágil e que pensa que ela é a menos amada; diz que o mesmo tratamento que ela tem com o menino, de repreender, ela sente que não pode ter com a filha, que parece ter uma autoestima diminuída. Se queixa de que os seus pais não têm paciência com os seus filhos e que colocam a culpa nela de qualquer coisa que eles fazem, mas são coisas que nunca ocorrem quando ela está lá; fala que quando ela está eles se comportam diferente, mas que seu pai não enxerga isso e que ele cobra muito dela. Fala ainda que a sua mãe sempre utiliza de insultos com os netos, e os eu pai por qualquer coisa levanta a mão para eles e ela não gosta disso.

Eu indago sobre como é isso para ela. Ela fala que com ela não era assim, que eles eram pacientes, que o pai conversava e tinha uma relação mais afetuosa com ela e os irmãos, conta que cresceu com muito amor. Diz que começou a namorar muito nova e que saiu de casa pela primeira vez com 16 anos e voltou quando tinha 20; diz que percebe que os pais nunca a perdoaram por esses erros de quando era mais nova e que depois disso nunca foi

respeitada. Conta que na casa onde moram tudo dela é por último (exemplifica: se pintam a casa meu quarto é o último). Fala que não se sente bem na casa dos pais, que não é como se fosse a casa dela e que o exemplo disso é que ela não se sente no direito de chamar ninguém pra ir lá. Fala que é muito ruim isso. Conta que o namorado fala sempre que o que ela mais precisa é ter estabilidade para sair da casa dos pais.

Comenta que já pensou em sair várias vezes, mas que sempre volta atrás. Diz que desde quando engravidou os seus pais falam que ela não ia ter coragem e capacidade para cuidar dos filhos. Ela fala: “Eu acabei introjetando isso e hoje tenho medo”. Diz que não sabe o que querem dela. Eu falo que parece difícil tentar atender sempre o desejo do outro. Ela fala: “Eu tenho medo, pois não sei o que eu quero”; diz ainda que acha que a mãe quer dela que ela estude e que resolva os problemas financeiros da família como uma galinha dos ovos de ouro, mas vê que isso não acontece, pois mesmo quando ela passou a ganhar mais isso não aconteceu. Ela diz que não quer estar pra ver se isso vai acontecer e nem quer que os filhos estejam.

## **Diário do Clínico**

Senti D. bastante fragilizada no início da sessão. Ela falou bastante e misturou muito os assuntos assim como fazia no início, de modo que eu me senti perdida até para fazer algum tipo de interpretação. Ela fala bastante das opiniões da mãe e das soluções que o namorado dá. Percebo que ela se desloca do namorado para a mãe, perdida entre esses dois discursos, mas ela parece não cogitar consultar ela mesma sobre o que ela quer e o que ela acha das situações que passa. D. só traz na sua fala o incômodo com as exigências da mãe, não traz incômodo pelo namorado tomar as decisões.

Além disso, sinto que ela está ambivalente em relação à saída do trabalho e que embora queira concluir a sua carta de demissão,

pensa constantemente em voltar atrás nessa decisão. Sinto também que embora ela tenha essa oportunidade em outra área, ela está com medo de trabalhar tão próximo à mãe.

## **Diário da Supervisão**

Foi referido a repetição e resistência da paciente. O namorado exerce a função ora do pai ora da mãe. Além disso, ela constrói uma fantasia de que não vai conseguir sair de casa e volta para o drama entre ser demitida e pedir demissão, repetindo o drama infantil.

As orientações são para falar sobre o que eu percebi e escrevi no meu diário acerca do seu deslocamento entre o discurso da mãe e do namorado, ou seja, pontuar essas relações.

Por fim é comentado que ela fez uma elaboração, por decidir pedir demissão e agora é a vez da simbolização. O ansejo da resistência pela transferência ocupou lugar central na supervisão e a discussão de como a escuta pode permitir essa travessia. Um caminho pensado é a “confiança” transmitida ao paciente que ali tem um sujeito a se tornar.

## **Memorial da Sessão 10**

D. chega à sessão contando que entregou a sua carta de demissão na instituição que trabalhava há poucos dias, algo que, segundo ela, deveria ter feito há muito tempo, mas relutou em fazer, disse que não sabia se realmente deveria ter saído. Fala bastante sobre como é difícil para ela fazer coisas simples, menciona novamente a conversa com o chefe da mãe, diz que fez o curso que ele recomendou, porém só conseguiu enviar o currículo um mês depois – fala isso num tom de irritação consigo mesma e eu intervenho: “Mas você entregou, assim como entregou a carta de demissão”, ela concorda.

Conta que decidiu ir morar com o namorado e que os pais não veem essa decisão com bons olhos; diz que ela e o namorado estão mobiliando apartamento e ela está participando na escolha das coisas, porém fala: “Mas não é o meu dinheiro” e fala que precisa dos pais para muitas coisas e é estranho passar isso para o namorado, ao que eu intervenho: “Parece difícil depender do outro”. Fala que desde que saiu do trabalho não tem conseguido sair de casa e nem estudar mais do que antes, embora tenha tempo livre. Conta que passa a maior parte do dia de pijama, que só saiu quando foram buscá-la. Afirma não saber se isso é o seu transtorno, diz que não está tomando os remédios e está evitando voltar na psiquiatria.

Fala ainda que se sente insegura, que não quer lidar com seus medos. Fala que se sente duas pessoas, pois na frente dos outros aparenta ser segura, diz que é sempre elogiada por professores em apresentações pela sua segurança nas palavras, mas diz: “Parece uma farsa, parece que sou duas pessoas”. Fala que não sabe de onde essa insegurança veio e então conta uma história de um trabalho de formatação que fez e que não conseguiu terminar no prazo, menciona que nessa época estava com depressão, e que o cliente a xingou muito e acabou com ela e isso a magoou e a atingiu muito. Diz que depois desse episódio ficou muito preocupada com prazos e que depois se tornou uma pessoa insegura. Fala que pensa em voltar para esse tipo de trabalho, mas é muito estressante e tem prazos curtos e ela tem medo de acontecer algo desse tipo outra vez.

Continua falando sobre coisas que a deixam insegura, diz que brincadeiras do irmão a atingem, que há uma parenta que é magoada com ela e isso a incomoda muito. Diz que a única pessoa com quem se sente segura é o namorado: “*Quando ele tá perto os outros não mexem comigo e se mexem eu não ligo, mas meu namorado não é meu pai*”. Eu intervenho: “Ele realmente não é seu pai, mas parece que ele faz o que seu pai deveria ter feito, cuidar, proteger, é difícil viver sem esse cuidado e sem essa proteção”. A

partir disso ela fala que quando era mais nova gostava de ser admirada e elogiada e por isso a achavam um tanto ‘nariz em pé’, e que não a reconheciam, eu falo: “A gente precisa de reconhecimento, ser reconhecida como sujeito, é difícil quando isso não acontece”. Ela ficou um pouco reflexiva depois dessa fala.

Aí fala das dificuldades da filha, que ela é muito insegura com entregar trabalhos e fazer coisas da escola, diz que é difícil ajudar a filha já que ela não se sente bem. Fala que a escola da filha sinalizou para que ela procurasse um psicólogo e um neuropedagogo. D. fala ainda que a filha tem dificuldade por não ter pai, que não aceita o padrasto como pai, fala que ela quer ficar com os avós após a mudança. E ela não sabe também como proteger a filha, fala muito que não sabe como a repreender e educar (ela fala quase se desculpando). Eu pontuo: “Parece algo muito pesado isso de ter que fazer tudo perfeito sempre”.

Ela, a partir disso, conta uma história de quando seus filhos eram pequenos. Ela fala que costumava deixar eles na casa de vizinho enquanto ela e os pais trabalhavam. Conta que certa época uma parente dela ficou órfã e a mãe de D. resolveu acolher essa pessoa, era uma menina de 12 anos. Essa moça passou a cuidar dos filhos de D. e após isso a paciente conta que a sua filha (que tinha 5 anos) começou a ter pesadelos. Após um tempo descobriram que a menina estava mexendo com drogas, recebendo pessoas na casa e expondo os filhos de D. a cenas de sexo explícito (D. chora muito) e fala: “Eles eram apenas bebês, ela não tinha esse direito... Eu não pude proteger eles”. Eu digo: “É impossível proteger de tudo, me parece que você fez o que podia para proteger eles, mas é difícil proteger de tudo, sua mãe não te protegeu de tudo”. D. ficou mais calma, concordou, falou um pouco da importância e da dor de falar desses assuntos.

## **Diário do Clínico**

Pelo seu relato percebo que antes era muito acelerada e tinha muitas atividades e agora que não está mais no trabalho sinto que está paralisada, que é difícil fazer qualquer outra coisa. Sinto-a culpada de usar seu tempo livre para coisas que não são estudos. Durante a sessão por todo o tempo ela manteve uma postura bem fragilizada, não fazia contato visual, sempre com a cabeça baixa, bem parecido com o jeito que ficava nas primeiras sessões. Sinto que quando ela fala da filha dela, parece que está falando de si mesma.

Senti que o trauma que ela trouxe dessa vez não me assustou tanto como da primeira e eu estava mais segura para escutar o relato e para intervir no final. Sinto que é muito difícil para ela falar e eu escutar sobre esses traumas que rondam a sua vida.

### **Diário da Supervisão**

Foi discutido a hipótese de que D. está sob o comando: você não pode desejar, apenas atender demandas e gozar com isso e por isso. Ela fica na mão do outro e acha que não vale nada, não percebe que se acha um lixo. O reconhecimento dela sempre veio com a utilidade e ela não trabalhar tira isso dela, de modo que incorre de novo em sofrimento.

A orientação é tentar voltar ao trabalho do desejo, retomar o que ela quer fazer e oferecer-se fazendo o canto da poetisa, transmitir pelo olhar-voz a ela que ela não é lixo. Tentar reparar o não reconhecimento da mãe, manejar suas fantasias em relação a angustia da castração.

### **Memorial da Sessão 11**

D. chega falando que está muito melhor do que na semana passada. Conta que na quinta feira anterior foi no hospital para um atendimento emergencial na psiquiatria, porém não o teve, pois não pode esperar, mas conta que melhorou mesmo assim. Fala que

tem estado sem dinheiro em casa, que os pais a pressionam para passar no concurso e que essa semana ela conseguiu estudar muito e que tem estudado para duas coisas (mestrado e concurso). Se questiona sobre a expectativa dos pais sobre ela, fala que é difícil lidar com a expectativa do outro e pergunto qual é a expectativa dela para ela mesma e ela fala que nunca se preocupou com o que ela queria. Ela diz: “A gente sempre pensa no se, se meus pais, filhos e R. não existissem eu poderia fazer tudo diferente”. Eu pergunto: “Quem é a D. sem todas essas pessoas”? Ela diz que é uma boa pergunta e que mudou tanto que não sabe o que dela ficou, que não sabe quem é.

Fala que antes não era assim. Conta que na adolescência era muito inconsequente e gostava de farra, fala que começou a sair e namorar muito nova, que teve duas decepções amorosas e depois disso começou a ficar bastante tempo em chats online, conhecendo outras pessoas; passou a sair com vários homens e se tornou viciada em sexo, segundo ela. Diz que foi em uma dessas saídas que engravidou. Nessa época em que estava grávida trabalhava durante a semana e tinha um trailer de lanches em que trabalhava nos fins de semana. Fala que era assediada sexualmente no trabalho e esse assédio piorou depois que ela teve a filha, então ela pediu demissão (já contou essa história antes) e logo após isso o trailer foi assaltado e ela ficou sem renda.

Diz que entrou em depressão e que não conseguia emprego, por falta de experiência ou por julgarem nas entrevistas que ela poderia ter algo melhor. Então ela conta que viu uma vaga no jornal escrito “Contrata-se Moças” e quando foi se candidatar soube que era vaga para massagistas, que na verdade eram garotas de programa, fala que hesitou um pouco, mas acabou indo. Disse que trabalhou assim por 1 ano e meio e que não era tão difícil já que estava viciada em sexo; diz que os pais não perguntavam muito já que ela estava colocando dinheiro dentro de casa. Ela conta que só quem sabia era um cara com o qual ela estava envolvida (fala que esse cara é o pai do segundo filho dela), diz que

ele começou a chantageá-la para que ela o sustentasse, senão contaria para os pais dela sobre o seu trabalho. Ela fala que uma hora cansou dessa situação e comprou uma passagem para ele ir embora; no entanto, antes de ele ir contou tudo para seu pai.

Seus pais não aceitaram e ela saiu de casa e ficou longe da filha (pois essa ficou com os pais). Fala que ainda continuou um tempo no trabalho; ganhava muito dinheiro e conseguiu um apartamento. Fala que nesse trabalho era muito cortejada, que os clientes sempre a levavam para jantar e que recebia muitos presentes, diz ainda que nem quando ela estava grávida do segundo filho foi um problema. Porém, fala que se sentia só, principalmente em épocas como Natal. Fala que para ela era um trabalho em que ela se saía bem, que podia escolher os seus clientes ao contrário de algumas colegas. Fala que foi assim que conheceu R., que na época era casado. Fala ainda que ele nunca a julgou e a ajudou quando ela decidiu sair. Eu intervenho: “Mais uma vez ele fez o que seus pais deveriam ter feito”.

Fala que sempre tentou reparar esse erro com os pais, mas ainda tem dúvidas se o pai a perdoou. Logo na sequência fala que não encara essa época como ruim, diz que foi uma fase que passou e que superou. Diz que nessa época ela fazia tudo com a cabeça tranquila, que não era cheia de medos como agora. Conta que não participou da criação dos filhos quando bebês, pois na época da mais velha ela estava fora de casa por conta de prostituição e quando o outro nasceu ele também ficava com os pais e ela estudava para o vestibular e ainda estava fora da casa dos pais. Disse que no caso do filho mais novo ia visitar com maior frequência. Conta que nesses últimos dias a sua filha a indagou sobre qual foi a primeira palavra que ela falou e D. teve que dizer que não sabia, pois não morava com ela na época (fica triste) e fala: “Eu não ouvi a primeira palavra dela, não vi os primeiros passos, ela nem me chamava de mãe”. Eu intervenho: “Você não ouviu, mas ela só pode falar por você ter sustentado eles e ter dado condições para isso acontecer”. D: “Eu sustentei muita gente”. Eu:

“Sinto que você sustentou e sustenta não só financeiramente, mas que tenta sustentar as expectativas desses outros tentando atendê-las”.

Ela começa a falar de R. e seu relacionamento com ele, que ele passou por tudo isso com ela, sempre a ajudou e nunca a julgou, que confia nele e que o filho gosta muito dele, que se sente segura apesar dos defeitos dele. Eu falo: “Interessante como você fala dele, às vezes sinto que você ainda se julga, se culpa e se menospreza muito. Imagino você fazendo esse movimento consigo mesma: dizendo que apesar de suas dificuldades e tudo que você já passou você é um boa pessoa, uma boa mãe e uma boa profissional nos seus trabalhos”.

### **Diário do Clínico**

Embora ela alegue estar melhor, ela ainda chega à sessão com uma postura fragilizada, a mesma da sessão anterior. Sinto-a realmente muito insegura e com medo. No momento em que ela começa a narrar a sua adolescência a partir de quando engravidou ela toma uma outra postura, levanta a cabeça, parece ter tomado um pouco de coragem. Eu sinto que ela sente saudades do jeito que era antes, porém tem medo da reprovação. Em um dado momento ela fala que “trancou” seus desejos e suas vontades, pois era sempre muito inconsequente. Me parece que ela realmente tem medo de se deparar com seus desejos e sustentá-los, pois isso pode não agradar os outros à sua volta.

### **Diário da Supervisão**

Discute-se a relação de D. com a mãe, ela entregou a vida para a mãe. É falada da dificuldade da clínica de “cortar” a repetição, recomenda-se que a clínica fale da sua própria afetação durante o atendimento.

## Memorial da Sessão 12

D. chega e diz que se sente melhor, começa a falar de um desentendimento que teve com o namorado e em algum momento ela fala que se acha egoísta. Eu intervenho: “Não é isso que eu sinto, eu sinto você se posta contra a parede, ora tentando servir ao desejo do. R. (namorado), da sua mãe, ou de seu pai”. Ela fala que gostaria de falar com os pais, de conseguir dizer quando algo a incomoda, mas nunca consegue falar diretamente, quando fala é sempre implorando. Fala que saiu com outra pessoa, que se pôs em risco e diz que não entende o porquê de gostar de estar com pessoas desconhecidas, chora ao falar desse encontro; diz que acha que está melhorando, mas que dói muito e que cada vez que tem uma recaída é como se demorasse meses para se recuperar. Fala que em casa às vezes se sente fechada num casulo.

Fala que seu carro está com defeito, porém que ainda dá para usar. Mas conta que por insistência da sua mãe não estava de carro. Fala da dificuldade que foi o seu dia sem o carro e que todo o tempo pensava em falar para a mãe quando chegasse em casa o quão difícil foi seu dia por conta dessa insistência dela, D. fala: “Vamos ver se vou conseguir de fato falar para ela”. Eu intervenho: “Isso me lembra a sua relação com a antiga chefe e esse contexto me lembra aquele do trabalho e que você não parecia sentir segurança e nem liberdade para falar”.

Ela diz que é por isso que gosta de ser mãe, pois com seus filhos sente que pode falar. Fala que se sente segura com o namorado e que ela tem liberdade na casa dele que não tem na casa dos pais e que não sente saudade de casa quando está com ele. Ela fala de uma frase que leu em uma visita a um amigo: “Sua família não é você”, diz que parece muito com ela e que ela tem tentado entender isso e tem tentado fazer coisas que ela quer e não só para agradar as pessoas (famílias e amigos), que tem pensado nos seus próprios projetos. E eu: “Como têm sido esses pensamentos?”.

Fala que pensa em trabalhar em projetos grandes que impactem a sociedade, fala que quer ser referência na área dela e que quer ser modelo, quer que algo que ela faça contribua para a sociedade (fala de exemplos de pessoas que fizeram coisas do tipo e fala que isso é o máximo sucesso que pode ter). Em algum momento fala sobre o desejo de ser professora e como essa figura do professor é importante na vida da sociedade. Eu pergunto se ela pensa em investir nisso. Ela conta que tem dois planos: o primeiro é relacionado à academia, fala que embora no mestrado a maioria das pessoas estão lá apenas para ganhar adicional em seu salário de servidor público, tem o sonho de ser professora. Pensa na sua dissertação e quer fazer algo não só teórico, mas que possa ser aproveitado na sociedade. O segundo plano dela envolve trabalho voluntário, ela diz que é o seu desejo de dar aulas de alfabetização de adultos e fazer contador de histórias para idosos, porém que para conseguir esse segundo ela precisa achar um grupo específico (eu sinto vontade de indicar um para ela, mas achei melhor não). Fala ainda que tem afinidade com pessoas mais velhas e que seria interessante trabalhar com esse público, tece crítica aos alunos regulares que muitas vezes não dão importância para o aprendizado, porém que no caso dos adultos eles vão atrás do estudo e dão valor a ele.

Fala muito sobre esse assunto e com muito entusiasmo, fala como foi para ela quando deu aula no estágio docência, relata a experiência com bastante encantamento. Diz que acha fantástico quando um professor admite não saber determinado assunto, fala que enxerga os professores na pós-graduação como colegas, fala de como gosta de estudar e de aprender coisas e de falar de assuntos dos quais não tem domínio. Ao final da sessão eu pontuo para ela o quanto está diferente do modo em que chegou à sessão, que eu sinto esse desejo que ela traz, que sua postura mudou ao falar desse desejo, falo que sinto que ela fala de algo dela que não é para a mãe ou para o namorado. Ela diz que tem tentado descobrir

quem é a D. e o que ela quer, que não tem sido tão fácil. Eu digo que ela deixou transparecer um pouco disso agora.

### **Diário do Clínico**

Senti-a fragilizada no início da sessão, como se estivesse com um peso, porém à medida que vai falando vai deixando de narrar sobre a família ou o namorado e faz uma narrativa dos seus desejos e sonhos, isso muda o tempo da invocação e eu a sinto mais leve, sinto mais liberdade em D.

### **Diário da Supervisão**

É comentado que no trabalho ela foi invocada pelo supereu tirânico traduzido no supereu materno e, ao mesmo tempo, foi pela voz do trabalho que conseguiu invocar-se mesmo que não consiga pela voz da mãe. O trabalho invoca o sujeito não dissociado de seus dramas infantis e juvenis. É levantada a hipótese de o trabalho como segunda possibilidade de gratificação da pulsão, possibilitando novos modos de gozo e a sublimação que invade a vida do sujeito. Para isso, foi preciso que a clínica se fizesse presente afetivamente, não só acreditando, mas experimentando a existência do sujeito suposto, oferecendo seu próprio inconsciente e suas invocações para invocar o sujeito. A orientação é para continuar o trabalho clínico nessa mesma linha.

### **Memorial da Sessão 13**

D. começa a sessão falando de um encontro que teve com um grupo de amigas e diz que conseguiu falar com elas sobre os seus problemas, algo que nunca fez antes. Diz que se sentiu bem com isso, como se não tivesse ido embora com a angústia que carrega. Fala dos problemas que sua filha tem, fala sobre como tem lidado com isso e como tem feito para ajudá-la e diz que é como se ela

estivesse vendo a si mesma: “Falei para ela, mas era como se tivesse falado para mim”.

Diz que essa semana conseguiu perceber que estava ficando mal em certo momento e conseguiu cancelar um trabalho por conta disso. Pontuei que é interessante isso de ela estar mais sensível a si mesma e ela falou que às vezes parece que é algo não muito natural, mas que tem ajudado. Disse que se sentiu tranquila ao cancelar o trabalho, mesmo sendo um pouco difícil enviar a mensagem, contou impressionada que a cliente compreendeu e não ocorreu nada demais.

Fala que tem feito o exercício de pensar quais são os desejos dela em relação a tudo à sua volta. Diz que abriu o guarda roupa e percebeu que a maioria das suas roupas não são as que ela gostaria de usar, isso ela diz que se deve ao fato de os pais não gostarem das roupas que ela usaria. Ela diz que tem usado essas roupas quando vai para casa do namorado. Fala que no bairro que ele mora consegue fazer as coisas do seu jeito, mas que às vezes se pega fazendo do jeito que a mãe faria. Em algum momento eu falo que me parece um exercício de descoberta o que ela tem feito e ela concorda.

Além disso, fala um pouco da filha e logo depois fala que quer ser mãe, fala que teve um aborto, mas que tem o sonho de ter quatro filhos desde nova.

Passa a sessão falando desses episódios em que se esforçou para fazer a sua vontade e encerra dizendo que está crescendo. Eu falo ao final que a sinto bastante leve nessa sessão.

## **Diário do Clínico**

Me senti bem durante a sessão, sem cansaço com a fala dela sobre sua família e namorado, pois o jeito que ela falava foi diferente; sempre trazia o que ela queria antes dos desejos dos outros. Senti-a bem leve desde o início. Ela não se mostrou fragilizada em nenhum momento, me senti feliz com tudo que ela

contou. Sinto que esse desejo dela de ser mãe de outros filhos é também para ela desempenhar esse papel, pois é a sua mãe que faz essa função com seus filhos atuais.

## **Diário da Supervisão**

O único comentário nessa supervisão foi para retomar a fala sobre o desejo.

## **Memorial da Sessão 14**

D. inicia a sessão falando do casamento de sua amiga, do qual foi madrinha, conta que não se preocupou tanto no dia e que conseguiu aproveitar bastante a festa. Conta também que conseguiu falar para clientes que não iria conseguir terminar o trabalho (de formatação) e que isso foi algo muito importante para ela, conseguir fazer isso é algo muito importante para ela.

D. fala do seu irmão (adolescente de 15 anos que mora junto com ela na casa dos pais), fala que ultimamente ele andava agressivo (relatou isso nas sessões anteriores também), conta que conseguiu conversar com ele e se pôr à disposição para ajudar em algo, a partir disso ela fala que ele a confessou que fez uso de drogas. Ela conta que se sentiu segura para conversar com ele e para aconselhá-lo. Embora se preocupe com ele conseguiu lidar com isso sem “mergulhar no problema”; fala ainda que não perdeu o sono naquela noite. Eu falo para ela que realmente a sinto mais segura, lembro a ela de quando lidava com sua chefe e falava que se sentia insegura e digo que eu a sentia realmente perdida, mas agora a sinto mais forte e percebo que até a maneira de ela exercer seu altruísmo característico está diferente.

A partir disso ela fala que está se sentindo melhor, menciona como se sentia antes de iniciar o atendimento e de como está agora, fala que está muito feliz de estar conseguindo melhorar e

sem os remédios. Fala que muita coisa doía e ainda dói, mas agora é diferente, porque antes não sabia se conseguiria falar sobre tudo.

Fala do seu desejo de ser mãe e conta que fez um aborto (tinha mencionado o aborto em sessão anterior, mas não que tinha sido provocado), e diz: “Doeu bastante antes, durante e depois do processo e não era dor física”, diz ainda “É estranho sentir saudade de alguém que você não conheceu” e completa que quase pode ouvir esse bebê chorando. Se emociona e chora bastante, mas fala que estava muito frágil (em tom de desculpa). Diz ainda que por conta disso não sabe se é digna de engravidar novamente (chora muito). Fala que quer muito e repete isso várias vezes, conta que fisicamente está tudo bem, mas que tem medo de não estar pronta, no entanto fala que tem se preparado e continua repetindo que quer muito isso.

Eu falo que a sinto forte e que apesar de tudo que ela já relatou ela superou de algum modo. Falo sobre os desejos que ela traz e digo que eu senti que foi o mais difícil desse processo, mas que ela trouxe o desejo de ser professora e agora traz esse que eu sinto que é muito forte. Ela diz que ser professora é algo relacionado ao poder, por estar fazendo/transmitindo algo que você domina. Ela fala que ser mãe é algo desconhecido, mas é algo que quer muito viver agora mais madura em outra etapa e fica muito feliz quando fala isso.

## **Diário do Clínico**

Senti D. invocante e me sinto feliz com isso, não me sinto mais cansada, pois ela parece estar assumindo o protagonismo de sua vida. No momento que ela fala sobre como a escuta clínica a ajudou e compara o antes com o agora sinto um ar de despedida. Quando ela fala do aborto, sinto culpa e luto nela, mas ela parece lidar melhor com isso do que quando relatava a sua culpa na relação com a chefe. Quando ela fala do seu desejo de ser mãe, sinto que é algo muito legítimo nela e que é muito forte também.

## **Diário da Supervisão**

É percebido pelo coletivo que a paciente fez algumas passagens no seu percurso e tem início uma discussão sobre o fim do atendimento. Mais três sessões e encerramos o atendimento, sendo assim, os próximos Diário do Clínico e o Diário da Supervisão apresentados apenas no final, considerando que tratam de uma mesma temática: o fim do atendimento.

## **Memorial da Sessão 15**

D. começa a sessão falando sobre a ex mulher de R. e como apesar de não achar racional ela é uma sombra na sua vida, por ser uma mulher com bastante estabilidade e sucesso profissional e, por isso, ela acaba questionando o namorado se ele agiria da mesma forma que age com D. com a ex-mulher. Fala sobre estar passando um aperto financeiro por estar desempregada e que não gosta de depender financeiramente do namorado e nem dos pais. Fala que tem dificuldade de depender de qualquer forma de outras pessoas (emocionalmente e, principalmente, financeiramente), fala que está acostumada a os outros dependerem dela e não o contrário.

Comenta um processo seletivo para o qual foi chamada e diz que tem medo de voltar ao mercado de trabalho. Fala que pensou em se dedicar mais a estudar, mas que precisa de dinheiro e para isso precisa voltar ao mercado. Conta que há algum tempo ocorreu um processo seletivo para uma universidade e que ela não enviou o currículo, pois alguém lhe disse que o ambiente de lá era hostil e ela não estava pronta para lidar com isso. Fala que tem receio sobre esse processo de agora também.

Narra ainda sobre um medo que tem de fazer provas, tanto de concursos como de processos seletivos. Fala que no momento da prova fica pensando em tudo que pode acontecer para as pessoas

ao redor se ela passar (pais e filhos), fala que não busca sua aprovação, mas a aprovação dos pais, dos filhos e do namorado.

Eu faço uma intervenção e falo que sinto uma autopreservação que talvez seja por não querer ocupar outra vez o lugar que ocupava antes. Ela reclama que se auto-observa e isso ainda não é automático. Fala sobre tudo que tem feito a partir disso que observou em si mesma, fala que tem se cobrado mais em curto prazo do que em longo prazo, se preocupando com aquilo que precisa fazer no dia para não ficar paralisada. Fala de várias situações em que fica paralisada sem conseguir resolvê-las e do que tem feito para evitar esses momentos.

Falo para ela que a sinto mais protagonista da sua vida, pois tem traçado estratégias para lidar consigo mesma. Ela fala que está feliz por estar conseguindo fazer isso sem remédio: “Quando tomei remédio foi quando mais quis morrer”. Fala que não conseguia aceitar que seria uma muleta na sua vida para sempre, como dizia a psiquiatra. Diz que hoje valoriza mais a vida e se parabeniza por cada passo que dá.

Ao fim da sessão ela elabora as questões que trouxe. Fala que não precisa ser a esposa ou namorada perfeita e nem a mãe perfeita.

### **Memorial da Sessão 16**

Na sessão seguinte, D. chega falando que se sente bem, conta sobre o processo seletivo do qual participou e fala que conseguiu não focar seu pensamento em seus familiares enquanto estava fazendo a prova. Conta ainda que estudou sobre dinâmicas de grupo e disse que se sentiu bem mais segura do que se sentiu nos outros de que participou. Fala um pouco sobre o medo de voltar ao mercado de trabalho que havia mencionado anteriormente, mas agora fala em um tom mais despreocupado.

Fala bastante da sua relação com o namorado e de algo denominado por ela como “crise”, após um episódio em que ele

omitiu uma informação dela. Fala sobre como foi para ela fazer o manejo desse momento e diz que essas “crises” estão cada vez mais espaçadas; conta que após um dia sem conseguir produzir muito ela conseguiu lidar com a situação. Fala ainda de algumas dificuldades que tem com o namorado em relação a dinheiro e que o modo como cada um lida com esse aspecto é bastante diferente; após dar vários exemplos de como eles agem ela diz que isso precisa ser trabalhado tanto nela quanto nele e repete algumas vezes durante a sessão que alguns aspectos precisam ser trabalhados nele também.

A maior parte da sessão é tomada com essa problemática da relação com o namorado e dessa vez D. não traz a culpa toda para si, ressalta bastante que precisam ser trabalhadas questões nele e nela. Ao fim eu sinalizo que sinto que estamos chegando ao fim do nosso processo. Ela concorda e fala que se sente outra pessoa.

### **Memorial da Sessão 17**

A última sessão foi marcada pelo clima de retrospectiva. D. falou sobre como foi difícil para ela procurar o atendimento e o quanto estava adoecida no momento da busca. Fala sobre seu primeiro contato com o projeto de Clínica do Trabalho, algumas mensagens trocadas com a Coordenadora do Projeto, nas quais o seu sofrimento já foi reconhecido e põe esse reconhecimento no momento inicial da busca como de grande importância para ela. Ela narra agora, sem a fala confusa ou entrecortada do início do processo, como foi o dia em que falou em uma reunião no antigo trabalho que estava sofrendo por conta das condutas de sua chefe técnica. Em uma entrevista de emprego quando indagada o real motivo por ter saído da instituição anterior, ela reconhece que foi vítima de assédio. Na sessão ela fala que não tinha dimensão de ser assédio na época, pois se culpava pela conduta da chefe para com ela, nesse ponto traz novos comportamentos que a assediadora tinha para com ela que evidenciam a prática. Fala-se um pouco

sobre a centralidade do trabalho em sua vida, de como isso se coloca de maneira tão expressiva durante todo o processo, ela fala que o trabalho sempre foi algo bastante importante em sua vida e que ela sempre gostou de dar o seu melhor.

Durante a sessão, eu explicito para ela que o ponto alto do processo na minha experiência foi o momento em que o desejo veio à tona. Ela fala, e se emociona nesse momento, de como esse ponto foi importante, que ficava se questionando sobre quem era ela e o que ela queria e quando é mencionado o dia em que isso veio à tona ela fala: “Eu lembro o cheiro das flores daquele dia” após a sessão. Ela fala sobre as mudanças com as pessoas à sua volta, de não se envolver tanto em problemas alheios, isso que estava bastante correlacionado à tendência a sobrecarga que mostrava em alguns momentos. Sobre isso ela fala que está mais disciplinada quando vai escrever ou estudar para o mestrado, que tem respeitado os seus limites e os momentos em que não consegue produzir tanto.

Por fim, ela faz um agradecimento ao Projeto: “Vocês não têm noção do valor que é esse trabalho”. Fala sobre algumas inseguranças referentes ao encontro comigo, que a deixava temerosa para falar tudo que queria na sessão. A sessão termina com uma fala minha sobre a importância de ela insistir no seu desejo.

### **Diário do Clínico (Sessões 15, 16 e 17)**

Me senti bem durante o atendimento e feliz por perceber que D. está mais ciente de si mesma. Achei interessante como ela mesma elaborou as suas questões e chegou por si só a uma conclusão de que não precisa se culpar ou cobrar tanto de si mesma. Senti nas falas de D. que ela está mais tranquila para voltar ao mercado de trabalho; senti-a bastante segura e feliz quando relatou seu desempenho no processo seletivo. Me senti

segura para sinalizar o fim do processo e gratificada pelo processo de D.

### **Diário da Supervisão (Sessões 15, 16 e 17)**

É trazido para o coletivo, pela clínica, a concordância da paciente com o fim do atendimento no nosso Projeto. Estas últimas supervisões foram marcadas por poucas orientações, apenas pela escuta da estagiária, que também se despedia do seu estágio.

Finalizamos esta apresentação do caso, dando início a análise teórica que será realizada mais adiante, relatando primeiramente algumas notas, produzidas pela estagiária, sobre a supervisão realizada em conjunto com o professor Jean-Michel Vivès após o encerramento do atendimento.

No caso de D., observa-se uma destruição da dimensão do trabalho de modo que o Eu do sujeito sofre um ataque. O trabalho é usado como sutura narcísica, como sustento do Eu. Quando D. é assediada, uma parte interna sua contribui para reduzi-la a dejetos, ou seja, há uma parte sua que aceita ocupar esse lugar. É possível, ainda, enquadrar o caso dentro do tempo do trauma, sendo o 1º tempo o do trauma sexual e o 2º tempo o do trauma do trabalho. O 2º tempo ressoa no 1º e esse dá força e violência ao 2º.

Diana se identifica e se resume ao trabalho, de modo que sua identidade está fundida ao trabalho. Nesse sentido, o atendimento proporciona que sua identidade não se resuma a isso: “Sou bibliotecária”. D. passa a ser também bibliotecária, mas não apenas isso. O trabalho não é mais aquilo que a constitui narcisicamente. Ocorre agora a existência do sujeito. Trabalhar e amar são formas de se tornar sujeito, não existindo um sujeito do trabalho como também não existindo um sujeito do amor. O sujeito equivale ao desejo, de modo que se o desejo se interrompe é o sujeito que desaparece. Assim, o trabalho é sempre do sujeito e trabalhar é desejar!





## Trabalhar é desejar

A análise teórica da narrativa de Diana aponta potentes relações com os tempos da pulsão invocante do trabalho, em especial o Resistir-Desistir. A partir da relação com a chefe, o trabalho vai transformando Diana em sujeito do trabalho ao ser chamada de, no caso, suja, revivendo, assim, os imperativos do supereu materno. A dúvida sobre si mesma intensifica a neurose e leva Diana a resistir ao seu desejo. O tempo Insistir desloca o movimento de Diana quando há satisfação pulsional, vinculada ao desejo de ser amada, pelo reconhecimento que o trabalho permite ao se sentir valorizada pelos chefes e colegas.

A voz do supereu exteriorizada na figura da chefe evoca Diana a uma posição de dependência desse Outro. A fala que expressa sua crença de que a mãe quer dela que ela estude e resolva os problemas financeiros da família, como uma galinha dos ovos de ouro, ilustra esse imperativo. O trabalho clínico, nesse sentido, vai na contramão do que a chefe representa, essa voz repressora que não permite o trabalho do desejo. É um trabalho que insiste no pressentimento do sujeito em ser algo mais do que a voz imperativa o chama a ser, em descobrir pelo silenciamento da voz a fala e construir sua narrativa pelo trabalhar.

Ao longo das supervisões, diversas hipóteses e encaminhamentos do tratamento foram postulados. O fim do atendimento nos coloca frente a alguns desafios quanto à questão do fim do tratamento e da cura. Sendo o sujeito intratável e a

análise interminável, todo fim pode ser sempre um começo. Vale destacar que o caso de Diana é o primeiro a ser analisado pelo modelo da invocação da pulsão no trabalho proposto neste livro; aliás, ela nos invocou a buscar as aproximações teóricas entre as vozes do supereu e os modelos de gestão no trabalho capitalista. A frase “Trabalhe, e Cale-se” foi inspirada na chefe de Diana e, a partir dela, toda a análise do caso. Por essa razão, o trabalho do clínico e da supervisão não estão completamente analisadas nos registros do caso conforme o modelo proposto neste livro, deixando assim, muitas brechas para novas e outras análises do caso.

Uma dessas análises é a nossa impressão de ter sido precoce o encerramento do atendimento de Diana, decidido na décima quarta sessão. Para o fim, é importante o modo desembaraçado com que o paciente trata seu supereu e sua relação com a satisfação das pulsões, encontrando novos modos de gozo e reconhecendo o valor do trabalho para a sua vida. No caso de Diana, tenho dúvida se esta foi a saída. O tempo do Insistir fica mais evidenciado nas últimas sessões, embora a própria paciente verbalize que o percurso ainda está em curso. O mais intrigante é a última sessão (poderíamos ter voltado atrás na decisão do encerramento, mas não o fizemos), quando a paciente refere-se às suas inseguranças no início do tratamento para falar sobre tudo que queria com o clínico. Nesse lugar, fica evidenciada a transferência e talvez o início e não o fim do tratamento.

Na última supervisão não foi feito o luto. O fim do estágio e do atendimento é vivido com certa euforia e talvez idealização, o que pode indicar uma armadilha para se afastar da angústia da separação tanto do clínico quanto do coletivo de supervisão. É preciso ficar atento ao final do tratamento em uma Clínica-Escola, caracterizada pela rotatividade de estagiários e de pacientes pelas mais variadas razões: pessoais, sociais e institucionais. É uma tentação o clínico se manter no lugar de “anal-lista”, apegado às vozes do supereu, no controle e fixado em algum lugar, saindo do

sem lugar essencial para o sujeito tornar-se. Vale também alertar para todas as ideias veiculadas pelo discurso capitalista colonial e modelos de gestão discutidos ao longo deste livro que podem atravessar o trabalho clínico. Por isso, é sempre bom duvidar das certezas – sejam elas teóricas ou metodológicas – que envolvem o trabalho do clínico, da supervisão e o fim do atendimento.

Outro destaque importante na análise do caso é o modelo de gestão ao qual Diana estava exposta. Como observado, é uma gestão hierárquica e contraditória, ao mesmo tempo marcado pelo controle e pela flexibilidade. Esta contradição pode ser encontrada nas relações entre autonomia e delimitação do campo de ação de Diana. Uma autonomia controlada caracterizada pela oportunidade que o trabalhador tem de ampliar suas tarefas, planejar e estabelecer critérios de controle de qualidade e gestão de suas próprias atividades.

É um modelo taylor-fordista pautado nos princípios da separação entre concepção e execução e de comando hierárquico sobre o processo de trabalho. O fazer é extremamente controlado por normas e regras pautadas pela rigidez das tarefas dos executores e do próprio trabalho dos planejadores embora o discurso seja da descentralização das decisões, autonomia, flexibilidade, criatividade, incentivo à participação, valorização e qualificação dos trabalhadores.

Essas condições estão na base do discurso capitalista colonial. São vozes que ditam os imperativos do desempenho e equivalem o sujeito aos resultados que ele consegue alcançar. O insulto é um instrumento de gestão e produz um efeito poderoso por acessar a voz do supereu que confirma esse lugar de invocado como única saída para satisfação da pulsão. Calar tem um mais-degozar por lançar o sujeito na fantasia do gozo pleno ao ceder o seu próprio desejo ao desejo do Outro, supondo que, assim, sua demanda de amor será atendida.

Aliada a este modelo de gestão, uma questão deve ser mencionada a respeito da identidade do trabalhador. Temos

observado nos atendimentos uma nítida relação entre a profissão, a função ocupada e o adoecimento. Por exemplo, no caso de Diana, ser bibliotecária assume um sentido. A biblioteca é algo sempre secundário nas instituições, o que pode exercer influência nos modos de apelos e chamados feitos ao sujeito.

Também a demanda para funcionar nas lógicas histórica e obsessiva tem um papel no adoecimento de Diana. Ela desliza entre ser e ter o falo, explicitado na dúvida entre pedir demissão e ser demitida, o que remete ao tempo Resistir-Desistir, calar e gozar, como modo de satisfação pulsional. A tendência das organizações capitalistas é a neurotização cada vez maior dos trabalhadores, transformando-os em seres infantis e dependentes para, em nome da promessa de satisfação plena das pulsão pela recusa da castração e desamparo, explorar a servidão, a virilidade e a aceleração – sintomas sociais que sustentam os interesses do capital. Surgem assim as patologias e o adoecimento. O discurso é proferido com base na presença tirânica do Outro que deixa o sujeito boquiaberto, como Diana se encontrava no início de seu tratamento.

Através da escuta clínica é possível desboquiabrir Diana ao manejar o trauma da violência que interrompe o circuito da pulsão invocante. Na radicalidade, podemos dizer que o capital trabalha para o supereu, pois libertar-se dele implica colocar em cheque a violência social e política da tirania dos modelos totalitários introjetados. Livre, o que importa para o sujeito é desejar, independentemente da resposta esperada na demanda do Outro. O Outro não tem mais poder sobre ele, nascendo, então, a possibilidade de curar-se das causas do sofrimento insuportável, vivido pelo trabalhador exposto à violência.

Esse trabalhador, pela voz do clínico, é reconhecido como sujeito não sendo reduzindo a seu cargo, função, empresa ou qualquer coisa que o coloque num único lugar, pois o sujeito não tem lugar na cadeia de significante, está sempre em movimento. Diana escutava de sua mãe: “engula o choro...”, o que a fez levantar

a questão ao longo das sessões: “Onde que errei?” vivência que se repete no trabalho quando é humilhada pela chefe. A escuta gradualmente leva Diana a uma outra posição de menos dependência do Outro e mais silenciamento das vozes do supereu.

Para sustentar essa situação de violência, laço que articula o social e o psíquico, existe um consentimento e, ao mesmo tempo, uma sensação de que há algo de errado nesse mesmo laço. É um trauma que faz reviver outros traumas do sujeito. Há um encontro entre as vozes do supereu introjetadas e aquelas proferidas pelo discurso capitalista colonial. A culpa e a vergonha tomam conta do adoecido por não conseguir decifrar o enigma que o sintoma social produz. Ele repete com o clínico esta relação pela transferência e o clínico, não respondendo à sua demanda, abre caminhos para ele desidentificar-se com esse “lugar de lixo”. O olhar-voz do clínico é essencial bem como são suas interpretações, do tipo: “Desde sempre você vive como alguém que não tem importância...”

É preciso coragem para não cair no feitiço do “canto da sereia” e se afogar; requer negociar com o supereu, o que implica no risco do desejo e da castração. O supereu faz exigências tão grandiosas que incessantemente demandam o impossível do Eu, diz Freud nos *Manuscritos inéditos de 1931*. É essa demanda que o capital tem exigido por meio da acumulação e do consumismo. O supereu nunca está satisfeito com o que quer que o Eu consiga realizar na vida. Adverte ininterruptamente: “Você precisa fazer do impossível o possível, você é capaz disso”. Este *ser capaz* é o imperativo do gozo que se contrapõe à castração tão denegada pelo capital.

A cura está em resistir à tentação da submissão às vozes do supereu social, profissional, maternal – qualquer que seja – e suportar a culpa sem submeter o desejo à demanda do Outro. Falar mesmo que seja interdito, insistir mesmo com o risco de ser rejeitado e driblar o supereu, que sempre vai tropeçar sobre a realização do desejo.

Assim, simbolizar o trauma é essencial para o tratamento, uma vez que o trabalho é tão estruturante para o sujeito quanto a sexualidade. O trabalho funciona como um sustentáculo do Eu, podendo produzir no sujeito uma fissura narcísica que o faz adoecer. O trauma sexual e o trauma profissional ressoam um no outro, levando o trabalhador a se identificar e criar um Eu do trabalho, que é fomentado pelos preceitos do capital e legitimado pelo discurso colonial. O trabalhador é colonizado e se submete a essa condição, sendo a elaboração uma possibilidade de dar voz ao desejo.

Elaboração que implica no trabalho do sujeito. A neurotização pelo trabalho capitalista – trabalho morto, inibe o sujeito que só existe fora de si mesmo na alienação, um sujeito do trabalho, colonizado, escravizado, submetido à demanda do Outro capital. O capital reduz a dimensão do si mesmo (sujeito) ao eu, ao indivíduo indivisível, pleno, completo, não castrado. Descolonizado, o trabalho do sujeito e do desejo se equivalem, e assim, o trabalho associado ao trabalhar se contrapõe ao trabalho capitalista assalariado.

Enfim, muitas trilhas ainda precisam ser percorridas a fim de descobrir (ou não) o poder do trabalho para uma existência ético-política do sujeito. Mas seja qual for o caminho, seguirei acreditando que por mais que o capital tente nos fazer acreditar no fim do trabalho humano, o trabalho do sujeito – que é o trabalho do desejo – nunca será vencido!

## Referências

BREUER, Josef e FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria (1893-1895). Obras completas. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

DOR, Joel. Estruturas e clínica psicanalítica. Rio de Janeiro. Taurus- Timbres. 1991.

FREUD, Sigmund. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago. 1996:

(1904). Sobre a psicoterapia. Volume VII

(1905). Epílogo do caso Dora. Volume VII

(1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Volume VII

(1909). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. Volume X

(1912). Recomendações aos médicos que exercem psicanálise.

Volume XII

(1912). Recordar, repetir, elaborar. Volume XII

(1912). A dinâmica da transferência. Volume XII

(1913). Sobre o início do tratamento. Volume XII

(1914). Introdução ao Narcisismo. Volume XII.

(1923). O id e o ego. Volume XIX

(1926). Além do princípio do prazer. Volume XVIII

(1930). Mal estar na civilização. Volume XXI

(1937). Análise terminável e interminável. Volume XXIII

(2017). Manuscritos inéditos de 1931. Edição bilíngue. São Paulo: Editora Blucher.

HAMRAOUI, Eric:

(2013). Trabalho vivo, Subjetividade e cooperação: aspectos filosóficos e institucionais. Em: Merlo, A, Mendes, A. M e Moraes, R. D. O sujeito do trabalho: entre a saúde e a patologia. Curitiba: Editora Juruá.

(2014). Souffrance au travail, politiques de santé publique, management humaniste et évaluation: la vie pour enjeu de questionnement. Trabalho & Sofrimento. Práticas Clínicas e Políticas, Curitiba, Juruá editora/Psicológica, p. 115-138.

(2014a). La vitalité, la vie et le travail. *Perspectives interdisciplinaires sur le travail et la santé (PISTES)*, 16-1, p. 1-22.

(2016). Sens du travail et temporalite. Revista Trabalho (En)Cena. Jul. /Dez. 2016, Vol. 01 n. 2, pp. 4-15

LACAN, Jacques. Jacques Lacan: O Seminário. Rio de Janeiro: Zahar. 1992:

(1953). Livro 1. Os escritos técnicos de Freud.

(1959). Livro 7. A ética da psicanálise

(1962). Livro 10. A angústia

(1969). Livro 17. O avesso da psicanálise

MARX, Karl. Manuscritos filosóficos-econômicos de 1864-1868. São Paulo: Boitempo.

MIELE, Paola. (2014). Seminário Savoir-faire and the frame of cure. Après-Coup Psychoanalytic Association. New York. <http://www.apres-coup.org>.

SCHOPENHAUER, Arthur. (1860). *Dores do mundo*. Rio de Janeiro: Edipro. Edição brasileira de 2014.

VIVÈS, Jean-Michel:

(2009). Para introduzir a questão da pulsão invocante. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 12(2), 329-341.

(2009a). A pulsão invocante e os destinos da voz. *Psicanálise & Barroco*. 7 (1), 186-202.

(2012). *A voz na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contracapa, Corpo Freudiano/ seção Rio de Janeiro.

(2012a). *Voz e música no divã de Jean-Michel Vivès - ou O canto surdo de um analista*. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. 15(4), 926-928

(2013). *A voz na psicanálise*. *Reverso*. 35(6), 19-24.

(2016). *De l'improvisation maternelle*. *Cliniques Méditerranéennes*, n° 93, *Improviser en psychanalys(t)e*. Toulouse, Eres. p. 29-41.